

Avante!



**PS recusa
agendar
proposta do PCP**

Pela reposição da taxa bonificada

O PS recusou terminantemente o agendamento do projecto de resolução do PCP que visa a suspensão da descida da bonificação da taxa de juro do crédito à habitação. A bancada socialista na Assembleia da República adia assim a discussão de um problema que atinge dezenas de milhares de famílias portuguesas.

Págs. 5 e 6

Festa do «Avante!»

Encontro com o Poeta

Canto e Castro vai proporcionar, na Festa, um encontro com a poesia de José Gomes Ferreira. É no *Avanteatro*, que promete surpreender o seu público fiel e se propõe chegar a um número mais alargado de visitantes.

Págs. 15 a 18

Projecto do PCP

Respeitar os imigrantes

O Serviço de Estrangeiros tem poder a mais – considera o PCP que se prepare para acrescentar um projecto de lei que visa alterar o regime de entrada, permanência e afastamento de estrangeiros em território nacional.

Pág. 32

Festa da Alegria

Cultura e fraternidade

O Parque de Exposições de Braga prepara-se para receber, nos próximos dias 7, 8 e 9 de Julho, milhares de visitantes para quem, ao longo de mais de uma década, a Festa foi espaço de convívio, cultura, encontros e reencontros.

Pág. 7

Entrevista com o Vice-Ministro da Cultura de Cuba



Notícias do bloqueio

Luís Felipe Vasquez, Vice-Ministro cubano da Cultura, veio a Portugal com o objectivo de lançar desde já algumas pistas para a participação portuguesa no II Congresso Cultura e Desenvolvimento, a realizar em Havana no próximo ano. Falou ao «Avante!» sobre a preparação desta iniciativa internacional. E também deu notícias do bloqueio e da luta do povo cubano rumo ao desenvolvimento.

Págs. 14 e 19

Avante!
Proletários de todos os países
UNÍ-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93

E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Ligia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continente e Regiões
Autónomas)

50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00

EUROPA
50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU
50 números: 23 000\$00

* Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Resumo

21 Quarta-feira

Realiza-se na Assembleia da República um debate sobre as drogas • Uma explosão em Belfast num bairro densamente povoado por católicos, provoca dois feridos, o ataque é atribuído ao grupo paramilitar lealista Ulster Freedom Fighters (UFF) • Realiza-se em Moscovo a Cimeira da CEI (ex-repúblicas soviéticas), onde é apoiada a posição da Rússia em relação ao Tratado de Defesa Antimissil • As organizações de defesa dos direitos humanos no Zimbabwe acusam o governo de treinar jovens desempregados para acções de intimidação.

22 Quinta-feira

Tem início em Lisboa a segunda Conferência de Doadores para Timor Leste, que reúne com o objectivo de fazer um balanço sobre os gastos feitos no território • O Governo desmente a notícia do *diário económico* de querer importar resíduos industriais estrangeiros para a fase de experimentação da co-incineração • Le Pen, presidente do partido de extrema-direita francês Frente Nacional, anuncia oficialmente a candidatura de Charles De Gaulle, neto do general do mesmo nome, à Câmara de Paris • O partido ultra-ortodoxo israelita Shas decide não abandonar a coligação no governo israelita.

23 Sexta-feira

O Ministro da Economia e Finanças admite em entrevista à TSF a criação de um orçamento rectificativo para 2000 • É assinada, na capital do Benim, a Convenção UE/ACP • O presidente iraniano, Mohammad Khatami, realiza uma visita a Pequim onde apela à «resistência» contra a influência ocidental e contra a globalização • A comunidade internacional reage contra a execução de Gary Graham, que foi condenado à morte no Texas (EUA) com base num universo de cinco testemunhas contraditórias.

24 Sábado

A selecção nacional de futebol vence a Turquia por duas bolas a zero, qualificando-se assim para as meias-finais do Campeonato Europeu 2000 • Um agricultor no Sabugal mata a tiro duas pessoas, entregando-se em seguida ao Grupo de Operações Especiais da GNR • Realizam-se elei-

Imigrantes manifestaram-se em Lisboa

ções no Zimbabwe, onde o actual presidente Robert Mugabe se afirma vencedor • São libertadas as últimas quatro mulheres reféns no Parlamento das Fiji, continuando no entanto as negociações com o governo militar provisório • Mais de 400 mil cubanos voltam a manifestar-se para exigir o regresso de Elián.

25 Domingo

Várias comunidades de imigrantes em Portugal manifestam-se na Baixa lisboeta, exigindo o direito à residência e documentação • A ETA leva a efeito mais um atentado com um carro-bomba num bairro nos arredores de Bilbao, não provocando quaisquer vítimas • Na África do Sul, os dois maiores partidos da oposição, Partido Democrático (direita liberal) e Novo Partido Nacional (defensor do *apartheid*), anunciam a sua fusão, tendo o partido no poder definido esta aliança como um «regresso ao passado» visando «preservar os interesses dos brancos».

26 Segunda-feira

Realiza-se em Lisboa a Cimeira UE/Canadá • Dois investigadores inspecionam os depósitos de armas do IRA, afirmando-se satisfeitos com o estado de segurança em que o material bélico se encontra • Reúnem-se em Varsóvia os altos responsáveis de mais de cem países, com vista a participarem num encontro de dois dias sobre democracia • Começam as contagens de votos no Zimbabwe, onde alguns observadores afirmam que o conceito de eleições livres e honestas não se aplica a este escrutínio.

27 Terça-feira

Jacques Chirac, a três dias da tomada de posse da presidência da União Europeia, revela que a França é defensora da elaboração de uma constituição europeia por «um grupo pioneiro» da União • No Zimbabwe as eleições legislativas mantêm a maioria absoluta do partido de Mugabe, tendo no entanto o MDC (partido da oposição) conquistado 57 lugares no parlamento • Um antigo suboficial das forças armadas chilenas confirma que o Estádio de Santiago serviu com campo de execução de prisioneiros políticos durante a ditadura de Pinochet • As Forças Armadas indonésias impõem o recoller obrigatório nas Molucas sendo incapazes de por um fim à violência entre cristãos e muçulmanos, que chegam a provocar cem mortos numa semana.

Distribuição e assinaturas

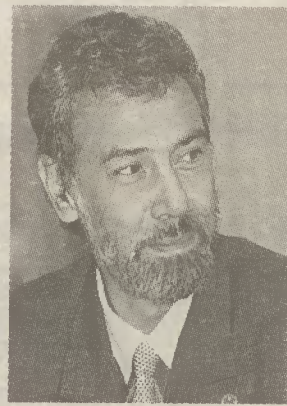
Conforme temos vindo a assinalar, a morada da Distribuição da Editorial «Avante!» mudou para - Av. Gago Coutinho, 121, 1700 Lisboa. O número de telefone passa a ser, para a distribuição e assinaturas o seguinte:

218 429 836

Aconteceu

Conferência de Doadores com presença de Xanana

Realizou-se em Lisboa a Conferência de Doadores de Timor Lorosae, que funcionou durante três dias no Centro Cultural de Belém e onde a Administração Transitória das Nações Unidas em Timor Lorosae (UNTAET) prestou contas do actual mandato. A Conferência foi considerada um sucesso quer pelos responsáveis da UNTAET, quer pelos representantes do FMI presentes. Sérgio Vieira de Melo, um dos responsáveis da UNTAET, viu aprovado pela Conferência o acréscimo de três milhões de contos ao orga-



mento para 2000-2001 e reforçadas as promessas financeiras de cerca de 100 milhões de contos feitas pelos países doadores na reunião de Tóquio. A maioria desses países doadores assinalou que a maior parte das verbas prometidas só estaria disponível perto do final do ano, após a aprovação dos diversos orçamentos nacionais. Xanana Gusmão, que esteve presente na Conferência à frente de uma representação do CNRT, afirmou-se satisfeito por, mais uma vez, a comunidade internacional ter respondido «positivamente» aos pedidos do povo timorense.

Portugal nas meias-finais

A selecção portuguesa derrotou por 2-0 a selecção da Turquia, classificando-se para as meias-finais do Campeonato Europeu de futebol, actualmente a disputar-se na Bélgica e na Holanda. Nas meias finais Portugal irá enfrentar a selecção da França que, entretanto, eliminou a Espanha. O encontro com a França, marcado para esta quinta-feira, ainda não se tinha realizado à hora do fecho desta

edição. Caso Portugal vença os gauleses, irá disputar a final no próximo sábado com o vencedor da outra meia-final entre as selecções da Holanda e da Itália. A vitória de Portugal sobre a Turquia por 2-0 podia ser bem mais dilatada, atendendo às numerosas ocasiões de golo criadas sobretudo na segunda parte e que os jogadores portugueses, perdulariamente, foram desperdiçando.

Sigilo bancário menos «sigiloso»

Segundo o Primeiro-Ministro António Guterres, há a «possibilidade» de a administração fiscal ter acesso às contas bancárias sem autorização judicial, mas só em determinadas condições, o que constituirá um tímido avanço em direcção ao tão reclamado levantamento do sigilo bancário para um com-

bate sério quer à fuga ao fisco, quer a outros crimes económicos como branqueamento de dinheiro resultante de tráfico de drogas ou de armas. Este anúncio de Guterres insere-se numa presumível reforma fiscal que o Governo afirma ir propor no próximo debate do «Estado da Nação», a reali-

zar na Assembleia da República amanhã, dia 30. A confirmar-se, esta reforma fiscal continuará muito à quem do que o país necessita neste sector estratégico, com implicações directas em toda a vida nacional, quer do ponto de vista do investimento, quer do desenvolvimento ou da justiça social.

Imigrantes protestam

Diversas comunidades de imigrantes em Portugal manifestaram-se vigorosamente na baixa pombalina, em Lisboa, contra as alterações à lei de estrangeiros preconizada pelo Governo de António Guterres onde, por Decreto-Lei assinado pelo ministro da Administração Interna, Fernando Gomes, se pretende implementar um novo tipo de «legalização» de estrangeiros indocumentados: em vez da legali-

zação, passar-se-á a conceder uma «autorização de trabalho» por um ano e renovável até ao prazo máximo de cinco anos, altura em que serão expulsos, perdendo o direito à naturalização que os cinco anos de residência contínua lhes daria. Os manifestantes empunhavam cartazes afirmando «Direitos iguais, escravatura não!» ou «Vistos de trabalho não, documentos sim!».



Crónica Internacional

• Jorge Cadima

Dissolver a NATO

Na semana passada, o partido italiano dos Democráticos de Esquerda (DS) divulgou um *dossier* sobre «Massacres e terrorismo em Itália, desde o fim da [II] Guerra [Mundial] até 1974». Esse relatório (disponível na Internet) acusa, sem ambiguidades, os EUA e os seus tentáculos (NATO, CIA) de estarem por detrás da longa história de crimes de sangue com que se travou, naquele país, o ascenso do movimento operário e popular, e a possibilidade de o Partido Comunista Italiano chegar ao poder, por via democrática e eleitoral.

Afirmando ser difícil «indicar a data de início da estratégia dos EUA em relação a Itália», afirma no entanto ser «anterior ao fim da II Guerra Mundial». «É nesta base que começa a “guerra” americana contra a Itália, não apenas contra o PCI ou a esquerda, mas contra o país inteiro, a quem será impedido, por todos os meios, de decidir autonomamente quem deverão ser os seus governantes. Impedir, nem que seja através duma nova guerra, que as esquerdas possam – legitimamente e através de eleições livres e democráticas – chegar à governação do país (...). Nesta guerra ao comunismo, não faltam aliados aos EUA, mesmo entre os inimigos da véspera (...). Assim, passado pouco tempo, ao lado dos homens da CIA e aos militares da NATO, encontramos elementos da OVRA (a polícia política de Mussolini), e sectores da maçonaria, as hierarquias do Vaticano e parte das da Democracia Cristã (...) monárquicos e ex-fascistas (...). E os Serviços americanos não renunciaram sequer a cultivar boas relações com a mafia logo no fim da guerra, uma vez que esta “pela sua natureza anticomunista, é um dos elementos sobre os quais se apoia a CIA para manter sob controlo a Itália”. (...) A Itália foi um país de “soberania limitada” (...)

Nesta guerra ao comunismo, não faltam aliados aos EUA, mesmo entre os inimigos da véspera

onde durante 45 anos os Estados Unidos determinaram as opções de política interna e internacional, as suas políticas económicas e industriais, tais como as sociais e sindicais».

O Relatório dos DS confirma a posição que o nosso Partido sempre tomou em relação à NATO, reafirmada no Comunicado da Comissão Política de 5.4.99 onde se diz: «A criação da NATO, em 4 de Abril de 1949, teve como objectivo supremo colocar a Europa Ocidental sob a hegemonia dos EUA, impedir qualquer transformação de carácter progressista nos países signatários, dividir profundamente a Europa e combater a União Soviética e restantes países socialistas do Leste Europeu».

O *dossier* dos DS deixa claro que esta estratégia não se aplicou apenas em Itália: «É difícil não ver um centro de comando único (...) nos episódios que no Ocidente, da Europa à América do Sul, assinalaram estes 50 anos de pós-guerra (...). Em 11 de Setembro de 1973, os aparelhos da guerra fria aplicaram no Chile aquilo que já tinham experimentado na Europa, e em particular em Itália, a partir do final da II Guerra Mundial». E aponta claramente para a implicação directa duma «rede CIA/NATO», operando a partir da base da NATO em Verona, nos atentados sangrentos que enlutaram a Itália durante cerca de 20 anos. Não podemos deixar de pensar nos acontecimentos pós-25 de Abril em Portugal, com os assaltos aos Centros de Trabalho e a rede bombista. A ponta do véu também começa a ser confessada por cá, como o camarada Álvaro Cunhal ilustra no seu recente livro «A verdade e a mentira na Revolução de Abril (a contra-revolução confessa-se)».

Surpreende ver estas conclusões num *dossier* dos DS, um Partido que renegou o rico património histórico revolucionário do PCI, que nos últimos anos aderiu à Internacional Socialista e que passou a defender a NATO, a ponto de ter sido com um seu militante em Primeiro-Ministro que a Itália participou na primeira linha da agressão militar contra a Jugoslávia. Talvez seja o reflexo da profunda crise interna a que o desastre da sua participação governamental está a conduzir esse Partido. Ou talvez um sinal de crescentes rivalidades inter-imperialistas. Mas isso não afecta a validade das lições contidas no relatório agora divulgado, e que se podem sintetizar nas palavras do almirante alemão Schmachling, falando em Nova Iorque perante o Tribunal contra os Crimes de Guerra dos EUA/NATO na Jugoslávia: «a NATO é uma organização criminoso, que deve ser abolida».

Editorial

EM NOME DA DEMOCRACIA

Há, na nova ordem que hoje procura dominar tudo e todos, uma componente de hipocrisia e de falsidade que se tem revelado perigosamente eficaz e muito tem contribuído para os avanços desse domínio.

Violar a democracia e os direitos humanos em nome de uma pretensa defesa desses valores; esconder a defesa dos interesses dos grandes e dos poderosos por detrás de uma pretensa defesa dos interesses da humanidade; camuflar o abuso da força para o domínio do Mundo com uma pretensa preocupação humanitária; ocultar as responsabilidades directas no sofrimento de milhões de seres humanos com um manto de pretenso humanismo: eis algumas das mistificações e hipocrisias que, mil vezes repetidas, vão ganhando terreno e ocupando abusivamente o espaço da verdade.

A situação da Jugoslávia é exemplar deste estado de coisas. A crítica, em muitos aspectos justa, a práticas do Governo de Belgrado, é o pretexto utilizado pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia para recurso a práticas semelhantes, e até mais graves, visando a integração total da Federação jugoslava na nova

“Nos últimos doze meses, o Kosovo tem sido palco de uma onda de violências e limpezas étnicas”

ordem e a sua sujeição servil aos seus ditames. E fazem-no, é claro, à sua maneira: invocando a democracia mas violando-a; invocando os direitos humanos mas espezinhando-os; invocando os mais nobres interesses mas pensando, apenas e só, no seu interesse de domínio total do Mundo.

Há cerca de um ano, o Conselho de Segurança da ONU aprovou uma Resolução que, impondo um conjunto de condições ao Governo de Belgrado, punha termo aos bombardeamentos da NATO contra a Jugoslávia e reconhecia o Kosovo como parte integrante daquele país. Hoje (e apesar de a Jugoslávia ter cumprido as condições que lhe foram impostas), por efeito de constantes violações dessa Resolução por parte da missão da ONU, o Kosovo está transformado num protectorado da NATO e da ONU onde o direito internacional e os direitos humanos são todos os dias brutalmente ignorados e violados.

Nos últimos doze meses, o Kosovo tem sido palco de uma onda de inqualificáveis violências e limpezas étnicas. Mais de 350 mil pessoas (sérvios, na sua maioria) foram forçadas a abandonar a região; múltiplos ataques terroristas provocaram a morte de mais de mil pessoas (sérvios, na maior parte); mais de 50 mil casas (a maior parte delas de sérvios) e 86 igrejas e mosteiros

medievais foram destruídos e incendiados; o Kosovo transformou-se numa importante plataforma de tráfico de droga, por lá passando 80% da heroína distribuída na Europa – tudo isto sob os olhos democráticos e humanitários da missão da ONU e perante o quase total silêncio da generalidade da comunicação social dominante.

Tal situação, no entanto, não parece preocupar minimamente os EUA e a UE, que canalizam todos os seus esforços e atenções para o objectivo de derrubar e substituir o Governo de Milosevic – e, para isso, recorrem a métodos e práticas da família das que, com tanta veemência democrática, criticam ao Presidente da Jugoslávia.

Em 23 de Junho, o Conselho de Segurança da ONU impediu que o representante da Jugoslávia participasse e interviesse numa reunião sobre a actual situação nos Balcãs: «Não seria apropriado permitir que um representante desse Governo utilizasse o Conselho numa discussão sobre o Kosovo», decretou o representante dos EUA. Por seu lado, Xavier Solana, falando em nome da UE, defendeu a integração dos países da região naquilo a que, com notável preciosismo, chamou «a corrente política e económica da Europa». Segundo Solana, o Governo de Milosevic – pelas «suas acções e políticas violadoras da democracia e dos direitos humanos» – constitui «o principal obstáculo» a essa integração pelo que deve ser substituído. Esta ilegítima proibição da participação do legítimo representante da Jugoslávia na discussão dos problemas do seu país – atitude sem precedentes na história da ONU – somada aos bombardeamentos do primeiro semestre do ano passado e às brutalidades e crimes cometidos de então para cá, confirmam exemplarmente que, em matéria de violações da democracia e dos direitos humanos, os EUA e a UE nada têm a aprender.

Elucidativa é, igualmente, a entrevista de Seixas da Costa, secretário de Estado dos Assuntos Europeus, ao «Jornal de Notícias» de 24.6. Disse ele, com inaudita desfaçatez, que a UE «tem feito um isolamento da Sérvia (...) tem mantido algumas sanções mais gravosas», enfim «tem feito a vida negra ao senhor Milosevic». Só lamenta que «a oposição jugoslava não consiga apresentar uma alternativa coerente e sólida para a substituição do regime». A acção contra o Governo jugoslavo vai ao ponto de a UE ter criado um fundo de financiamento especial destinado aos municípios onde a oposição é maioritária – financiamento que, confessa Seixas da Costa cheio de fervor democrático, «fura um pouco o próprio bloqueio que a UE impôs a Belgrado através de uma discriminação positiva»...

Estamos, assim, perante a exibição concreta de diversificadas aplicações concretas de um muito característico conceito de direito de ingerência. Imposições, chantagens, terrorismos, bloqueios, bombardeamentos ao sabor dos sacrossantos interesses dos donos do Mundo – que são, simultaneamente, os donos da força das armas – constituem, hoje, os instrumentos de intervenção essenciais utilizados contra quem quer que seja que recuse submeter-se às ordens do imperialismo norte-americano e dos seus aliados. Com a agravante, insiste-se, de tudo isto ser feito em nome da democracia.

Actual Estória mal contada

• José Casanova

Na passada segunda feira, 26 de Junho de 2000, foi finalmente divulgado o texto que se diz ter sido escrito, em 3 de Janeiro de 1944, pela irmã Lúcia, e que contém «a terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917» em Fátima. Diz a irmã Lúcia que escreveu o que escreveu «em acto de obediência a Vós Deus, que mo mandais por meio de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe» e consta o segredo, no essencial, do aviso de que «um Bispo vestido de Branco» «foi morto por um grupo de soldados que lhe disparavam vários tiros e setas».

Sem pretender competir com o cardeal Ratzinger na interpretação do texto, não posso deixar de sublinhar o seguinte: se bem entendo, Lúcia recolheu o segredo em 1917 e, certamente influenciada pela terrena ideia de que um segredo é isso mesmo e não coisa para badalar aos sete ventos, guardou-o bem guardado dentro de si. Em 1944, no entan-

to, disse-lhe o Bispo de Leiria que devia passar a escrito, na sua tripla dimensão, o dito segredo e ela assim fez não sem antes ter procedido a algumas actualizações indispensáveis (nomeadamente no que respeitava à «conversão da Rússia», «segredo» de que, por razões óbvias, só começou a falar doze anos depois das «aparições»). Entretanto foi divulgando alguns pequenos segredos de ocasião, como aquele que o cardeal Cerejeira fez chegar a Salazar e segundo o qual a Virgem Maria considerava o ditador fascista como um predestinado para governar Portugal.

O texto de Lúcia foi guardado no Vaticano e a sua terceira parte ficou no segredo dos papas até que João Paulo II decidiu divulgá-la. Pode dizer-se, então, que é ao Bispo de Leiria (in illo tempore) e ao Papa (hoje) que devemos a recente revelação. Tenho para mim que a decisão de João Paulo II de se considerar o «Bispo vestido de branco» descrito por Lúcia é um

pouco forçada: o Papa sofreu um atentado, é certo, mas não «foi morto», salvou-se graças a uma «outra mão» que «desviou a bala» e, assim sendo, ou o Papa cedeu a uma terrenal ânsia de protagonismo, ou o segredo estava errado, ou Lúcia ouviu mal, ou Alguém houve por bem – e sem segredar nada a ninguém – corrigir o fatídico desenlace anunciado. Aliás, e bem vistas as coisas, o caso que mais se aproxima do relato de Lúcia é o do assassinato do arcebispo Óscar Romero, de facto «vestido de branco» no momento em que, às ordens do regime fascista de El Salvador e da CIA, foi abatido a tiro quando procedia à comunhão de fiéis – sem que a «outra mão», talvez por na altura estar entregue a ocupações mais relevantes, interferisse no rumo das balas assassinas.

Estória mal contada, é o mínimo que se pode dizer desta operação que, além disso, constitui um brutal atentado à inteligência e à fé sincera de milhões de católicos.

Mas temos pena

• Vítor Dias

Numa prova de sábia coordenação (ou de falta dela, para quem ache que o que é de mais também enoja), o director e o director-adjunto do «Expresso» juntaram-se os dois à esquina da última edição a tocar numa velha concertina umas modinhas contra o PCP que têm como faiscante inovação e talentoso rasgo criativo o serem, no essencial, iguais a outras ali tocadas há cinco, dez e vinte anos.

Com vontade de ofender, o director proclamou que «o PCP já é História», coisa que não nos atrevemos a contestar (até os relativamente recentes PS, PSD e CDS já são História, quanto mais o PCP), até porque desconfiamos que o Arq. Saraiva o que queria dizer era, em sentido corrente, que o PCP já teria «passado à História».

Por sua vez, o director-adjunto (sai mais uma engraxadela ao dr. Marques Mendes) chamou ao PCP um «caso único de autismo e esclerose», sendo certo que ele é que sabe dessa poda, pois foi ele que, há uns bons anos, se pôs a fazer uns cálculos matemáticos sobre as perdas de votos do PCP e logo concluiu que, por volta de 2000, o PCP já estaria à beira da extinção eleitoral. E, no entanto, chegados a 2000, se gasta 149 linhas a malhar no PCP, não deve ser propriamente para bater em mortos.

Anos e anos de polémicas (que nunca o chegam a ser) com estes «fazedores de opinião» (que gostam de bater e fugir, mas não de dar troco ou responder seriamente) ensinaram-nos que jamais vão sair das sentenças arrogantes,

das florestas de enganos, das incompreensões cavalares, da volúpia das etiquetagens e do horror aos conteúdos, da mesma ruminada salada de caricaturas, deturpações e preconceitos.

Mas, sinceramente, temos pena. Porque era infinitamente mais decente, mais esclarecedor e mais verdadeiro que, sem disfarces, dissessem que os incomoda que haja em Portugal uma força sólida, coerente, com fortes raízes populares e dotada de grande capacidade de luta e de proposta que pugna por ajudar a desenhar um outro horizonte de futuro alternativo ao capitalismo; que os incomoda, não apenas o projecto político de mais largo fôlego e perspectiva do PCP, mas sobremaneira a acção que desenvolve hoje em torno dos mais variados problemas, causas e valores; que os incomoda que o PCP perturbe essa «paz dos anjos» dos interesses do grande capital e esse autêntico «cemitério da mudança» que seria um quadro partidário limitado ao PS, ao PSD e ao CDS-PP. E por aí fora.

Mas também, bem vistas as coisas, se Paulo Portas ameaça com uma moção de censura dizendo que é por causa da falta de aumentos das reformas quando está é amarelo de raiva por não se facilitar o negócio do século aos fundos de pensões e seguradoras privadas, acaso poderíamos pedir aos responsáveis do «Expresso» que confessassem o que, verdadeiramente, lhes vai na alma quanto ao PCP?

Balanços

• Anabela Fino

O processo de mundialização tem um potencial económico enorme, mas contém igualmente em si o germe da progressiva exclusão social». A afirmação não é do PCP, não senhor, nem de nenhum dirigente comunista, desses apontados amiúde como arautos da desgraça. A afirmação é de insuspeitos peritos que no início da semana se juntaram em Paris na conferência europeia sobre o desenvolvimento organizada pelo Banco Mundial e pelo Conselho de Análise Económica francês.

O diagnóstico foi feito logo na abertura dos debates e não podia ser mais demolidor: a não serem alteradas as políticas dos países desenvolvidos, o mundo caminha para um desastre social de dimensões incalculáveis.

A idêntica conclusão chegaram a ONU e as instituições financeiras mundiais, também esta semana reunidas em Genebra.

Os números da ONU falam por si:

três mil milhões de pessoas vivem com menos de dois dólares (426 escudos) por dia, sendo mais de 1200 milhões as que vivem com menos de um dólar por dia; 150 milhões estão desempregadas; 750 milhões encontram-se numa situação de subemprego; 800 milhões não têm acesso a cuidados de saúde; 33 milhões estão infectados pelo vírus HIV/SIDA e 850 milhões são analfabetas. A manter-se a actual tendência, em 2015 mais de 100 milhões de crianças em todo o mundo não terão acesso à educação.

E entretanto aumenta o fosso entre ricos e pobres: as 225 maiores fortunas a nível mundial ascendem ao rendimento anual de 2500 milhões de pessoas!

A situação é de tal modo grave que o próprio presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, afirmou em Paris não ser legítimo continuar a falar de países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, «porque estamos

num único mundo em que os problemas reais das pessoas e os direitos dos povos não devem ficar à margem das estatísticas macro-económicas». O vice-presidente do BM, Kemal Dervis, - em declarações ao diário *Libération*, reconheceu que a desregulamentação financeira «foi demasiado longe» e que, embora as crises financeiras de 1997 e 1998 tenham sido ultrapassadas no plano macro-económico e os bancos ocidentais tenham saído delas sem problemas de maior, «os estragos sociais aí estão».

Seria de esperar que perante tão evidente descalabro alguém se lembrasse de questionar o sistema - capitalista de nome e essência - que lhe está na origem. Mas não. Em Genebra, Kofi Annan falou em «investir no ser humano»; em Paris, Kemal Dervis discorreu sobre «um Estado capaz de ultrapassar a situação com impostos e educação». Pois. E todos amigos como dantes, até ao próximo balanço.

Frases

“Suspendi o meu mandato, mas não suspendi a cidadania. Não prescindindo dos valores e princípios em que acredito.”

(Deputada do PS Helena Roseta, Visão, 22.6.00)

“Da execução orçamental, apesar do pouco que se sabe, sabe-se o suficiente para prever a indispensabilidade de um orçamento rectificativo.”

(M. Bettencourt Resendes, Diário de Notícias, 23.6.00)

“Luanda desmente desculpas a Soares.”

(Título, idem)

“Ao arrepio de tudo o que os resultados eleitorais apontam, [Marcelo Rebelo de Sousa] conclui que o Bloco de Esquerda está a causar problemas ao PCP, quando é notório que os respectivos resultados eleitorais foram conseguidos à custa do PS. E assim por aí fora. Resumindo, segundo o autor, os Restauradores estão cheios de campinos. Com guias assim, até o «Michelin» é preferível.”

(Ruben Carvalho, idem)

“Nos últimos dias, todas as comparações europeias divulgadas voltam a colocar o País na «cauda da Europa» naquilo que mais interessa às pessoas: o rendimento, a saúde e a educação.”

(Manuel Villaverde Cabral, idem)

“Como é possível aceitar financiamentos de actos de campanha eleitoral a partir de uma conta de titularidade difusa em relação à hierarquia, à organização e à responsabilidade de um partido político?”

(Eduardo Dâmaso, Público, 24.6.00)

“Se o nível musical tivesse directamente influência nas estruturas económicas, há muito que teria havido políticos a ocupar-se do problema.”

(Emmanuel Nunes, Público, 25.6.00)

“Nos EUA há aquele mito de que têm um país, uma bandeira, um povo. O que, na realidade, não é verdade. Nós [canadianos] não reivindicamos isso.”

(Jean Chrétien, Primeiro-Ministro do Canadá, Diário de Notícias, 26.6.00)

“[Tive] uma paciência gigantesca para aturar e gerir a relação do partido com o grupo parlamentar.”

(Mota Torres, Líder do PS/Madeira, após ter excluído todos os actuais deputados PS das listas às próximas eleições na Madeira, idem)

“Será que António Guterres é um daqueles raros cidadãos que ainda não perceberam que foi um erro colocar as Finanças e a Economia sob o mesmo tecto?”

(Gouveia de Albuquerque, idem)

“Sinto-me assim um pouco desiludido.(...) O que nos acaba de ser dito [segredo de Fátima] não é segredo nenhum.”

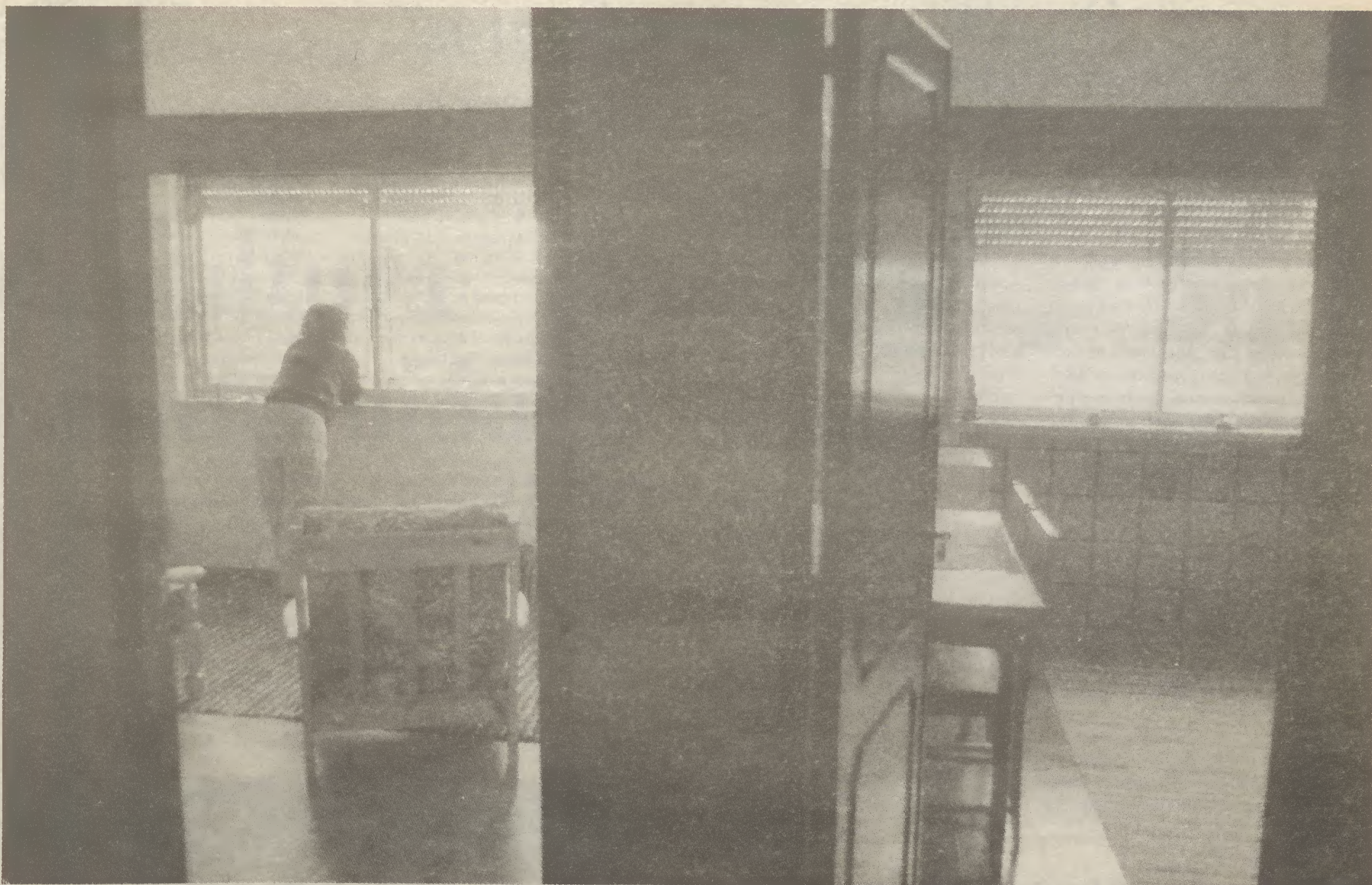
(D. Manuel Martins, bispo resignatário de Setúbal, Público, 27.6.00)

“A grande revelação que houve hoje do segredo é o texto do cardeal Ratzinger. O texto do cardeal Ratzinger é que é uma interpretação muito inteligente.”

(Frei Bento Domingues, dominicano, idem)

“Eu andei vestido de branco muito tempo quando andei pela África.”

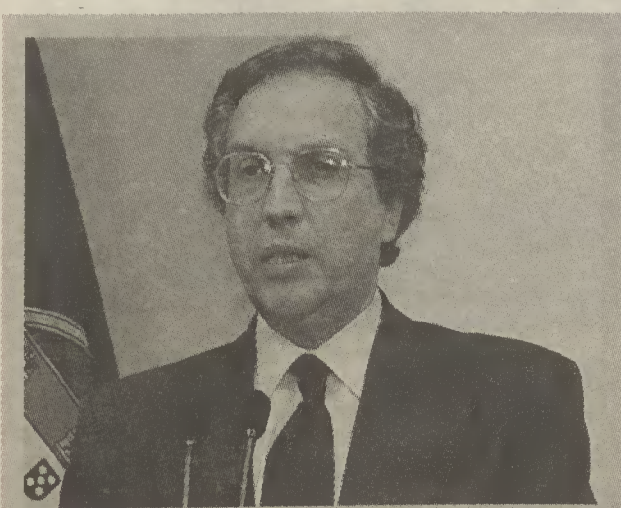
(D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo resignatário de Braga, idem)



PS recusa agendar debate

Pela reposição da taxa bonificada

• João Chasqueira



Carlos Carvalho Uma medida intolerável

«A redução das bonificações à compra de casa própria é inaceitável e intolerável tanto mais que logo após a decisão do Governo houve um novo aumento das taxas de juro», afirmou o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalho.

Falando à saída do encontro com membros do «Movimento pela Reposição da Taxa de Bonificação», realizado na semana transacta, na Associação dos Inquilinos Lisboenses, o dirigente comunista classificou de «manifesta insensibilidade social» a decisão de reduzir num ponto percentual as bonificações à compra de casa própria.

Lembrada por Carvalho foi a «grave a situação de muitos jovens casais que perspectivaram a sua vida na base de um quadro financeiro que lhes foi praticamente garantido, quer por declarações de confiança de membros do Governo, quer pela publicidade do sistema bancário».

Para o Secretário-Geral do PCP «é também significativo que o PS se tenha oposto» ao agendamento do projecto de resolução apresentado pela bancada comunista na Assembleia da República visando repor as taxas de bonificação.

«E não se diga que há problemas orçamentais pois o Governo, quer em relação às despesas, quer em relação às receitas, tinha e tem outras soluções», observou, lembrando a propósito, a título de exemplo, que «os dois pontos que diminuiu no IRC equivalem a uma quebra de receitas de 50 milhões de contos».

O PS recusou terminantemente o agendamento do projecto de resolução do PCP que suspende a descida da bonificação da taxa de juro do crédito à habitação. Ao adoptar esta posição, em conferência de líderes parlamentares, a bancada socialista adia a discussão de um problema que atinge dezenas de milhares de portugueses.

Ao remeter o debate para depois de Outubro - e esta é a única explicação plausível para esta escusa à proposta do presidente do Grupo comunista, Octávio Teixeira -, o PS não consegue evitar que o seu gesto seja interpretado como uma tentativa de jogar com o Verão a seu favor. Isto é, de que o período estival possa pelo menos abrandar ou mesmo diluir a onda de indignação que hoje percorre milhares de cidadãos.

Mas sobre quem assim actua, penalizando sobretudo os jovens e as famílias mais desfavorecidas, o mínimo que se pode dizer é que perdeu a autoridade para invocar a alegada

«sensibilidade social» que diz ter. Recorrentemente apregoada, tal bondade, na boca do Governo, mostrou já não passar de uma gasta figura de retórica.

Dá a importância da iniciativa legislativa avançada pela bancada comunista. Do seu ponto de vista, face à gravidade e extensão do problema, a Assembleia da República não pode deixar de intervir no sentido de evitar que muitas famílias sofram as consequências de políticas erradas e socialmente injustas do Governo.

E por isso o desafio lançado pelo PCP aos restantes partidos para que o acompanhem,

votando favoravelmente o projecto de resolução, através do qual o Parlamento se pronuncia pela suspensão da gravosa portaria governamental e simultânea reposição da taxa de referência para o cálculo das bonificações em 6,5 por cento.

Recordado no texto é o facto de a aquisição de habitação própria permanente constituir uma legítima aspiração e direito de milhares de famílias. Um direito que, na generalidade dos casos, só tem sido possível materializar com o recurso ao crédito bancário, mesmo que os respectivos empréstimos sejam, como são, elevados. Foi aliás este factor, associado ao enorme custo da habitação, que levou o Estado a decidir, há muito, a bonificação das taxas de juro, como política de promoção de habitação própria e de

Milhares de portugueses viram o custo dos seus empréstimos subir, no espaço de um ano, cerca de 20 por cento

apoio aos sectores mais desprotegidos.

Desde 1998 que a taxa de referência para o cálculo das bonificações estava fixada em 6,5 por cento. Ora foi esta taxa que o Executivo, sur-

preendentemente, resolveu alterar, reduzindo-a para 5,5 por cento, numa altura em que, como lembram os deputados comunistas, contraditoriamente, «as taxas de juro activas praticadas pelas instituições bancárias têm vindo a subir há cerca de um ano».

«Ora, a haver alguma alteração, o que deveria suceder era exactamente o contrário», defende o PCP, que já manifestou o seu activo apoio e solidariedade para com os milhares de portugueses prejudicados por esta medida do Governo e que viram o custo dos seus empréstimos subir, num ano, cerca de 20 por cento.

Dar voz ao descontentamento

A conjugação do aumento das taxas de juro com a descida da bonificação do crédito para a habitação está a dar enormes dores de cabeça a milhares de portugueses. Para muitos, o sonho de uma vida - ter casa - está a virar pesadelo.

O número de pessoas abrangidas por esta medida, ao certo, não se conhece. 10 mil, 30 mil, 80 mil? O que se sabe é que em muitos milhares de lares fazem-se e refazem-se as contas para saber como, no final da cada mês, honrar os compromissos assumidos. Em muitos casos a dúvida transforma-se em angústia. E faz pairar a sombra de uma realidade que parece estar perigosamente emergente: a falência das famílias.

A dimensão do problema é de tal ordem que um grupo de cidadãos entendeu juntar-se e dar corpo a um movimento cívico capaz de dar corpo ao protesto e à indignação. Dá pelo nome de «Movimento pela Reposição da Taxa de Bonificação» e conta com o apoio da Associação de Inquilinos Lisbonenses (AIL). Desde que foi constituído, excedendo as melhores expectativas, não tem parado de crescer e de receber apoios.

E a palavra de ordem, bem pode dizer-se, é que ninguém se cale. «O Movimento surge como resultado do descontentamento de várias pessoas que contando com o apoio da

AIL (secção de condóminos) se uniram, exigindo do Governo a reposição da taxa de referência da bonificação», afirma ao «Avante!» Paulo Garcia, funcionário público, que integra o núcleo fundador.

As suas palavras são de entusiasmo quando se refere à adesão que o Movimento tem suscitado. «Temos sido contactados por inúmeras pessoas que transmitem a sua preocupação pela situação e manifestam o apoio e solidariedade pelas nossas ideias e acções», salienta.

E como o momento é de agir, delineadas estão já várias iniciativas e acções. Depois de um encontro com o PCP, agendados para esta semana estavam encontros com «Os Verdes» e o BE, a que se seguirá um com o CDS/PP. Do PSD e PS, à hora de fecho da nossa edição, aguardavam por respostas. Formalizados foram também pedidos de reunião com o Primeiro-Ministro, como o Presidente da República e com o Provedor de Justiça.

Lançado foi também, entretanto, um abaixo-assinado onde se reivindica, em paralelo com a reposição do valor da taxa de bonificação no crédito à habitação, «uma política económica e social que não agrave o orçamento das famílias, já depauperado pelo excesso de endividamento e pelo agravamento dos preços».

Contas à vida

«Pelas mais variadas formas - pelo telefone, por carta ou por e-mail - têm chegado palavras de apoio e estímulo ao Movimento», afirma, em declarações ao «Avante!», Sandra Guerra, da Associação dos Inquilinos Lisbonenses.

Comum, em todos os contactos, é o relato de um agravamento nas contas do orçamento familiar, para muitos incomportável. É o caso da Clara que, em pouco tempo, viu a sua mensalidade alterada três vezes, disparando dos 61 contos iniciais para os 81 contos.

Entre os muitos exemplos que chegaram ao conhecimento da AIL está o da Rafaela. Com 27 anos, mãe de duas filhas, tem um

vencimento de 140 mil escudos. Comprou casa há dois anos, ficando com uma prestação de 64 523\$00. Hoje está nos 73 065\$00 e «não sabe como pode sobreviver». Como em tantos outros casos, «vai valendo a ajuda dos pais».

A Fátima, entendeu ligar para a AIL e relatar o seu caso: a renda, que era de 59 000\$00, passou para 80 000\$00. Contactada a CGD para tentar uma solução, foilhe dito para «meter um requerimento mas que nada mais poderiam fazer, pois a lei é assim». Acabaram por baixar para 78 000\$00 mas já avisaram para se preparar «para o próximo aumento».

Despenalização do consumo de drogas

Apreciados na passada semana, baixaram à comissão especializada, sem votação na generalidade, todos os diplomas (PCP, Governo, BE e JSD) sobre despenalização do consumo de drogas. No fundamental, em confronto, estiveram duas concepções. De um lado, uma matriz repressiva consubstanciada na argumentação utilizada pelo CDS/PP e pelo PSD invocando a alegada defesa da família como contraponto à ilegitimidade de o Parlamento adotar decisões relativas à despenalização das drogas leves, sem referendo. Do outro lado, embora os quatro diplomas tenham diferenças assinaláveis entre si, uma concepção mais justa e humana que se pode resumir na ideia de que a actual lei carece de urgente alteração por forma a que o toxicodependente não seja tratado

como um criminoso. O que obrigatoriamente passa, como é defendido em todos os diplomas, pela descriminalização das chamadas drogas leves.

Por entender a questão de um modo global e integral, não obstante o debate estar circunscrito ao estatuto legal do consumo de drogas, o PCP foi mais longe apresentando outros diplomas sobre esta matéria, designadamente sobre o alargamento da rede de serviços públicos para o tratamento e a reinserção social de toxicodependentes.

Diferentemente do projecto da JSD, que mantém a criminalização do consumo das drogas consideradas duras, a proposta comunista, como realçou no debate António Filipe, despenaliza todo o consumo, não fazendo distinção em função do tipo de drogas consumidas. «Quando

afirmamos que um toxicodependente não deve ser tratado como um criminoso, estamos a pensar em todos os toxicodependentes, independentemente da droga ou das drogas que consomem», salientou.

E isto por uma razão simples: o consumo de drogas é acima de tudo um problema de saúde pública. O que é diferente de tráfico de drogas - e esta foi uma diferença fundamental devidamente sublinhada -, considerado pelo deputado comunista como «um problema criminal».

António Filipe explicou, por outro lado, as razões que levam a sua bancada a não aceitar a distribuição gratuita de heroína por parte do Estado, bem como a legalização do mercado das chamadas drogas leves, demarcando-se assim do Bloco de Esquerda.

Contos imorais

• Odete Santos

1. O Governo anunciou que apresentaria na Assembleia da

República uma proposta de lei para que as listas de candidaturas à Assembleia da República e às autarquias locais incluíssem uma quota mínima de 33,33% de candidatos de qualquer dos sexos. A comunicação social dá conta de que na anterior legislatura os partidos se comprometeram a cumprir, através de auto-regulação, a quota de 25% para as mulheres. E não cumpriram, dizem os noticiários.

Esquecendo-se de referir que a CDU cumpriu e ultrapassou largamente a quota de 25%. Ultrapassando mesmo a quota ora aprovada no Conselho de Ministros. Nos grupos Parlamentares do PCP e dos Verdes (17 deputados) há 6 mulheres deputadas. Ainda ligeiramente mais do que 35%.

E, claro, a Senhora Ministra da Igualdade também omitiu a referência...

2. Apetece-me acrescentar uma quadra àquela canção com que desafiávamos o fascismo:

Até as avezinhas de novo irão cantar
O Hino ao amor

rendimento médio) verificou-se em Portugal - 24%. Mas taxa ainda mais elevada (25%) revelando um baixíssimo poder de compra só a que diz respeito às mulheres... em Portugal.

- Numa projecção estatística para o século XXI publicada em 1999, o Eurostat revela que em 1990, 10% dos trabalhadores da UE tinham declarado que trabalhavam a tempo parcial porque não encontravam trabalho a tempo inteiro. A percentagem passou entretanto para 20%. O trabalho a tempo parcial subiu de 14% para 17%; e quase 1/3 das mulheres trabalham a tempo parcial contra 6% dos homens.

- Os 20% mais pobres da União Europeia não recebem senão 8% do rendimento nacional enquanto os 20% mais ricos recebem 40%; e é em Portugal que o fosso é mais elevado - 7,1%.

- A taxa de desemprego é mais elevada nos que têm menos de 25 anos, e sobretudo nas mulheres (então para que é que servem os contratos a prazo para jovens à procura do primeiro emprego senão para aumentar as mais valias capitalistas?). Mas mesmo nos jovens com idades entre os 15 e os 24 anos, as



Quando a mentira acabar.

É que ao ler os dados estatísticos que acompanham a proposta do Governo, parece tudo rosas, no que respeita à actividade das mulheres.

São 44,5% da mão-de-obra do mercado formal de trabalho? São, sim senhora.

Mas aí não há medidas a tomar? Não estão as mulheres a servir para aumentar as mais valias dos capitalistas, através de um salário mais baixo que o dos homens? São 57,1% dos estudantes universitários... Mas se mal pergunto, qual a percentagem da população portuguesa que chega ao ensino universitário? E eis-me a contas com estatísticas e estatísticas, decifrando o seu hermetismo (que bem que ficaria o papel de Mofina Mendes à senhora Ministra da Igualdade: todo o humano deleite/ como o meu pote de azeite/ há-de dar consigo em terra).

3. Subitamente dou-me conta de que tenho de ser telegráfica (Ai!, os caracteres a multiplicarem-se na janela do computador!).

Vamos a isto: - a taxa de analfabetismo das mulheres portuguesas é praticamente dupla da dos homens em todas as idades. A partir dos 15 anos, o analfabetismo atinge 15,3% das mulheres contra 8,4% dos homens.

- 51% das mulheres que trabalham não foram para além do ensino primário ou secundário enquanto os homens são 43% - A discriminação salarial atinge as mulheres - quadros técnicos. A sua remuneração não vai além de 86% da remuneração masculina.

- Segundo o Eurostat, na União Europeia, Portugal situa-se entre os países com a maior discriminação salarial. O salário médio das mulheres é 71,6% do salário dos homens.

- Na UE a taxa mais elevada de baixos rendimentos (abaixo dos 60% do

taxas de desemprego são superiores à taxa média. Nas mulheres jovens desta idade a taxa de desemprego é de 10,8% contra 7% dos jovens.

- 60,2% dos portugueses que não sabiam ler nem escrever eram mulheres, revela o INE.

- Em 1999 estimou-se que residiam em Portugal 4,9 milhões de mulheres e destas 57,8% possuíam o ensino básico; 26,4% não tinham qualquer nível de instrução; 9,7% tinham o ensino secundário; 4%, tinham o ensino universitário e 2% o ensino politécnico; no fim do período de 92/99 a percentagem de mulheres sem qualquer grau de instrução ainda subiu, enquanto a dos homens decrescia.

4. E em maré de Relatórios, surpreendo-me com o Relatório de Portugal à Conferência das Nações Unidas «Beijing + 5».

Seguramente que a Senhora Ministra da Igualdade, por questões de tempo, não pôde dar, nesse Relatório, um retrato fiel da situação das mulheres portuguesas. «Mas isso que importa», dirá o Senhor Engenheiro Guterres. «Eu vou dar um computador a cada uma para poderem fazer campanha eleitoral pela Internet».

E continuará: «O que é preciso é o empowerment das mulheres». O empowerment que é a menina querida do FMI e do Banco Mundial, salvos os ajustes estruturais. O empowerment está na moda. Nas fábricas têxteis do Ave não se fala noutra coisa.

O empowerment é uma espécie de exorcismo. De religião global..

E, não sei porquê, vem-me à memória aquele debate sobre Marx, numa Escola Secundária de Évora, para que fui recentemente convidada.

Nesse debate alguém falou sobre o que Marx escrevera a respeito da alienação.

A Festa da Alegria, em Braga, é já nos próximos dias 7, 8 e 9 de Julho

Um espaço de cultura e fraternidade

A Festa da Alegria está a chegar. O Parque de Exposições de Braga prepara-se, pois, para receber nos próximos dias 7, 8 e 9 de Julho milhares de visitantes para quem, ao longo de mais de uma década, a Festa foi um espaço de convívio, de vivência cultural, de encontros e reencontros. E ainda dos que a não conhecendo mas dela ouvindo falar com saudade, não querem perder a oportunidade que este ano se lhes oferece.

A Festa, que entre 1978 e 1991 se impôs como o acontecimento político-cultural mais importante da região nortenha, tornando-se lugar de passagem quase obrigatória para gente de todo o País e mesmo da vizinha Espanha, vai manter na reedição deste ano o figura de sempre - festa popular, feita em primeiro lugar para os trabalhadores da região mas aberta a todas as pessoas, independentemente das suas convicções políticas. Ela será, também como sempre, pretexto para a realização de debates, espectáculos, exposições, gastronomia e artesanato de que todos poderão usufruir pelo montante de 2000\$00, quantia que se pode considerar módica, atendendo à variedade de diversões e de iniciativas culturais que proporciona.

Dois palcos oferecem aos visitantes a possibilidade de escutar grandes nomes da música, assistir a belas peças de teatro, ver actuar os mais diversos conjuntos de jazz, rock, música popular e... naturalmente, ouvir cantar o fado.

Mas os visitantes poderão ainda percorrer as duas importantes exposições que vão estar patentes ao público, participar nos colóquios que ocorrerão no decurso dos três dias da Festa, assistir a «conversas», ainda que o momento alto da Festa seja a intervenção do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas - por certo, a mais importante antes da *rentrée* política - no comício que terá lugar no Palco 1, no sábado, dia 8, pelas 21.00 horas.

País desloca-se a Braga

Como sempre, a Festa é, no essencial, obra do trabalho voluntário, anónimo e militante de muitos comunistas e amigos do PCP de todo o País, o que permite reduzir em muito as enormes despesas que uma iniciativa com

está envergadura acarreta. Os comunistas fazem, aliás, desta questão um ponto de honra já que é esta militância e a transparência que colocam nas suas iniciativas que também os distinguem dos outros partidos.

Presentes no recinto da Festa vão estar, assim, *stands* das várias organizações regionais do Partido, apre-

sentando os produtos, a gastronomia e o artesanato das suas regiões.

Numerosas organizações, de Norte a Sul do País, estão, inclusive, a preparar há muito as suas próprias excursões a Braga.

Lisboa, Odivelas, St.ª Iria de Azóia, Grândola, Seixal, Almada e Cascais são algumas das organizações que já asseguraram a ida à Festa de grande parte dos seus militantes, a quem «não passaria pela cabeça» faltar à Festa. Mas... as inscrições não param. Ou seja, o Parque de Exposições de Braga vai concentrar, nos dias 7, 8 e 9 de Julho,

gente de todo o País, gente que quer e luta por um Portugal melhor, mais justo e mais fraterno.

Três dias de cultura, espectáculos e gastronomia

ESPECTÁCULOS

PALCO 1

6.ª feira (7)

22h00 - Ornatos Violeta
23h30 - Sérgio Godinho + Clã (Afinidades)

Sábado (8)

21h00 - Comício com Carlos Carvalhas
22h00 - Úxia
23h30 - Vitorino + Septeto Habanero

Domingo (9)

17h00 - Cantar José Afonso
18h00 - Carlos Alberto Moniz

PALCO 2

6.ª feira (7)

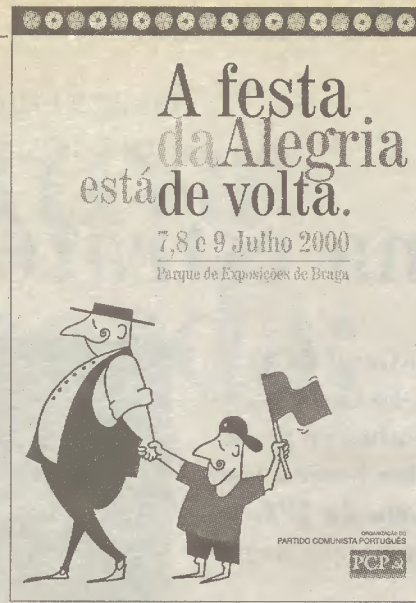
21h30 - Canto d'Aqui
23h00 - Lura (música de Cabo Verde)
00h30 - Trio Los Cinco (música latina)

Sábado (8)

11h00 - Teatro em Movimento (Bragança) "Pato Patudo não gosta do Entrudo", *Teatro infantil*
18h00 - Ivo Flores
20h00 - Jorge Barros e Patrícia Alonso
22h00 - Teatro Índico (Moçambique) "O Miliciano"
23h30 - Quarteto Artur Caldeira

Domingo (9)

11h00 - Teatro em Movimento (Bragança) "Pato Patudo não gosta do Entrudo", *Teatro infantil*
Tarde - Música Popular Portuguesa
Gaiteiros de Vila Meã
Gaiteiros da Galiza
Pauliteiros de S. Pedro de Sarracenos
Coral Alentejano



Um abraço da Galiza

A Festa da Alegria vai também contar com a participação de uma numerosa representação galega.

No plano cultural, um grupo de gaiteiros percorrerá o espaço da Festa, dando uma mostra rica e variada da música popular da Galiza.

Realiza-se também no sábado, dia 8, às 15 horas, um debate subordinado ao tema "Portugal - Galiza: duas culturas?", com a participação de intelectuais que há muito se dedicam ao estudo da língua, artes e literatura, e ao intercâmbio cultural entre os dois povos.

Por parte da Galiza estarão presentes as escritoras e professoras Pilar Garcia Negro, Marica Campo e Pilar Pallares e, de Portugal, intervêm os escritores José Viale Moutinho, Virgílio Alberto Vieira e Francisco Mangas, sendo moderador o professor José António Gomes.

O Bloco Nacionalista Galego (BNG), a quem cabe a organização desta "embaixada" cultural, estará presente na Festa da Alegria, com um stand próprio, onde divulgará a sua actividade política.

A presença do BNG insere-se nas tradicionais relações de amizade e solidariedade que o ligam ao partido Comunista Português.

PROGRAMA CULTURAL



EXPOSIÇÕES

«As 25 fotos de Abril» de Eduardo Gageiro
«Socero Pereira Gomes - Vida e Obra»

DEBATES

Sexta-feira (7)

20h30 - «Memórias, Estórias da Resistência em Braga», (Produções Ilimitadas Fora d'Horas - Miguel Braga)

Sábado (8)

15h30 - «Portugal - Galiza: duas culturas?» participam professoras e escritoras galegas (Pilar Garcia Negro, Marica Campo e Pilar Pallares) e portuguesas (Viale Moutinho, Francisco Mangas e José António Gomes).

18h00 - «O Poder dos Media», participam Manuel Pinto, Jorge Ribeiro e Fernando Correia
22h00 - Encontro com Siza Vieira - Ruben de Carvalho à conversa com Siza Vieira sobre as mudanças no mundo e as perspectivas de transformação.

Domingo (9)

15h00 - «Tornar Possível o Impossível - A Esquerda no limiar do século XXI» - uma leitura crítica do livro de Marta Harnecker, com participação de Agostinho Lopes, Carlos Silva, Manuel Loff e Domingos Lopes
17h30 - «Percursos de Braga», participam Francisco Sande Santos, Henrique Barreto Nunes, Eduardo Pires Oliveira e Miguel Bandeira.

Roteiro das organizações

Numerosas organizações regionais do Partido vão marcar a sua presença na Festa da Alegria com as mais diversas iniciativas. Divulgamos as já asseguradas.

EXPOSIÇÕES

Ciência

«Materialmente» - com a colaboração do «Exploratório Infante D. Henrique», a Organização Regional de Coimbra proporciona um «espaço interactivo de ciência» que tem como objectivo fundamental sensibilizar/seduzir o público para os temas da ciência. Neste espaço haverá também uma mostra/venda de brinquedos «científicos» e «pedagógicos».

Artes Plásticas

Nos *stands* de Lisboa, Viana do Castelo e organização dos Professores, mostra e venda de artes plásticas.

Actividade partidária

Estará em exposição nos *stands* de Lisboa, Algarve, Alentejo e Organização da Emigração.

Braga

«A Vida de Adriano Correia de Oliveira», «Os percursos de Braga» e «Braga com História».

ARTESANATO

Idanha-A-Nova - adufes • Fafe - chapéus e outros artigos em palha • Viana do Castelo - latoaria, linhos e louça • Alentejo - olaria • Marinha Grande - vidro • Valongo - brinquedos de madeira • Gondomar - filigranas e trabalhos em raízes • Amarante - trabalhos em couro

DOÇARIA REGIONAL

Esposende - clarinhas de Fão • Vizela - pão de ló «Delícia» • Famalicão - «Charutos do Bezerra» e outros doces • Algarve - bolos de amêndoa «D. Rodrigo» e «Doce de Figo» • Litoral Alentejano

PRODUTOS REGIONAIS

Bragança - mel de Montese, queijo de ovelha «Ter-rincho», azeite de Vila Flor, enchidos • Guarda e Castelo Branco - enchidos, queijo da serra e presunto • Alentejo - torresmos do entertinho, enchidos, queijos, azeitonas e pão

VINHOS

O famoso «Alpiarça», vinhos verdes para todos os gostos, com destaque para o «Alvarinho», vinhos do Alentejo e vinho do Porto

GASTRONOMIA

Alentejo - carne do alguidar, orelha de coentrada, bucho de azeite e vinagre • Bragança - cordeiro brangançano, alheiras e chouriço da Terra Fria • Braga - bacalhau à moda de Braga, rojões e arroz «pica no chão» • Barcelos - costeletão de vitela grelhado • Coimbra - chanfana • Emigração - salsicha alemã • Viana do Castelo - camarão, sapateira recheada, arroz de marisco e arroz seco com rojões e salada • Famalicão - cozido à portuguesa • Santarém - sopa de Pedra • Porto - costeletinhas, feijoada à lavrador, amêijoas, sopa de nabos e petiscos variados.

3.ª Assembleia da Organização da Guarda preocupada com desertificação

Falta uma estratégia de desenvolvimento

Com as presenças do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas - cuja intervenção encerrou os trabalhos -, de Luísa Araújo, membro do Secretariado, e do deputado Bernardino Soares, realizou-se no sábado, no Auditório do IPJ, na Guarda, a 3.ª Assembleia da Organização Regional da Guarda do PCP.

No decurso dos trabalhos, a Assembleia, constituída por cerca de 180 delegados e convidados, discutiu e aprovou o Relatório de Actividades e o Projecto de Resolução Política, elegendo, no final, a nova Direcção Regional.

Em balanço às alterações ocorridas desde a realização da 2.ª Assembleia, realizada em Maio de 1995, os comunistas concluíram que os grandes problemas do distrito da Guarda continuam por resolver, mantendo-se, por força da ausência de uma estratégia de desenvolvimento integrado que corrija assimetrias e políticas que destroem o tecido produtivo do distrito, a tendência preocupante de perda contínua de população, de abandono dos meios rurais e fuga dos mais jovens em busca de emprego.

Aliás, em relação à juventude, os comunistas consideram que o principal traço da sua situação é o de manifesta «falta de garantias de futuro» para os que nascem no distrito e ali gostariam de se formar e trabalhar para o seu desenvolvimento.

A Assembleia analisou também a gestão municipal - quase exclusivamente dividida entre o PS e o PSD - e diz que ela é caracterizada pela aplicação de políticas mediatistas, apostadas nas obras de «encher o olho» e em torno de «um presidencialismo cada vez mais acentuado» e de «decisões cada vez menos fiscalizadas e tomadas democraticamente».

Os eleitos CDU nas Assembleias Municipais e nas Assembleias e Executivos das Freguesias têm, porém, pautado a sua participação pela defesa intransigente dos interesses das populações, honrando os compromissos eleitorais e a confiança dos eleitores, sendo pela sua voz que os problemas das populações chegam aos executivos.

Luta é o caminho

Quanto à situação laboral, continua a pautar-se pelo desrespeito dos direitos dos trabalhadores por um patronato que, animado pela benevolência do Governo, continua a pagar salários de miséria, sobretudo nos têxteis, a usar e abusar dos contratos a prazo, do trabalho sem vínculo e infantil, a redobrar da exploração.

Os deputados do PCP são os que mais assuntos da região levam à AR

A esta política, os trabalhadores, os agricultores e outras camadas da população têm respondido com a luta e a exigência de uma política que responda aos seus anseios de uma vida melhor.

Por seu lado, o PCP tem desenvolvido uma acção política prestigiada e impar, cada vez mais reconhecida pelas populações. Ao mesmo tempo, sendo certo que o PCP



A Assembleia denunciou o uso e abuso pelo patronato do trabalho sem vínculo

não tem deputados eleitos pelo distrito, são os deputados comunistas os que mais assuntos da região levam à

Assembleia da República, apresentando nomeadamente, quando da discussão do PIDDAC, um conjunto con-

sequente e sustentado de propostas tendentes a corrigir o esquecimento do Governo pela Guarda.

O Partido soube, ainda, acompanhar as lutas, dinamizá-las e estar solidário com os trabalhadores, marcando pela sua acção a diferença em relação às outras forças partidárias.

Desde a última Assembleia de Organização, apesar das deficiências detectadas e que urge corrigir - falta de organização nas empresas emergentes, com milhares de trabalhadores; deficiente acompanhamento das organizações mais fracas; inexistência de organismos de direcção em alguns concelhos -, deram-se importantes passos na consolidação do Partido no distrito: descentralizaram-se responsabilidades, reforçou-se o recrutamento, reatou-se a ligação a largas dezenas de militantes.

Carlos Carvalhas alerta

Não vão faltar rótulos e falsidades

Na intervenção que proferiu na Guarda, Carlos Carvalhas debruçou-se sobre as questões de segurança que ultimamente vieram à opinião pública, começando por considerar que esta questão «tem que ser vista nas suas diversas facetas e desde logo na sua matriz social». Essa a razão, disse, por que, quando o PS reconheceu, em 1995, o policiamento de proximidade como o caminho mais certo, o PCP saudou esta orientação, que, aliás, sempre defendeu para resolver os problemas da criminalidade sob o ponto de vista da segurança.

Mas, entre a orientação e a prática «há um fosso abismal», ironizou o Secretário-Geral do PCP, e o policiamento de proximidade exige medidas concretas e meios, não apenas «declarações e mais declarações que depois não se traduzem nos factos».

Por outro lado, levando também a ocorrência de crimes de furto, roubo por esticção e tráfico de droga ao aumento da insegurança, há «ir às causas», isto é, «aos guetos urbanísticos, ao isolamento racista, à exclusão social, ao desemprego, ao insucesso

escolar, à acentuação das desigualdades, ao incipiente combate ao tráfico da droga e ao branqueamento das fortunas que este gera».

Por exemplo, em relação à toxicod dependência, em vez de se reduzir praticamente ao «maniqueísmo do proibicionismo ou não proibicionismo, o que é necessário é combater o tráfico e aumentar os meios de recuperação e tratamento e a reinserção social, nomeadamente os Centros de Atendimento e as Comunidades terapêuticas como o PCP sempre tem defendido».

Ora, «uma política que gere e reproduz fantásticas fortunas e tremendas injustiças sociais», é «uma política que fomenta o caldo de cultura da insegurança. E a política do Governo PS no seguimento da do PSD é a isso mesmo que conduz».

Criticando o silêncio do Primeiro-Ministro e a posição do Governo, Carlos Carvalhas diz mesmo: «quanto ao Ministro da Administração Interna, que parece ser sempre a última entidade a dar-se conta destas questões o melhor seria, como disse um seu camarada, regressar à Câmara do

Porto: facilitava a remodelação a António Guterres e resolvia o problema Narciso Miranda.»

Preparar o Congresso

O 16.º Congresso e a preparação dos documentos que irão ser debatidos e submetidos à apreciação soberana do Congresso, foi outro tema central da intervenção de Carlos Carvalhas que alerta os militantes para se prepararem para «os rótulos, as meias verdades e as falsidades» que não irão faltar. Porém, afirmou, o PCP é um partido «adulto» e a «expressão clara de opiniões diferentes ou diferenciadas procurando os melhores caminhos para o Partido» é «habitual e natural», sobretudo num debate pré-congressual.

Depois, referindo-se à identidade do PCP, Carlos Carvalhas considerou que ela «não constitui um conjunto de referências e de características fundamentais, elaboradas ou concebidas em abstracto, de forma intemporal ou imobilista, independentemente da nossa

história, da nossa luta, das lições positivas e negativas das experiências próprias e alheias, da nossa reflexão colectiva, do aprofundamento pelo próprio Partido de princípios, conceitos e práticas». Daí que se coloque aos comunistas como questão central na preparação do 16.º Congresso, para além da definição da linha política, a reflexão no concreto de como, a partir dessa identidade, se reforça o Partido, nomeadamente a sua influência e a sua iniciativa política, como se leva à prática o envolvimento das populações e o estreitamento e alargamento da ligação à classe operária, aos trabalhadores, à intelectualidade, às camadas médias, como se reforça o trabalho no sentido de abrir mais espaços de projecção das propostas e do pensamento do PCP.

A finalizar, Carlos Carvalhas defendeu «firmeza nas convicções e no ideário comunista», mas, também, «atenção às novas questões, à reflexão crítica e ao estímulo que é possível encontrar no diálogo e no debate com concepções e pontos de vista diferentes».

1ª Assembleia de Castelo de Vide Elegem um vereador

Realizou-se, no dia 18 de Junho, a 1.ª Assembleia da Organização Concelhia de Castelo de Vide do PCP, presidida por Manuel Braga e com a presença de inúmeros delegados.

A Assembleia discutiu e analisou o projecto de Resolução Política e o Plano de Actividades - ambos aprovados por unanimidade -, após o que elegeu a nova Comissão Concelhia, composta por seis elementos.

O Plano de Actividades aprovado pelos delegados para 2000 aponta algumas orientações, como sejam, entre outras, a continuação

de contactos com todos os membros do Partido, de forma a melhorar a organização local; o reforço do recrutamento de novos militantes; uma maior difusão do «Avante!» e do «Militante»; a constituição da Comissão Coordenadora da CDU em Castelo de Vide, com vista a alargar o trabalho autárquico, procurando uma ligação efectiva e permanente com todos os membros das listas; e a promoção da discussão em torno dos documentos relativos ao 16.º Congresso do Partido, a realizar em Dezembro.

PS não cumpre

Ao longo dos trabalhos, foram proferidas diversas intervenções, nomeadamente de análise política, económica e social do concelho.

As eleições autárquicas de 2001 foram alvo de especial destaque. Considerando-se, embora a necessidade de eventuais correcções no que respeita ao trabalho autárquico da CDU, o balanço já efectuado conclui que, apesar das insuficiências de apoios técnicos e humanos, ele é digno do apreço geral, sendo que seus eleitos têm tido um desempenho eficaz.

Poucos meses antes das eleições autárquicas de 1997, o PCP fez o diagnóstico do concelho, constatando com insatisfação a existência de graves deficiências em meios e projectos, designadamente nas áreas do Turismo, do Urbanismo e Património Histórico e do desenvolvimento económico e sócio-cultural que, tendo constituído promessas eleitorais do PS, continuam por concretizar a um ano das próximas eleições.

As desculpas, dizem os comunistas, são sempre as mesmas - falta de verbas e de apoio financeiro - mas a verdade é que, a não ser o projecto

da Piscina Descoberta, nenhum outro irá ter andamento nos próximos meses, já que nem sequer constam do Plano de Actividades da Câmara para o ano 2000.

O PS já mostrou, pois, que não sabe governar de forma eficiente e o PSD, pelo desempenho dos seus eleitos, não é também uma alternativa credível. Assim, a 1.ª Assembleia Concelhia de Castelo de Vide do PCP está convicta que, com um bom trabalho dos comunistas e dos seus aliados da CDU, é possível alcançar o objectivo que se propõem de eleger um vereador para a Câmara Municipal.

TRAFARIA Governo ignora compromissos

Fazendo «tábua rasa» dos seus compromissos, o Governo pôs em hasta pública e vendeu por 311 mil contos a uma empresa privada o presídio da Trafaria, património do concelho e da população. Isto depois de, por grande insistência da Câmara Municipal de Almada, ter aprovado em Outubro de 1999 a criação da Empresa de Desenvolvimento da Frente Ribeirinha Norte e Atlântica de Almada - a Costagest -, empresa com capitais exclusivamente da Câmara e do Governo, que tinha como prioridade de intervenção precisamente o Presídio da Trafaria.

Indignada, a Comissão Concelhia de Almada do PCP acusa o Governo de ter alienado, «a troco de parques dinheiros», «o património histórico, a memória colectiva, os projectos para o desenvolvimento da Trafaria e da Costa de Caparica e a qualidade de vida da população» e apela às autarquias do concelho e à população que manifestem o seu protesto e obriguem o Governo a recuar e rever este processo.

PONTE DE LIMA Quando a esmola é farta...

Com o argumento da necessidade de «revitalizar o Centro de Arte e Cultura, a Câmara Municipal de Ponte de Lima aprovou por unanimidade a celebração de um contrato comercial de arrendamento do antigo Matadouro à firma Minhofumeiro para instalação de uma «mostra/venda de produtos tradicionais» e de um «restaurante modelo», mediante a prestação de serviços ou produtos no montante de 200 contos. Ou seja, por 17 contos mensais e por um prazo de 8 anos, a Câmara arrendou à Minhofumeiro um espaço no Centro de Arte e Cultura que, num concurso realizado em Abril de 1999, havia sido negado a esta mesma firma para a exploração do Café Concerto, pelo facto de ela não ter apresentado quaisquer valores. Parece tratar-se de uma situação de «gato escondido com rabo de fora», afirma a Comissão Concelhia de Ponte de Lima do PCP, interrogando-se sobre «que vultuosos investimentos do proponente justificariam tal benesse».

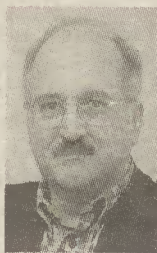
SETÚBAL PCP contacta Cooperativas

Para um melhor conhecimento da vida regional, particularmente da economia social-cooperativismo, uma delegação da Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP visitou várias estruturas Cooperativas do distrito, como a PLURICOOP, a COOPLISBOA, a UCHEDES, a CHESSETUBAL e a freguesia da Benvida a Liberdade no Faralhão, de intensa vivência comunitária e inserção social, recreativa, desportiva, lúdica e associativa.

Culminando estes contactos a DORS promoveu uma reunião com Cooperativas de Consumo, Distribuição, Habitação e Construção, Ensino e Culturais, onde foi valorizado o papel do sector cooperativo e chamada a atenção para a importância da cooperação e intercooperação relativamente às questões associativas, sociais e de rejuvenescimento do sector, assim como às questões legislativas, designadamente no que respeita à aplicação do Estatuto Fiscal Cooperativo e à criação do Estatuto do Dirigente Cooperativo.

Alternativa de esquerda: precisa-se

O rápido desgaste do Governo do PS, pouco mais de oito meses decorridos desde a sua tomada de posse, constitui o aspecto mais impressionante da presente situação política, cuja evolução interessa acompanhar de forma muito atenta.



Edgar
Correia
Membro
da Comissão
Política

Entre os factores objectivos de natureza económica que estão a condicionar de modo muito negativo a vida do país e a imagem da acção governativa são de salientar: o aumento significativo dos combustíveis, os sucessivos aumentos das taxas de juro, o agravamento do défice da balança corrente - que passou

de 584 para 893 milhões de contos - nos primeiros quatro meses deste ano relativamente a igual período do ano passado, a quebra de receitas fiscais verificada.

O primeiro semestre deste ano fica também assinalado por um período de claro ascenso da luta social e política, destacando-se as acções do movimento operário e dos trabalhadores - de que a CGTP constitui a expressão organizada -, do campesinato, da juventude, e a ocorrência de importantes lutas das populações por objectivos concretos.

A exigência de que seja posto fim à política de direita prosseguida pelo Governo e a reclamação de orientações e de

medidas correspondentes a uma política democrática e de esquerda, transformou-se assim no verdadeiro denominador comum de um vasto e diversificado campo social e político.

Com as restrições e os cortes orçamentais na ordem do dia do Governo, aproxima-se rapidamente a data limite (15 de Outubro) para apresentação na Assembleia da República da proposta de Orçamento do Estado para o próximo ano, a que se seguirá a sua discussão e a sua (problemática) aprovação.

É evidente que o Governo dispõe ainda de margens de manobra e mostra estar empenhado em mobilizá-las, com o pensamento já fixado no(s) próximo(s) acto(s) eleitoral(ais) que o PS terá de enfrentar.

Mas este facto não anula a possibilidade real da situação no país evoluir num sentido crítico a prazo não muito longo.

PCP é a saída

Isto coloca aos comunistas, a par das inadiáveis tarefas do prosseguimento da luta, a necessidade de desenvolverem a sua intervenção em torno da afirmação da alternativa de esquerda como objectivo político fundamental. Para que a alternativa à política de direita conduzida pelo PS não fique, afinal, confinada... à política de direita, mas conduzida pelo PSD e pelo PP. O que representaria deitar por terra, no espaço político e institucional, os resultados duramente acumulados na frente social, em especial pela acção dos trabalhadores.

Ao colocarmos a questão da alternativa de esquerda no centro do debate e da intervenção políticas, importa ainda sublinhar a plena actualidade das linhas definidas no XV Congresso do Partido e prosseguidas pelo Comité Central na reunião do «novo impulso», de Fevereiro 1998, com vista a assegurar a concretização de um projecto de esquerda e de poder que suporte um novo rumo democrático.

Este caminho, que comporta tanto a necessidade de reforço do PCP e da sua afirmação como oposição de esquerda, combativa, conseqüente e responsável, como a indispensável afirmação de uma esquerda de que os comunistas, com a sua voz própria, são parte integrante, e cujo projecto suporte a perspectiva, a possibilidade e a luta pela concretização desse novo rumo, não é evidentemente um percurso fácil ou isento de contrariedades.

Mas para os comunistas, que não se conformam com o rotativismo governativo ao centro protagonizado ora pelo PS ora pelo PSD, mas indistinto quanto às orientações políticas fundamentais, não existe verdadeiramente outra saída.

**// O PS e o PSD
têm orientações
políticas
fundamentais
indistintas //**



VALE DA AMOREIRA Assembleia quer manter maioria CDU

Realizou-se, no passado dia 10 de Junho, a Assembleia de Organização do Vale da Amoreira do PCP, no concelho da Moita. Esta reunião fez o balanço ao trabalho realizado e definiu as principais linhas de orientação para os próximos anos, particularmente no que diz respeito às próximas batalhas eleitorais, cujos objectivos passam pela manutenção da maioria CDU na freguesia.

Elegeu uma nova Comissão de Freguesia constituída por 21 membros, que reúne os principais quadros, alguns deles com disponibilidades apertadas mas que aceitaram fazer um esforço no sentido de juntar todas as possibilidades de participação para, nesta freguesia com características especiais e multiculturais muito específicas, se reforçar o trabalho partidário e a influência política e eleitoral do PCP e da CDU.

OVAR Moradores contra corte de rua

Uma delegação da CDU, encabeçada por Manuela Mourão, deslocou-se à rua Dr. João Semana, a pedido dos seus moradores, observando *in loco* que a variante que sai da passagem subterrânea passa por cima desta artéria, deixando sem alternativa os que a utilizam.

Em nota à comunicação social, a Comissão de Freguesia de Ovar do PCP manifesta-se solidária com os moradores que recentemente entregaram na Câmara Municipal de Ovar um abaixo-assinado de protesto contra o corte definitivo daquela via.

Na Assembleia de freguesia que ontem se realizou, Manuela Mourão levantou o problema que inclui também o aniquilamento da fonte que ali existe, hoje já submersa por uma barreira de cimento armado.

CASTRO VERDE Somincor castiga sindicalistas

Na sequência da luta desenvolvida pelos trabalhadores da Somincor por melhores condições laborais e mais direitos, a administração da empresa decidiu aplicar castigos a alguns dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira.

«Profundamente preocupada» com esta situação, a Comissão Concelhia de Castro Verde do PCP reafirma a sua solidariedade aos sindicalistas perseguidos e denuncia os sucessivos atropelos à lei por parte da administração, bem como a «imoralidade» da política salarial praticada, que se traduz por «milhões para os administradores e tostões para os trabalhadores».

O PCP exige, ainda, a resolução dos problemas através «do diálogo e da negociação» e requer do Governo que intervenha imediatamente para pôr cobro aos desmandos da administração da Somincor, presidida pelo engenheiro Soares Carneiro, igualmente presidente da *holding* do Estado para o sector, a EDM.

EMIGRAÇÃO Deputado comunista questiona Governo

O deputado do PCP Rodeia Machado, responsável no Grupo Parlamentar comunista pelo acompanhamento das questões da emigração, entregou na Assembleia da República um requerimento questionando o Governo sobre os apoios às vítimas das inundações que em Dezembro afectaram muitos portugueses radicados na Venezuela, já que, em relação a um outro do mesmo teor por ele apresentado em 5 de Janeiro, o Governo não deu qualquer resposta, apenas se sabendo que a prometida linha de crédito estará ainda em estudo, podendo pela demora deixar de ser necessária.

O deputado comunista questionou ainda o Governo sobre a situação das comissões de acção social e cultural a criar, pelo Regulamento Consular de 1997, junto do consulado com a participação da comunidade portuguesa, Regulamento que foi igualmente motivo de requerimento por ter sido feito sem qualquer consulta prévia aos representantes da comunidade.

SETÚBAL Não à co-incineração na Arrábida

A Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP, promove amanhã, às 18.00 horas, no Largo da Misericórdia, em Setúbal, uma concentração em defesa do património nacional, da qualidade de vida e do desenvolvimento sustentado da região.

Na origem da concentração está a decisão do Governo de instalar na Sécil, em pleno Parque Natural da Arrábida, uma co-incineradora de resíduos industriais tóxicos, contra a qual o PCP e a população se têm desde sempre manifestado.

Êxito da Campanha de Fundos depende das organizações

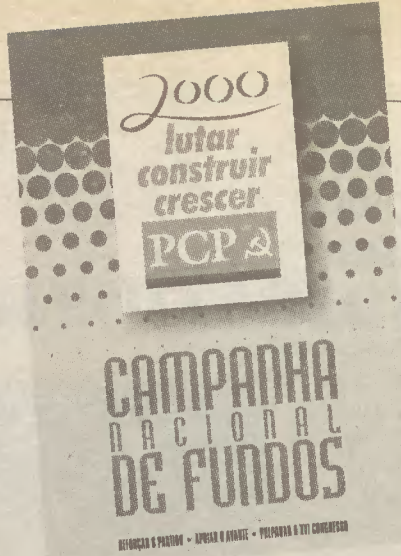
Por um maior impulso!

O Comité Central decidiu lançar, a partir de Março último, uma Campanha Nacional de Fundos, a decorrer até Outubro.

O objectivo desta recolha nacional de fundos é financiar a campanha de promoção e maior difusão do «Avante!» (que está em curso), criar melhores condições para a intervenção e comunicação do Partido com os trabalhadores, as populações e a sociedade em geral e custear as despesas com a realização do 16.º Congresso do Partido já marcado para os dias 8, 9 e 10 de Dezembro próximo.

Segundo as informações recolhidas na recente Reunião Nacional de Fundos, a Campanha está a decorrer de forma muito desigual, de sector para sector, facto que não pode desligar-se, para além de outros factores, do grau de empenhamento das diversas organizações e militantes nesta importante tarefa do Partido.

Por isso importa que, não obstante as múltiplas tarefas que todas as organizações



têm pela frente, relacionadas com os objectivos políticos e orgânicos que esta Campanha se propôs ajudar a cobrir financeiramente, se faça um grande esforço no sentido de dinamizar a Campanha, encontrando as formas em cada caso mais adequadas ao período estival em que nos encontramos.

Neste sentido, sabemos que há organizações que estão já a programar ou a levar a cabo iniciativas tendentes à dinamização da Campanha, tais como actividades culturais e desportivas, festas locais, abertura de

bancas nos locais de convívio, de veraneio e gozo de férias, assim como sorteios de mais diversa natureza.

Tudo isto, juntamente com a utilização dos materiais de apoio elaborados a nível central, tais como os cupões de diversos valores postos à disposição das organizações, aliado ao espírito criativo próprio dos militantes comunistas, deve ser incentivado no sentido da Campanha prosseguir, e intensificar-se mesmo, no período de férias.

A palavra de ordem é, pois: «Avante, camaradas! Pelo êxito da Campanha Nacional de Fundos!»

Estarreja Saúde em debate

O deputado do PCP Bernardino Soares, membro da Comissão de Saúde da Assembleia da República, visitou, no dia 16 de Junho, o concelho de Estarreja, com o objectivo de melhor conhecer a realidade do concelho, particularmente no campo da saúde.

No decurso da sua deslocação, o deputado, acompanhado de uma delegação da organização local do PCP, foi recebido pela direcção e administração do Hospital Distrital de Estarreja que o informaram sobre a forma de funcionamento desta unidade hospitalar, cujos serviços, apesar de algumas dificuldades em meios humanos, têm uma eficácia reconhecida.

Seguiu-se uma conferência de imprensa, no Centro de Trabalho do PCP, onde Matos Almeida, eleito da Assembleia Municipal, teve oportunidade de referir a luta travada pela CDU e pelo PCP em defesa do Hospital Visconde de Salreu, que serve uma população de mais de 47 mil utentes. Por sua vez, Bernardino Soares reiterou a política do PCP no campo da saúde e denunciou as tentativas dos grandes interesses económicos no sentido de esvaziar o Serviço Nacional de Saúde público.

A terminar esta acção do PCP, realizou-se no Salão Nobre da Câmara, com a presença de dezenas de pessoas, um debate sobre a saúde,



onde Bernardino Soares fez o balanço da sua visita e realçou o esforço do PCP em defesa de um serviço público de qualidade, lançando o mote para uma discussão que se revelou viva e participada.

Da discussão, concluiu-se que os estarrejenses desejam

o reforço dos serviços do seu hospital, não aceitam a diminuição de valências e rejeitam o encaminhamento de serviços públicos para entidades privadas, sentindo, ainda, que a plataforma química ali localizada representa um risco permanente.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Rui Branco

Faleceu no dia 5 de Junho, aos 67 anos, o camarada Rui Branco. Enquanto estudante, aderiu ao MUD Juvenil, filiando-se mais tarde no Partido, onde militava há 40 anos. Militante destacado, colocou desde muito novo a sua vida e a sua profissão ao serviço dos seus doentes, fundamentalmente aos mais desprotegidos. A seguir ao 25 de Abril, deslocava-se semanalmente ao Alentejo para, gratuitamente, fazer rastreios e dar consultas em toda a zona da Reforma Agrária. Foi, também, a grande alma das Comissões de Base de Saúde desde a altura em que foram criadas, a seguir ao 25 de Abril. Era Chefe de Serviço de Medicina Interna do Hospital de Santa Maria e foi médico da Casa da Imprensa. Era membro da Direcção do Sector Intelectual da ORL, tendo participado e dinamizado durante muitos anos as Jornadas de Trabalho da área da saúde na Festa do «Avante!».

Fabião Canhoto Godinho

Com 68 anos de idade, faleceu, no dia 14 de Junho, o camarada Fabião Canhoto Godinho. O camarada estava organizado na freguesia da Ajuda.

Francisco Marques Valente

Faleceu no dia 19 de Junho, vítima de doença prolongada, o camarada Francisco Marques Valente, de 88 anos. Membro do Partido desde a clandestinidade, tendo estado preso entre 1962 e 1967, era um militante na freguesia do Seixal. No seu funeral, que constituiu uma manifestação de profundo pesar, participaram muitos camaradas e amigos.

João António Rosa

Faleceu no dia 20 de Junho, com 73 anos de idade, o camarada João António Rosa, residente no Alcorrego, Avis. Pessoa muito conhecida e estimada, teve um papel relevante na Reforma Agrá-

ria e durante muitos anos fez o acompanhamento a milhares de pessoas que visitaram Avis em excursões. Foi membro da Comissão Concelhia de Avis do PCP e era actualmente membro da Comissão de Freguesia de Alcorrego.

Mário Salgado Matos

Faleceu, no passado dia 29 de Março, com 69 anos de idade, o camarada Mário Salgado Matos. Estava actualmente organizado na freguesia da Costa de Caparica.

Raquel Portugal Ferreira

Faleceu, no passado dia 9 de Junho, a camarada Raquel Portugal Ferreira, de 90 anos. Lutadora antifascista e militante do PCP desde 1975, foi sempre solidária e activa em todas as iniciativas tanto do Partido como de movimentos unitários, como os Pioneiros e o MDM. Era muito estimada pelos camaradas da freguesia do Coração de Jesus, onde residia e estava organizada.

Vítor Manuel Castelinho

Com 51 anos, faleceu no dia 27 de Junho o camarada Vítor Manuel Castelinho, natural de Castelo de Vide. Foi presidente da Junta de Freguesia da Ajuda de 1990 a 1997. Muito ligado ao movimento associativo, foi presidente da Direcção da Assembleia Geral da Academia Recreativa da Ajuda durante mais de 20 anos. Foi, ainda, presidente da Assembleia da Associação de Actividades Sociais do Bairro 2 de Maio e eleito na Assembleia de Freguesia de Santa Isabel. Fazia parte da célula dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Loures, integrando também o Organismo de Direcção da Zona Ocidental de Lisboa.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Trabalhadores da administração local exigem aumentos intercalares

Jornada de luta dia 12 de Julho

O STAL e o STML, reunidos em plenário, exigem a revisão das carreiras e aumentos intercalares para fazer face à subida dos preços. E ameaçam com um dia de luta em Julho.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) e o Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa (STML) exigem um aumento intercalar de três por cento para a administração local, com um aumento mínimo de 3000\$00, a partir de 1 de Junho.

Reunidos em plenário na terça-feira em Lisboa, os dirigentes, delegados e activistas sindicais apresentam esta proposta como forma de fazer frente à subida da inflação, do preço dos gás, da gasolina, das taxas de juro e dos bens de primeira necessidade.

Caso as suas reivindicações não forem adoptadas pelo Governo, os trabalhadores estão prontos para partir para um dia nacional de luta, a realizar a 12 de Julho, com plenários e manifestações em todo o país.

Para o STAL e o STML, a subida da inflação revela a má fé do Governo no processo de definição das tabelas salariais. «O objectivo foi claramente estabelecer um

tecto para os aumentos salariais, para nos fazer perder poder de compra», acusam os sindicalistas na moção aprovada no plenário.

Classificando como «totalmente ridículo» o argumento de que o país entraria numa espiral inflacionista caso os trabalhadores da administração local tivessem aumentos

O STAL e o STML acusam o Governo de não cumprir as promessas feitas

superiores a 2,5 por cento, o STAL e o STML lembram que está «mais que provado que os salários são um dos factores de menor impacto no crescimento da inflação».

«Os nossos aumentos salariais são publicados cada vez mais tarde», dizem os trabalhadores da administração local, acusando o Governo de usar a massa salarial não paga como um elemento de apoio económico.

Carreiras

Outra reivindicação dos sindicalistas é a revisão das carreiras, exigindo a subida imediata de um escalão para todos os trabalhadores locais.



Criticando os «laivos cavaquistas» do Governo, os sindicatos mostram-se contra as alterações da lei eleitoral

E apontam o dedo ao Governo por não aplicar as resoluções do Parlamento, nomeadamente a uniformização em três anos da progressão nos escalões, nas carreiras horizontais e verticais e as dotações globais para todas as carreiras.

O STAL e o STML chamam a atenção para este facto inédito: «Um Governo, respon-

sável perante a Assembleia da República, recusa-se a aplicar a sua decisão, neste caso aprovada por todos os grupos parlamentares, inclusive o PS. Os portugueses elegem a Assembleia da República e é dela que sai o Governo, e não o contrário.»

Os sindicatos lembram que as promessas feitas pelo ministro da Administração Interna e pelo Secretário de Estado da Administração Local ainda não foram cumpridas, apesar de alguns prazos já terem sido ultrapassados.

«Sobre as várias carreiras não há também qualquer resposta do Governo: bombeiros, fiscalização, transportes colectivos, operadores de estações elevatórias e depuradoras, ecónomos, telefonistas, ajudantes de creche e jardins de infância», referem.

Atitudes

O Executivo é ainda acusado de beneficiar o patronato em detrimento dos trabalhadores. E dão exemplos: enquanto que para estes

foram impostos aumentos salariais de 2,5 por cento, para os primeiros a atitude foi de flexibilidade, favorecimento (nomeadamente em relação às cimenteiras no processo de co-incineração) e incentivo à privatização dos serviços de água e recolha de lixo.

Referindo os «laivos cavaquistas» do Governo liderado por Guterres, os trabalhadores da administração local manifestam a sua oposição às alterações da lei eleitoral para as autarquias propostas pelo PS.

Enfermeiros discutem penosidade da profissão

O risco, penosidade e insalubridade na enfermagem voltaram ao Ministério da Saúde, esta semana, quando do lançamento de um livro sobre este tema e como objecto de discussão entre sindicatos e tutela.

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) escolheu a porta do Ministério da Saúde para palco, terça-feira passada, do lançamento de um livro sobre o risco, penosidade e insalubridade na profissão. A publicação é composta por três capítulos: um primeiro que fundamenta cientificamente o porquê da profissão de enfermagem ser uma profissão de risco, penosidade

e insalubridade, outro com uma compilação das muitas e diferentes leis que desde a década de 60 referenciam a profissão de enfermagem como de risco e penosa, e uma última parte com histórias do quotidiano de enfermeiros e a forma como estes têm de diminuir o seu exercício de cidadania para estar quase totalmente disponíveis para os outros.

Este tema voltou ao Ministério da Saúde quarta-feira, quando a Ministra da Saúde, Manuela Arcanjo, recebeu o SEP, na primeira reunião desde a greve de 5 de Junho, que, segundo referiu o sindicato, teve uma adesão de 85 por cento.

Em comunicado, o SEP manifestou disponibilidade para negociar, considerando que «continuam a estar reunidas todas as condições» para um aproximar de posições relativamente à forma de compensar os enfermeiros pela «extrema penosidade da profissão de enfermagem», esperando «maior flexibilidade» da ministra da Saúde e do Governo.

«A profissão de enfermagem é efectivamente uma profissão penosa, situação que se agrava com a extrema carência de enfermeiros, reconhecida aliás pela Assembleia da República», sublinha o SEP.

Dia D

Interacção contra a droga

No Dia D – Dia Internacional de Combate à Droga, a CGTP-IN e a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (EPBJC) assinaram um acordo de cooperação com o IPDT (Instituto de Prevenção da Droga e Toxicoddependência) e o IDICT (Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho), com vista a despistar casos de toxicoddependência em meio laboral, promover maior qualidade no emprego e criar modelos de formação que esclareçam dos perigos do consumo de drogas.

O acordo tem como objectivo assegurar a sustentabilidade e o desenvolvimento do Programa Interação – Prevenção de Toxicoddependências, que a CGTP e a EPBJC lançaram em finais de 1999 e que assenta nos Projectos EURIDICE e SINE(S) QUA NON.

O primeiro, dinamizado pela central sindical, é um projecto de intervenção, a longo prazo, nos locais de trabalho.

O segundo, promovido pela escola profissional, centra-se

na prevenção junto dos jovens em contexto formativo e na produção de conteúdos e meios didácticos que sustentam o Programa.

Em vista está o lançamento de cursos de técnicos de higiene e segurança no trabalho, assim como a formação de grupos de intervenção na empresa. Paralelamente serão desenvolvidos planos de formação para os trabalhadores.

Na fase experimental, a CGTP assegura a implantação do projecto em três empresas. Ao IPDT caberá apoiar a definição de instrumentos técnicos de tratamento de dados e a integração do programa na comunidade através dos Planos de Acção Municipais integrados. O IDICT apoia a execução de planos de formação e a edição de materiais técnico-pedagógicos.

369 mortes em 1999

O consumo de droga provocou a morte a 369 pessoas no ano passado, o número mais alto registado em Portugal desde 1991 e que corresponde a um aumento de cerca de 10 por cento relativamente a 1998 (337).

Estes dados constam de um relatório do Instituto Português da Droga e da Toxicoddependência (IPDT) divulgado segunda-feira em Lisboa, que revela uma tendência de crescimento do número de mortes relacionadas com o consumo de drogas desde 1995, mas com um desaceleramento registado entre 1998 e 1999.

O número de mortes relacionadas com a droga aumentou de 1991 (121 mortes) para 1992 (156), decaindo em 1993 (115) e assumindo uma tendência de crescimento desde essa altura, apenas com outro desaceleramento entre 1996 e 1997 (232 e 235 respectivamente).

As mortes foram registadas em apenas três distritos: Lisboa (214), Porto (115) e Coimbra (40).

Trabalhadores do Chiado recebem compensação

Setecentos e cinquenta trabalhadores da zona do Chiado, aquando do incêndio de 25 de Agosto de 1988, receberam uma compensação social no valor total de um milhão cento e dez mil contos, em cerimónia que teve lugar sábado passado no Fórum Lisboa.

Uma compensação social realizada pela Câmara Municipal de Lisboa num acto em que estiveram presentes, para além de representantes da Câmara, o secretário-geral da CGTP-IN, membros do Grupo de Trabalho que ao

longo de quase 12 anos acompanhou e dinamizou este processo vitorioso, dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Portugal (CESP) e da União dos Sindicatos de Lisboa.

O critério de atribuição das compensações – aprovado em Assembleia Geral da CESP – foi o de um valor igual para todos os trabalhadores, a multiplicar pelo número de anos de antiguidade nas respectivas empresas à data do incêndio.

A imprensa regional nas estratégias de desenvolvimento

• Carlos Brito

A imprensa regional já não é o que era, mas continua a representar um papel muito importante em benefício das populações, sobretudo nas regiões mais carenciadas.

Estou convencido que é um dos mais importantes factores de contenção da iliteracia, pois há muito boa gente, mesmo a viver nas áreas metropolitanas, que o que lê, além de algum jornal desportivo e dos folhetos das telenovelas, é o «jornalinho da terra». E este constitui, em muito casos, a única leitura para os poucos que ainda lêem nas zonas rurais.

Há, reconhecidamente, claras situações de oportunismo em torno da imprensa regional, como há em qualquer outra área de actividade em que nos debruçamos, mas é indubitável que ela tem em relação ao poder e ao país muito mais razões de queixa, do que estes motivos de crítica para lhe apontar.

Creio que os apoios oficiais ficam, em geral, muito aquém do que seria devido, pelo papel que a imprensa regional já desempenha e pelo que pode e deve desempenhar no futuro na formação de uma opinião pública informada, esclarecida e interveniente em matérias de interesse local e regional e, mesmo, em matérias de interesse nacional.

Uma experiência concreta

É, hoje, pacífico dizer-se que qualquer estratégia de desenvolvimento regional para ser eficaz tem de contar com o envolvimento activo das populações e que a imprensa regional é uma das formas mais directas de chegar até elas. Sendo assim, parece certo também, embora provavelmente menos pacífico, que um periódico regional se pode tornar numa alavanca de desenvolvimento ao contribuir para a aglutinação, o esclarecimento e a mobilização das populações em torno de grande objectivos estratégicos regionais.

Foram considerações desta ordem (e sobretudo a última) que estiveram presentes na criação recente de um novo órgão regional – um mensário – numa experiência que tenho tido oportunidade de acompanhar.

A região é o Nordeste Algarvio, com uma área de 1105 Km² e 8905 habitantes, o que representa 22,14 por cento da superfície e 2,6 por cento da população do Algarve. Compreende cinco freguesias do concelho de Alcoutim, duas do concelho de Castro Marim, uma de Tavira e uma de Loulé. É um conjunto de freguesias que se contam, em todo o Algarve, como as mais gravemente atingidas pelos fenómenos da desertificação, do despovoamento e do envelhecimento.

Todas perderam mais de metade da

população, entre 1960 e 1991. Tinham, nesta última data, uma densidade populacional média de 8,2 habitantes por Km² (a média do Algarve era de 68,4), mas há uma que já não ultrapassava os 4 habitantes por Km². Tudo indica que estes números se agravaram desde o último censo.

O índice de envelhecimento médio do conjunto é de 336,5 (enquanto o do Algarve é de 96,9), mas há uma freguesia que ultrapassa o índice 535.

Uma associação de desenvolvimento regional, sediada em Alcoutim - Alcance - trabalha há uma década para contrariar com diversos projectos e iniciativas a situação de clamoroso abandono que estes dados traduzem e para sensibilizar o poder central e as estruturas desconcentradas na região algarvia para a imperioso dever de acudir à região com um urgente e significativo plano de investimentos públicos. Estes quando chegam, são minguados e tardios.

Foi no quadro destes trabalhos que surgiu a ideia do jornal – o «Jornal do Baixo Guadiana» – como voz de todo o Nordeste Algarvio, para o qual a associação conseguiu um apoio do PPDR, e que já leva três números publicados. Promovendo o gosto pela leitura, que foi aliás uma das condições do apoio, pode ver-se que o jornal procura identificar-se com as grandes aspirações da população, transformando-as em objectivos e dando-lhe uma expressão reivindicativa. É já hoje um factor de desenvolvimento.

Pôr os olhos no interior

O implacável processo de desertificação, que tem no Nordeste Algarvio o perfil que desenhámos, atinge com ritmos e proporções maiores ou menores muito mais de metade do território nacional.

O abandono do interior não é só uma negra herança da ditadura fascista, vem de antes e foi continuado depois pelas políticas de direita das duas últimas décadas. Estas que se caracterizam essencialmente pela injustiça social, têm também como componente importante a injustiça regional, como se vê claramente, entre outras, na atribuição das verbas do PIDDAC e na forma como são distribuídos os fundos comunitários. Julgo que qualquer verdadeira estratégia de desenvolvimento nacional implica que se ponha os olhos no interior e que se lhe faça justiça, compensando-o dos abandonos e facultando-lhe os meios e as dinâmicas para que deixe de ser um peso morto ou negativo no desenvolvimento do país.

Por tudo isto, sou de opinião que os problemas do interior e todas as formas de lhes dar resposta, incluindo através da imprensa regional, devem merecer uma atenta consideração nos trabalhos preparatórios do XVI Congresso do PCP.



Comité da Deficiência reúne em Carcavelos É preciso que nos oiçam

A urgência de superar discriminações e, em particular, abrir decididamente aos deficientes a possibilidade de trabalhar, foram questões que estiveram no centro de todas as intervenções na reunião do Comité da Deficiência dos Países do Sul da Europa, que decorreu em Carcavelos dias 23 e 24 de Junho.

A reunião do Comité contou com a participação dos Conselhos Nacionais de Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia, Chipre e Eslovénia, assim como do Presidente do Fórum Europeu da Deficiência (FED), Yannis Vardakastanis.

Em análise estiveram várias Directivas da União Europeia assim como propostas de programas de acção a nível comunitário de particular importância para os cidadãos com deficiência, quer de Portugal quer da União Europeia em geral.

tante do Comité italiano, de par de uma atenção especial para com os deficientes profundos, pessoas que «não se podem representar sozinhas» e de que se impõe garantir pura e simplesmente a sobrevivência, quando falta o apoio familiar.

A acessibilidade a edifícios públicos e outros, o ordenamento adequado de locais de trabalho e vivência, o direito à educação e saúde, são outros dos problemas – sentidos por todos – a exigir resposta.

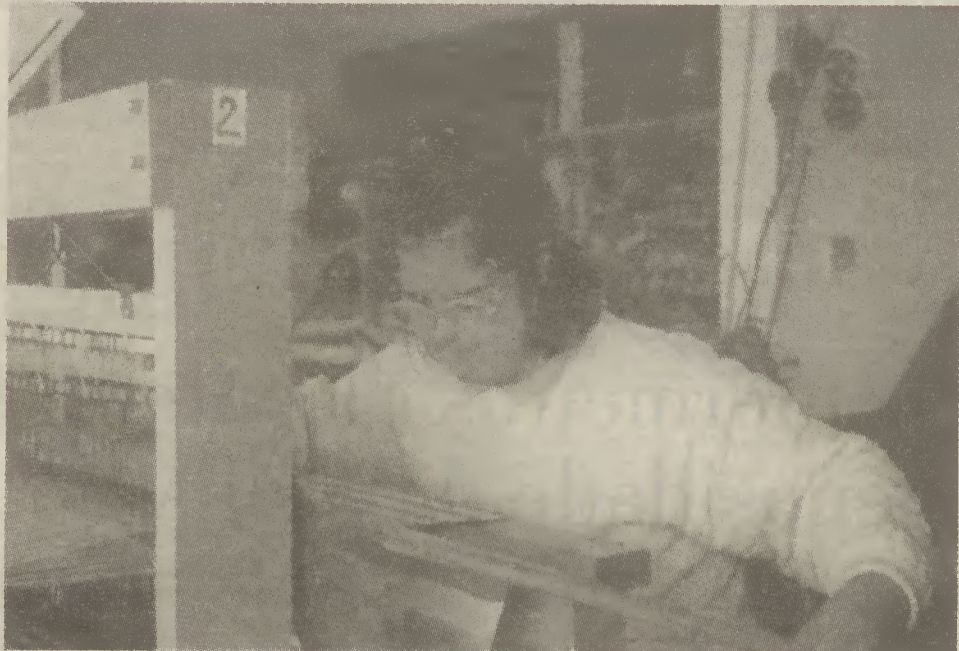
Somos nós que sentimos os problemas na carne

frisou, tanto mais que há marginalização a todos os níveis, do trabalho às mais que insuficientes pensões.

Há mesmo áreas onde se registam retrocessos, considerou o representante português, referindo-se à decisão governamental de retirar a

especialização de professores. O que coloca problemas como a necessidade de saber braile ou linguagem gestual para ensinar cegos ou surdos.

Uma «grande preocupação» de fundo foi ainda salientada pelo representante do Conselho português – os atrasos nos subsídios às ONGs que apoiam deficientes, que assim não podem pagar os salários dos seus trabalhadores e se debatem numa situação particularmente difícil.



A educação é uma das grandes exigências dos deficientes

De entre as várias questões debatidas ao longo dos dois dias de trabalho, ressaltam nomeadamente a não discriminação no campo do emprego, a importância da coordenação de acções comuns, em particular na perspectiva do Ano Europeu do Deficiente 2003, o desenvolvimento de campanhas para a inclusão no tratado da União Europeia de uma Carta dos Direitos Fundamentais, a necessidade de um melhor conhecimento das realidades específicas de cada país.

Três vezes mais desempregados

Há três vezes mais desempregados entre cidadãos com deficiência do que na generalidade da população. Um facto referido pelo representante do Conselho Francês e que reflecte a importância de um problema abordado pela generalidade dos participantes, na conferência de imprensa que teve lugar dia 23.

O emprego surge mesmo como uma das grandes prioridades, indicada pelo represen-

«É preciso que nos oiçam», sem o que não será possível obter resultados tangíveis. Foi o alerta do representante de Espanha que sublinhou, como um dos problemas mais importantes, a falta de visibilidade dos deficientes e dos seus problemas. «Não nos conhecem», lembrou. «É necessário que a sociedade nos apoie», disse, frisando o papel que a comunicação social aqui pode desempenhar.

A necessidade de ser ouvido

A necessidade de visibilidade e, mais ainda, a necessidade de ser ouvido, foi uma das questões abordadas pelo representante do Conselho Nacional dos Organismos de Deficientes.

«Somos nós que sentimos os problemas na carne» disse, lembrando que as organizações de deficientes nada souberam sobre o plano nacional de emprego.

São muitas as necessidades sentidas pelos deficientes,

Casa Aberta

No âmbito do programa «Casa Aberta», que visa eliminar barreiras arquitectónicas nas residências de pessoas deficientes, a Câmara de Lisboa vai transferir 15 mil contos para a Liga Portuguesa de Deficientes Motores (LPDM).

Esta verba destina-se, nomeadamente, a obras de adaptação nas residências de pessoas deficientes ou à instalação de ajudas técnicas, que permitam aos cidadãos afectados por deficiência maior mobilidade e independência. O apoio da Câmara de Lisboa à LPDM, no âmbito do programa «Casa Aberta», tem por base um protocolo celebrado entre as duas entidades em Abril de 1997.

Demétrio Alves Fez-se justiça

«Crime de difamação agravada, na forma de abuso de liberdade de imprensa», é a acusação que recai neste momento sobre Helena Sanches Osório, na sequência da queixa apresentada por Demétrio Alves, ex-presidente da Câmara de Loures.

A história do que aconteceu conta-se em poucas palavras. Em Dezembro de 1997, num momento em que se procedia ao apuramento e divulgação dos resultados das eleições autárquicas que então tiveram lugar, o jornal «A Capital» titulava, a toda a largura da primeira página, remetendo para um texto de Helena Osório - «Governador Civil em desespero em Loures / Demétrio desaparece com resultados eleitorais».

Na análise que fez dos acontecimentos e numa perspectiva de «determinar qual o impacto que um título como o daquela edição de «A Capital» significa perante o cidadão que passa pela banca dos jornais», o Ministério Público considera pacífico que, perante tal título, «o cidadão comum é levado a pensar que teria havido fraude» por parte do então presidente da Câmara de Loures.

O documento de acusação sublinha mesmo que Helena Sanches Osório sabia que tal título era «susceptível de ser interpretado como transmissor da ideia» de condutas fraudulentas por parte de Demétrio Alves. Mais, ainda, sabia que este não tinha desaparecido com os resultados eleitorais e «tinha plena consciência de que ele não era capaz de levar a cabo tais condutas».

Assim, mais de dois anos volvidos, Demétrio Alves vê justiça feita.

Vereadores comunistas exigem Apoios para a escola

O «peso do passado» e propostas para o futuro dos primeiros anos de escolaridade foram questões essenciais abordadas pelos vereadores da Educação do PCP da Área Metropolitana de Lisboa.

Os primeiros anos de escolaridade, os problemas e propostas na relação entre municípios e Ministério da Educação em torno desta questão, foram os temas abordados em encontro dos vereadores comunistas com a comunicação social, realizado no passado dia 23.

Catorze anos volvidos sobre a partilha de responsabilidades entre municípios e Governo ao nível da educação pré-escolar e do 1.º ciclo e face às muitas questões não



Os primeiros anos de escolaridade necessitam de maiores apoios

resolvidas, os municípios decidiram não encarar novas competências nesta área, enquanto não lhes forem garantidos os meios humanos e financeiros correspondentes.

Ao longo destes anos os municípios foram procurando dar resposta às muitas carências acumuladas, criando uma rede de apoios e relações das escolas com as respectivas comunidades. Mantev-se, entretanto, o «peso do passado».

Por isso se exige hoje um regime de competências devidamente clarificado e nos termos adequados, sem necessidade de recorrer aos sempre precários «protocolos de cooperação». Uma posição unanimemente expressa no último congresso dos Municípios Portugueses, realizado em Maio passado, e que os vereadores comunistas partilham.

As principais carências

A falta de apoios é uma das mais sentidas carências. Falta de apoio social

(subsídios às famílias) para alimentação e para actividades de tempos livres. Falta de apoios financeiros à construção e

adaptação de escolas, de muitos jardins de infância e de criação de espaços gimnodesportivos. Falta de apoio ao desenvolvimento, por alguns municípios, das respectivas Cartas de Equipamentos Educativos.

A esta múltipla falta de apoios somam-se outros problemas, como a contratação precária de auxiliares de acção educativa e a não substituição destes profissionais quando doentes ou reformados ou as escassas medidas governamentais para conter a vandalização de escolas e jardins de infância, nomeadamente fora dos períodos lectivos. Ou ainda a criação da ideia, junto dos pais, de que as interrupções escolares deverão ser preenchidas por actividades da responsabilidade das câmaras, sem que nunca tenha sido discutida com elas tal perspectiva.

Impõe-se dignificar os primeiros anos de escolaridade

Neste quadro, os vereadores da Educação do PCP de alguns municípios da Junta Metropolitana de Lisboa apresentam algumas propostas, no sentido de dignificar os primeiros anos de escolaridade.

As propostas concretas

Antes do mais, a introdução de apoios sociais para alimentação e tempos livres. A participação, do Ministério da Educação, na construção e adaptação de equipamentos educativos e o reforço do pessoal auxiliar e de pessoal qualificado para necessidades educativas especiais. Vigilância policial das instalações escolares. E ainda apoio financeiro e técnico, quer à produção de Cartas de Equipamentos Educativos municipais, quer ao esforço municipal de «realização de complementos educativos e programas de sensibilização que desenvolvam a criatividade e a relação da escola com a comunidade».

CDU/Madeira

Eleições em debate

Os critérios fundamentais que orientarão o processo de elaboração das listas de candidatos às eleições legislativas regionais na Madeira, foram discutidos e definidos num encontro de trabalho da CDU, realizado domingo passado.

No encontro, para preparar as eleições que terão lugar no último trimestre deste ano, foi ponto assente a total disponibilidade de trabalho de todos os activistas desta força política para que *MAIS CDU* se afirme como uma realidade nas eleições que se avizinhnam.

A CDU/Madeira definiu, como critérios fundamentais na elaboração das *Listas de Candidatura*: garantir o alargamento do espaço político da CDU, promover a inclusão nas listas de independentes que visibilizem a valorização das propostas da CDU e contribuam para o seu reforço, atender à importância dos movimentos sociais e seus protagonistas, valorizar o contributo dos activistas da CDU que mais se destacam na luta em defesa dos direitos dos trabalhadores e das populações, potenciar o tra-

balho dos deputados da CDU na Assembleia Legislativa Regional.

A inovação nas abordagens temáticas, na análise de questões concretas para o futuro da região e na apresentação de propostas para a resolução dos problemas foi outro assunto discutido. Neste quadro, para além do contacto habitual no terreno, com as populações e trabalhadores, serão desenvolvidas outras iniciativas susceptíveis de mobilizar novos colaboradores e criar novos espaços de intervenção.



JCP contra racismo

Em alguns locais do Laranjeiro, Corroios e Cruz-de-Pau, têm vindo a aparecer autocolantes e inscrições nas paredes com frases racistas e xenófobas, assinados por um grupo autodenominado de «Jovens atentos».

Em nota de imprensa, a Comissão Regional de Setúbal da JCP afirma o seu mais veemente repúdio por tais actos, salientando, simultaneamente, que as políticas de direita, que se traduzem na precariedade no emprego, baixo nível de vida, perda de poder de compra,

exclusão social, alimentam estes fenómenos de cariz racista e xenófobo.

Os jovens comunistas de Setúbal decidiram entretanto criar um grupo de trabalho de combate ao racismo que irá, através de contactos com diversas associações de imigrantes, colher informação sobre os problemas específicos da região para, de seguida, promover iniciativas diversas, nomeadamente sessões de esclarecimento, debates, iniciativas desportivas e culturais.

Encontro da URAP

Apelo à unidade de acção

Cerca de 700 pessoas participaram, no passado dia 10, no Encontro de Resistentes Antifascistas Alentejanos, em Montemor-o-Novo, promovido pelos Núcleos da União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP).

Ao longo do debate, destacou-se a luta do povo alentejano contra o regime fascista e por um Portugal democrático, «contra a opressão e contra as grandes desigualdades de que ainda hoje resulta que uns possuem tudo e vivam na ociosidade e outros, a imensa maioria, vivam no limiar da pobreza e tenham que emigrar, mesmo dentro do seu próprio país», como se sublinha na Declaração aprovada neste encontro.

O documento lembra as potencialidades e problemas do Alentejo, que «continua com imensas áreas de terra arável sub-aproveitada e outras em estado de abandono e sujeitas à erosão, o que leva à desertificação

humana, à falta de emprego e aos baixos salários», e sublinha que «o Alentejo não tem e é indispensável que tenha, já elaborado e aprovado, um Plano de Desenvolvimento Regional».

A Declaração conclui com um apelo: «Porque a democracia é um estado económico-social e político em aperfeiçoamento constante para poder responder às grandes carências da sociedade, porque existem forças que sempre se opuseram e continuam a opor-se a que a democracia dê satisfação às aspirações do povo e do interesse nacional, expressos na Revolução de 25 de Abril de 1974, o Encontro de Montemor apela à unidade de acção de todos os que assentam os seus ideais na defesa da democracia e da sua consolidação, pelo desenvolvimento económico do Alentejo e pela melhoria do bem estar das populações alentejanas».

A um ano do II Congresso Internacional Cultura e Desenvolvimento Vice-Ministro da Cultura de Cuba visita Portugal



Pe recuperação humanista un

Luis Felipe Vasquez, Vice-Ministro cubano da Cultura, veio a Portugal na semana passada. A sua visita ao nosso País, de onde partiu de seguida para Espanha, teve como objectivo lançar desde já algumas pistas para a participação portuguesa no II Congresso Cultura e Desenvolvimento, a realizar em Havana, de 3 a 7 de Junho do próximo ano. Não é cedo, disse-nos, no encontro que teve com o Director do «Avante!», momento que aproveitámos para o entrevistar.

O Vice-Ministro começou por recordar o último Congresso, realizado no ano passado, que teve grande significado nacional e internacional.

«Recebemos», disse, centenas de consultas pela *Internet*, sobre temas culturais, não apenas de intelectuais, mas de outra gente preocupada com os problemas da cultura, falando do Congresso e procurando a forma de poder participar nesta nova edição».

«Esse Congresso teve um âmbito muito amplo, com a participação de gente vinda de toda a parte e de diferentes correntes filosóficas, religiosas e políticas. Conseguiu-se, num debate muito aberto, e independentemente das posições políticas e filosóficas, um grande consenso. Não falo de unidade, mas sim de consenso, que foi o principal. E foi então aceite a proposta de convocar novo Congresso para o ano de 2001.»

O trabalho já começou

«Desejamos que este novo Congresso se enriqueça, com maior número de participantes e com maior número de delegados vindos de outros países. No anterior foram 40 os países que participaram, mas muitos deles apenas com um ou dois delegados. Pretendemos não só ampliar o número de participantes mas também o nível de qualidade já na preparação.»

«Em Cuba já se iniciaram os trabalhos preparatórios. A começar pelas comunidades e pelos bairros, todas as pessoas que se interessem por estes temas da cultura e desenvolvimento podem apresentar os seus trabalhos e, através de um processo de selecção a nível dos bairros, dos municípios, das províncias e a nível nacional, seleccionar assim a delegação cubana.»

«Uma delegação que pretendemos que vá mais bem preparada do que no Congresso anterior, em que houve um processo similar mas com menos tempo», acrescentou o nosso entrevistado.

Ética humanista universal

«Este Congresso propõe um tema geral principal - *Pela recuperação de uma ética humanista universal*. A partir desse grande tema formar-se-á um grupo de comissões, de seminários, de

mesas-redondas, com uma infinidade de possibilidades de debate.»

E Luis Felipe Vasquez enumerou alguns dos temas que constam da própria convocatória:

«*Política cultural e desenvolvimento* - foi o tema que no último congresso teve uma participação maioritária;

«*Património, culturas nacionais e turismo*. O tema do turismo preocupa muita gente no mundo, pelo que significa na sua inter-relação com as culturas nacionais;

«*Cultura, informação e meios de comunicação de massas* - o efeito das novas tecnologias, a *Internet*, a globalização da informação;

«*Cultura e comunidade* - no Congresso anterior participaram representantes de comunidades indígenas do continente.

Foi muito importante, porque trouxeram a sua própria experiência e com muita força afirmaram a sua própria identidade cultural. Que nem sempre coincide com a identidade nacional. Às vezes, nós, cubanos, que vemos o problema da nossa óptica, generalizamos a identidade cultural com identidade nacional, porque em Cuba é assim... Mas em outros países não.

«Outro importante tema para debate: *Cultura e economia*. A cultura e a sua inter-relação com a globalização neoliberal e o significado que tem à indústria de cultura enlatada norte-americana e outras.

«E ainda - *Formação cultural para o desenvolvimento*. Este é um tema que não está encerrado, que continua em aberto. E outros temas podem surgir. Dentro de dias sairá uma primeira versão do pro-

grama, apresentada pela comissão organizadora que está a trabalhar. Não há tempo a perder, a um ano da data marcada para este Congresso.

Defender a identidade cultural

«Pretendemos, para além da participação neste processo de grandes figuras da cultura, pôr ênfase especial na participação das pessoas que trabalham directamente na comunidade.»

«A participação não se limita aos trabalhos do próprio Congresso - sessões plenárias, mesas-redondas, etc. - mas pretende que haja actividades culturais fora do horário dos debates. Que haja apresentações das principais manifestações artísticas de Cuba e conseguir, em

Notícias do bloqueio

Aproveitámos a presença do Vice-Ministro para colocar algumas perguntas que certamente muitos leitores gostariam de ver respondidas. A primeira delas diz respeito à situação actual no que toca ao bloqueio. Há alguma evolução favorável? Luis Felipe Vasquez esclarece:

Favorável no sentido de que o povo e a direcção do país consegue ir rompendo o bloqueio. No sentido de alcançar o desenvolvimento económico. Foi neste sentido positivo que pudemos enfrentar o bloqueio e sair já do momento mais crítico e atingir um desenvolvimento que começa a superar essa situação.

Do ponto de vista do bloqueio por parte dos Estados Unidos, não houve um único passo, por parte dos EUA para melhorar a situação. Houve declarações de boas intenções de alguns, mentiras e hipocrisia de outros, mas nenhum avanço.

O bloqueio continua tão forte como nos momentos mais fortes, continua a ser uma medida hostil dos Estados Unidos que afecta todo o povo cubano e apenas o estamos superando graças à criatividade, à luta, ao trabalho do nosso povo. Mas enfrentamos dificuldades muito graves.

Há por aí quem diga que «acabar com o bloqueio é acabar com a Revolução cubana»...

Nós, os revolucionários convictos, não imaginamos Cuba sem a Revolução. Mas, se assim for, que acabem com o bloqueio rapidamente. O bloqueio já existe há muitos anos - e isso está quantificado em números de muitos milhares de milhões de dólares que perdemos - e afectou gravemente a vida diária da população. Pode ser verificado por quem visite Cuba: desde a falta de pintura das casas à falta de recursos de todo o tipo. Há quem diga que se acaba a Revolução com o fim do bloqueio? Que ele acabe amanhã e logo se saberá quem ganha e quem perde.

Trata-se de uma mentira usada como argumento para dizer que nós exageramos o papel do bloqueio para, supostamente, escondermos as nossas deficiências. Nunca negámos deficiências nem ocultámos dificuldades, pois este é um processo social, um processo conduzido por homens - logicamente este processo de condução social e económico não é perfeito.

Mas estamos convencidos - e a vida tem-no demonstrado e demonstra-o hoje - de que, sem o bloqueio, Cuba estaria certamente muito mais desenvolvida e avançada. E com o bloqueio mostrámos que o nosso sistema é superior. Porque, apesar do bloqueio, conseguimos manter-nos, ultrapassámos o momento mais crítico, estamos desenvolvendo já praticamente todos os

ramos da economia, temos uma situação totalmente nova no país, de inquestionável melhoria - na alimentação do povo, na energia eléctrica...

Tivemos um momento em que, durante o dia, só havia duas horas de electricidade - hoje os «apagões» praticamente desapareceram. Houve um momento em que não havia praticamente nenhum transporte urbano - hoje já temos transportes, embora ainda não resolvam todas as necessidades da população. Na alimentação chegou a haver um momento muito crítico. Hoje a situação é muito mais favorável.

A manutenção de bloqueio constitui um fardo muito difícil. Mas aguentamo-lo com a decisão do povo de seguir em frente.

Continuamos a ter problemas sérios. Por exemplo, a nível de medicamentos, apesar de já termos começado a produzir a imensa maioria dos medicamentos de consumo normal. Mas há medicamentos que não se produzem em Cuba nem nos outros países da região, que só se produzem nos Estados Unidos e, mesmo com dinheiro para comprá-los, o bloqueio não permite adquiri-los senão a um preço exorbitante, porque temos de ir procurá-los muito mais longe, na Europa ou na Ásia, e comprá-lo a firmas e empresas que se aproveitam da especulação causada pelo bloqueio.



Museu do Pau Preto

O espectáculo de Miguel Hurst sobre os 500 anos de presença africana em Portugal. Pág.17



Festivais de bandas

Bandas juvenis de todo o País aderem aos festivais promovidos no âmbito da Festa. Pág. 18



Pesca no Seixal

Os pescadores desportivos têm encontro marcado no Seixal - dia 9 de Julho. Pág. 18

da festa!

FESTADO *Avante!* 2000

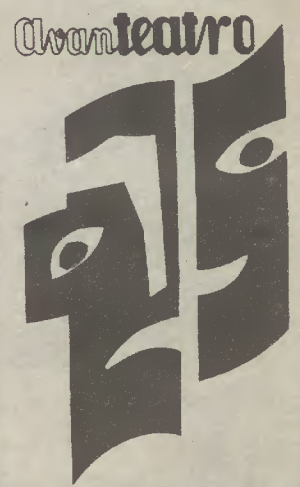
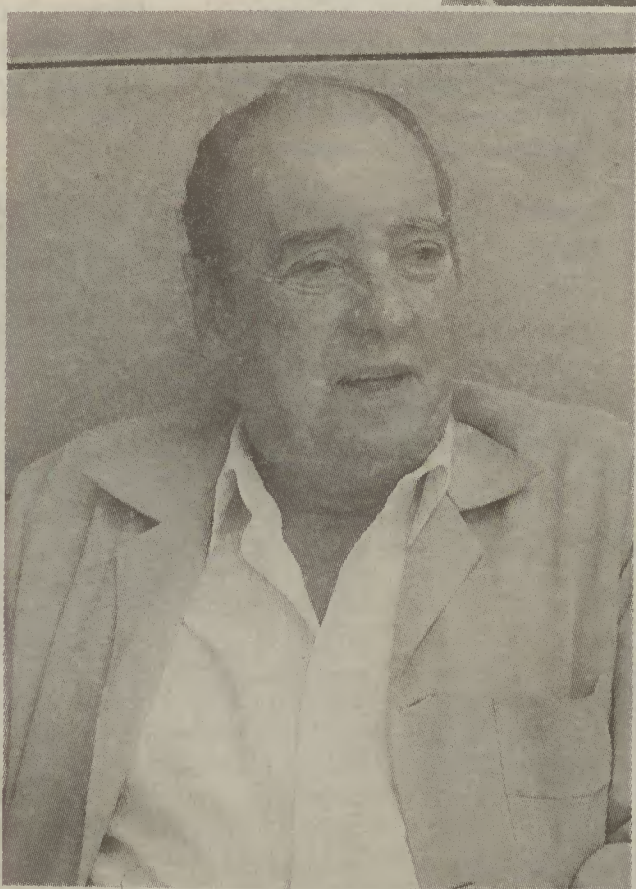
1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

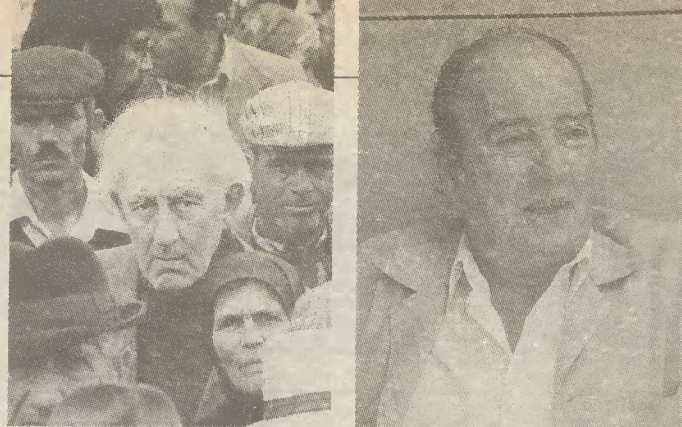
Canto e Castro diz José Gomes Ferreira

O encontro do actor com o poeta

O centenário de José Gomes Ferreira vai ser assinalado no Avanteatro com uma exposição sobre a vida e obra do poeta e um espectáculo com o actor Canto e Castro e encenação de Joaquim Benite, que estreia nos dias da Festa

Pág. 16





O Avanteatro promete surpreender o seu público fiel e propõe-se chegar a um número mais alargado de visitantes.

As novidades começam logo no terreno, onde foram operadas profundas alterações no relevo e tratamento do piso, com a criação de plataformas que facilitam a circulação e a instalação das estruturas. Mas também a programação apresenta aspectos inovadores e mesmo arrojados, de que se destaca a produção de um espectáculo com textos de José Gomes Ferreira

estiveram ainda Manuel Mendonça (há muitos anos director de palco do Avanteatro), e Augusto Flor, do executivo da Festa. A programação deste ano, como explicou Joaquim Benite, insere-se numa «visão evolutiva» do Avanteatro, o qual deverá ocupar «um lugar cada vez mais importante na Festa, correspondendo também a uma natural maior

Canto e Castro:
«É preciso dizer bem a poesia, não declamá-la»

exigência por parte do público».

A essência da poesia

Num ano em que se comemora o centenário do nascimento de José Gomes Ferreira, a primeira proposta que surgiu foi apresentar uma exposição sobre a vida e obra do Poeta. No entanto, a esta logo outra se lhe juntou:

«Avançamos com a ideia de produzir um espectáculo especial para a Festa a partir de uma

selecção de textos ditos por um actor», explica Joaquim Benite. «É claro que tinha de ser um grande actor, especialmente vocacionado para a poesia, e a escolha natural foi o Canto e Castro, não só porque é um dos grandes actores portugueses mas também porque ele é de certo modo um poeta e pode entender como poucos a poesia do Zé Gomes».

Segundo o encenador, o projecto, ainda em construção, vai muito para além de uma simples homenagem de rotina: «Não é um recital de poesia. É até possível que o Canto faça o próprio José Gomes Ferreira». A este propósito, Canto e Castro confessa que não é entusiasta da declamação: «Sabes, eu não gosto nada da palavra declamar; o conceito que existe é uma coisa que eu repudio. Acho que os poetas têm de ser transmitidos, interpretados. É preciso dizer bem a poesia, não declamá-la». Canto e Castro conviveu com o poeta e esse é um aspecto que, afirma, «é importante»: «Eu tinha uma grande admiração por ele, como todos nós. Não só pelo poeta da resistência, mas também pelo boémio, pelo homem que era de grande calor humano». Sobre o teatro na Festa, Canto e Castro observa que, como noutros palcos do país, verifica-se uma mobilização maior da juventude: «Os jovens viram-se para o teatro e creio que é uma reacção à saturação da televisão».

Revigorar as mensagens

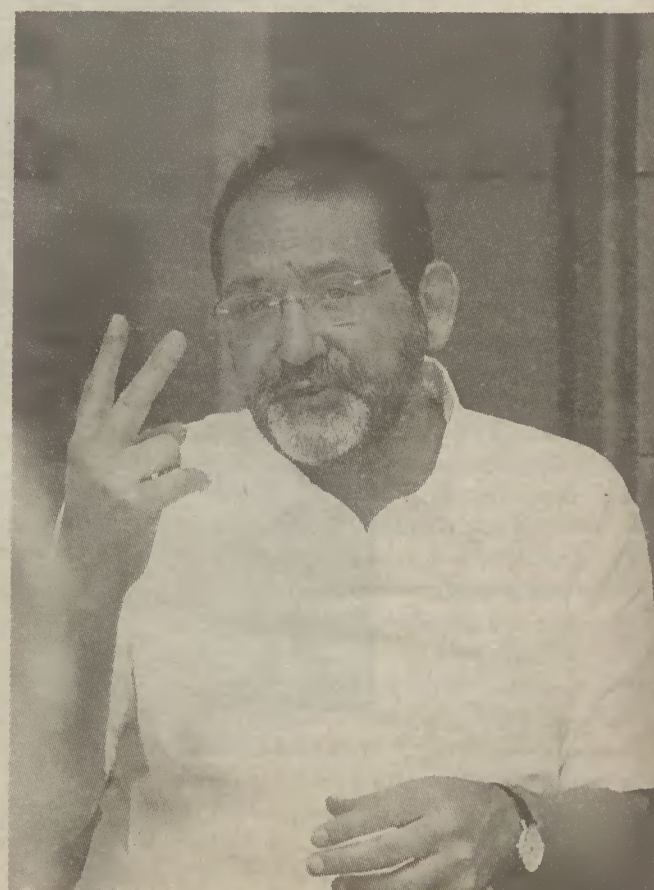
Neste sentido, levar à cena a poesia de José Gomes Ferreira «é também uma possibilidade de se transmitir a palavra do poeta junto da juventude», considera Vítor Gonçalves, que recorda o período pós-revolução quando «José Gomes Ferreira era quase um mito. Penso que também os jovens de hoje vão poder encontrar algo que a juventude do 25 de Abril descobriu nas suas palavras». Contudo, os tempos são outros e apesar

Joaquim Benite:
«Temos uma visão evolutiva do Avanteatro»

de estarmos a falar de um dos poetas do século, «o Neruda português», como lhe chamou Joaquim Benite, «a sua obra está um pouco esquecida», admitiu. A isso não é alheio o conteúdo político dos textos e a atitude assumida de poeta militante, que o levou aos 80 anos a filiar-se no PCP. Esta vertente, da intervenção social e política, sendo um dos aspectos fundamentais do espectáculo, não é no entanto o único: «o Zé Gomes escreveu sobre todos os aspectos da vida e foi também um poeta do íntimo, da alma», observa o encenador. Um dos objectivos do espectáculo é deste modo, «fazer uma releitura da sua poesia que seja revigorante em relação à sua própria palavra. Queremos renovar as próprias mensagens do José Gomes Ferreira. A poesia não chega só pelo conteúdo; chega também pela plástica, pelo prazer. Se o que nos interessa for apenas o conteúdo político basta-nos escrever um panfleto ou uma conferência. E para isso não é preciso um poeta. A poesia é mais complicada, exige uma outra forma de apreensão».

Estética de sobriedade

Quanto aos meios disponíveis, Joaquim Benite satisfaz a nossa curiosidade, deixando claro que «não se trata de uma grande produção, porque para isso eram necessários milhares de contos. Quando falamos de uma grande produção as pessoas ficam logo a pensar em cenografias, em máquinas de raios laser e disto não vamos ter nada».

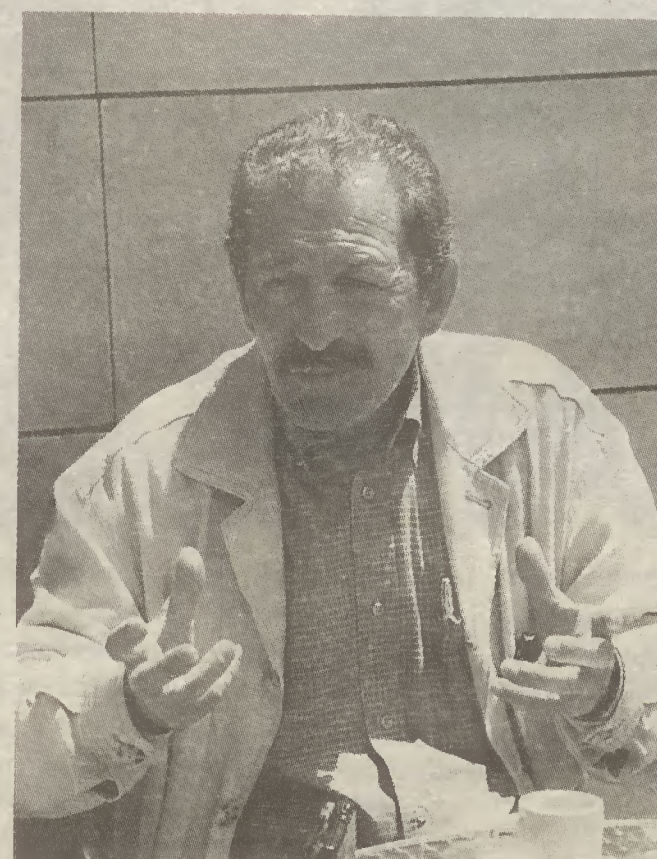


• Carlos Nabais: texto
• Jorge Caria: fotos

Todavia, contrariou a ideia de estarmos perante uma omelete sem ovos: «Nós temos alguns ovos e o melhor ovo é o intérprete. O que não vamos ter são os molhos. Mas

exactamente por não termos dinheiro, transformamos a carência numa estética, transformamos a falta de aparato numa estética de sobriedade». «O encontro de um grande actor com um grande poeta é em qualquer parte do mundo um grande acontecimento cultural», sublinhou Joaquim Benite.

Manuel Mendonça:
«Os espectáculos na Festa têm sido um êxito»

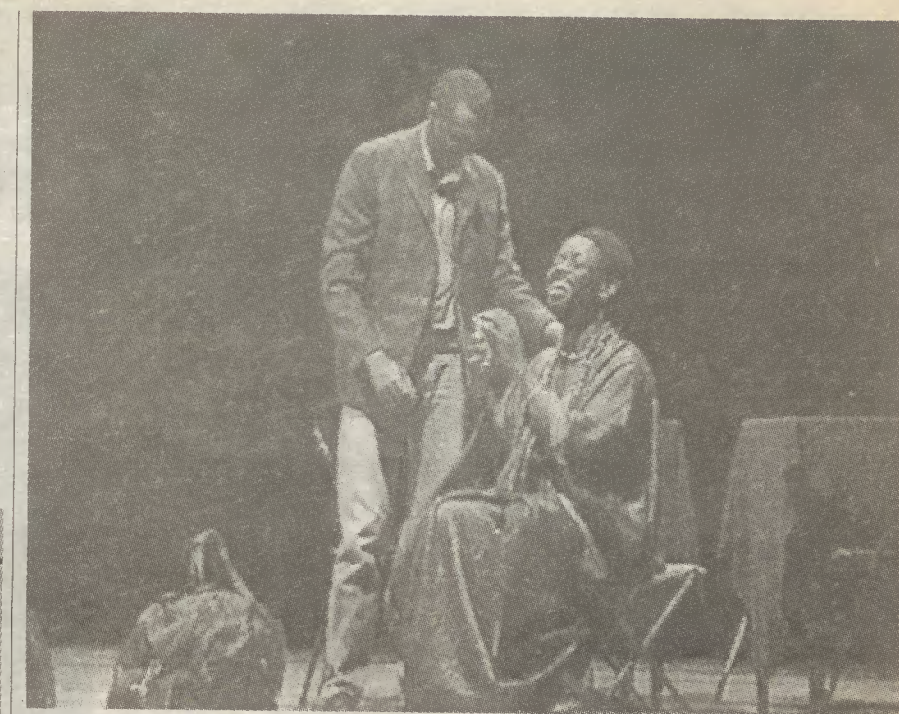


O primeiro «Avanteatro»

O primeiro Avanteatro realizou-se na Festa de 1986. Até esse ano, a participação de companhias de teatro fazia-se no âmbito de outras iniciativas culturais como por exemplo, na Bienal. Manuel Mendonça foi um dos actores que «batalhou» pela criação de um espaço próprio dedicado ao Teatro, permanecendo desde então como o director de palco daquele espaço. «Foram anos de discussões» recorda. De facto, à partida, a Festa do «Avante!» parecia não reunir as condições mínimas necessárias à representação teatral. Excesso de ruído, entrada livre dos visitantes em todos os recintos constituíam aspectos que poderiam condenar ao fracasso qualquer tentativa nesse sentido. Contudo, a primeira edição revelou-se um sucesso: «Para nós tratava-se de um envelope fechado. Ninguém sabia como o público da Festa iria reagir e havia naturais receios de que a experiência pudesse não resultar. No entanto, para surpresa de muitos, o êxito foi tal que as primeiras páginas dos jornais de segunda-feira davam conta das filas intermináveis de pessoas que se formaram à porta do Avanteatro. Foi uma coisa espantosa numa altura em que se falava muito da crise de público que atingia os

teatros em todo o país».

Hoje, passados 14 anos, o público continua a encher as bancadas do «Avanteatro» a qualquer hora do dia ou da noite. «Mesmo nas condições mais adversas, a verdade é que todos os anos se fizeram espectáculos sem amplificação, até monólogos, que resultaram e foram grandes êxitos de público», afirma Manuel Mendonça. A esta apetência pelo teatro, a organização tem procurado corresponder com espectáculos de qualidade, fazendo esforços para melhorar condições para público e actores. E apesar das dificuldades, a evolução é notória. «Já no ano passado se conseguiu que fosse cortado o som geral da Festa junto do Avanteatro, que já tinha beneficiado muito com a transferência para a zonas da entrada da Quinta da Princesa, onde está mais isolado». O desejo é de continuar este trabalho, proporcionando não só uma programação de qualidade como melhores condições para público e actores. Para além das alterações no terreno acima referidas, este ano a distância do palco ao solo vai baixar um metro e já há planos para o futuro, designadamente para conseguir um melhor isolamento sonoro.

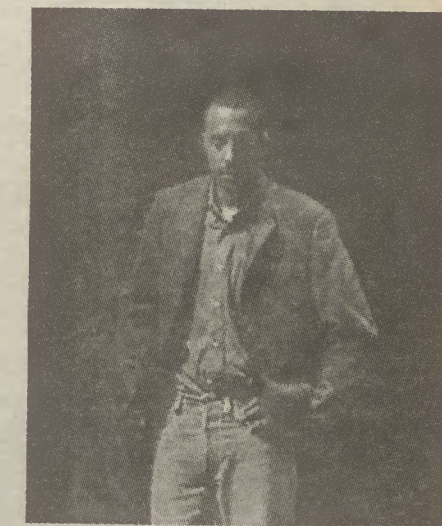


Museu do Pau Preto

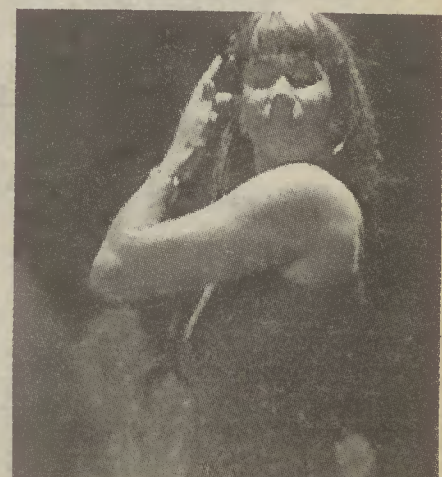
Ou os 500 anos da presença africana em Portugal

Museu do Pau Preto é a denominação genérica do projecto dirigido por Miguel Hurst, que engloba duas peças sobre a presença de africanos em Portugal, escrita pelo angolano António Tomás. A primeira incide sobre a geração dos anos 70 e 80 e a segunda, intitulada «Páras no Rossio, Yá», retrata a geração recentemente chegada a Lisboa, composta por jovens imigrados.

O ponto de partida foi o facto de os africanos se reunirem tradicionalmente na Praça do Rossio em Lisboa, sob as arcadas do teatro D. Maria II. Em busca de uma razão para tal, os autores lançaram-se na investigação sobre a presença de africanos em Portugal. Da imprensa aos arquivos, acabaram por descobrir que o Rossio era já no século XVIII, o local onde os caiaadores negros se encontravam à espera que alguém lhes viesse oferecer trabalho. O grupo de Miguel Hurst descobriu ainda outros locais de reunião como o Largo de S. Domingos, e chegou mesmo à existência de confrarias de africanos como a Confraria do Rosário dos Pretos de Lisboa. Porém, o Rossio continuou ao longo dos anos a ser o ponto de encontro das várias gerações africanas. E é aqui que a acção decorre. Cinco personagens em palco, três dos



anos 90 e dois com 500 anos de idade. De um lado os problemas actuais do imigrante em Lisboa, do outro uma perspectiva histórica dos últimos cinco séculos, marcados pelo colonialismo e a escravatura. É um espectáculo a não perder no Avanteatro deste ano.



Na conversa com o «Avante!» estiveram (da esquerda para a direita) Joaquim Benite, Canto e Castro, Manuel Mendonça, Vítor Gonçalves e Augusto Flor

Festivais de bandas

Juventude em festa

Os festivais de bandas estão aí, envolvendo dezenas de jovens músicos por todo o país dispostos a mostrar o que valem e a lutarem por uma oportunidade para actuarem num dos palcos da Festa.

Setúbal

No próximo dia 1 de Julho, tem lugar, no jardim José Maria dos Santos, em Setúbal, o Festival Cantar a Liberdade, promovido pela Comissão Distrital da Festa do Avante. Decorrida a fase de apuramento, em que participaram 24 bandas, foram apuradas seis efectivas e duas suplentes. São elas os Philarmonic Weed; Ashfield; Lost Dreams in Fear; Rebellion; 3 Ilegais; e ainda o grupo Trovas e Soul Defines Faith.

O júri que irá seleccionar o vencedor é constituído pelo jornalista Pedro Brinca;

Jorge Patrício, músico; Célia Soares, técnica de acção cultural; Conceição Silva, professora de educação musical; e Helena Guerra, em representação da organização.

Seixal

A JCP organiza neste concelho o festival com o sugestivo nome «Seixal a Abrir pró Avante!». O objectivo é promover e divulgar as bandas locais que foram convidadas a apresentar maquetes. Serão pré-seleccionados três grupos e um suplente que actuarão na final marcada para o próximo dia 15 de Julho, no



Independente Futebol Clube Torrense. A banda apurada irá actuar no palco da juventude da Festa do «Avante!».

Moita

Até ao dia 1 de Julho, continuam abertas as inscrições para o concurso de bandas da Moita, que

se realiza no dia 15 do mesmo mês. A banda apurada irá actuar no palco dos Novos Valores da Festa. Todas as informações podem ser obtidas no Cento de Trabalho do PCP.

Porto

Na capital do norte, a JCP promove um festival dirigido às

bandas do distrito. As maquetes, em cassette ou CD, contendo pelo menos três temas originais e/ou versões, podem ser enviadas para JCP, Avenida da Boavista, 931-4100, Porto.

Os concorrentes devem ter sede no distrito do Porto e a idade ou média etária, inferior a 30 anos.

A final, de onde sairá uma banda para representar o distrito na Festa, realiza-se no próximo dia 12 de Agosto. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 226095651. O regulamento está disponível na página da JCP/Porto na internet: <http://www.crosswinds.net~jcpporto>



Pesca no Seixal a 9 de Julho

No âmbito da divulgação da Festa do «Avante!», a Comissão Concelhia do Seixal promove, no próximo dia 9 de Julho, um concurso de pesca desportiva na Baía do Seixal.

Os interessados podem obter informações junto do Centro de Trabalho do PCP, onde está igualmente disponível o regulamento da competição.

Adquire a EP Ajuda a Festa!

....e aproveita o desconto de 800 escudos

Adquirida agora a EP custa apenas 2300 escudos. Nos dias da Festa, o preço será de 3100 escudos.

FESTA
Avante!
2000
SEXTA-FEIRA

FESTA
Avante!
2000
SÁBADO

FESTA
Avante!
2000
DOMINGO

1 2 3

TÍTULO DE SOLIDARIEDADE

FESTADO Avante! 2000
1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

• Texto:
Leandro Martins



O Vice-Ministro da Cultura e a Embaixadora de Cuba no encontro com o Director do «Avante!»

Para quando o regresso de Elián

todos os teatros da cidade, nesses dias, uma programação de acordo com os temas. Haverá também uma feira cultural, com produções musicais - com discos e CD's - com artesanato, pintura, informática. De Cuba e dos países que ali queiram mostrar a sua produção.

«E pretendemos ainda que as agências de turismo ampliem a sua oferta de possibilidades, para além da tradicional oferta de pacotes turísticos, dando assim oportunidade aos que tenham menos recursos de virem a Havana participar no Congresso.

«A ideia central é conseguir que este debate internacional conduza a uma maior compreensão da necessidade de defender a identidade nacional em toda a parte, e organizar, com todos os progressistas, uma resistência maior nessa defesa.»

Tribuna permanente

«Pensamos estabelecer uma espécie de tribuna permanente, para toda a gente do pensamento e da cultura que queira defender estes valores. E facilitar aos participantes o conhecimento do que nesta matéria se faz em Cuba - com ciclos de conferências, seminários -, dar a conhecer o que fazemos no domínio da massificação da cultura. Esta expressão provocou muito debate entre nós, por causa das interpretações que se lhe podem dar. O objectivo é o desenvolvimento da cultura e não a sua simplificação. Não se trata de vulgarização mas, pelo contrário, desenvolver os seus valores em toda a população como requisito básico da independência nacional e para o desenvolvimento da Revolução em Cuba.

«Estamos dando passos nesse sentido. A partir das possibilidades que nos dá um certo melhoramento da situação económica do país - de destinar alguns recursos humanos e materiais para esta tarefa da cultura, com uma produção que deve resolver em primeiro lugar a recuperação do tempo perdido.

«Em dez anos de *período especial*, a cultura foi afectada. Já estamos a restabelecer muita coisa, já se editam de novo as revistas culturais do país. Nem todas com a mesma frequência, nem todas com o mesmo volume. Mas todas já aí estão na rua. O mesmo se passa com os livros. Como sabem, tivemos uma produção importante de livros em Cuba e, no período especial, não se pôde publicar nada. Hoje já atingimos o milhão de livros por ano.

Quer dizer: o bloqueio é uma realidade. Quem pretender demonstrar as suas fraquezas ou é um total ignorante ou alguém mal intencionado que pretende lesar-nos. Não há nenhum país no mundo que tenha aguentado um bloqueio de 40 anos. E no entanto já começámos a recuperar a economia e toda a situação. E as pessoas continuam a lutar, o povo continua a lutar. É claro que há alguns que se cansam, há sempre alguns que se cansam...

O «Avante!» tem recebido e dado notícias do desenvolvimento apesar do bloqueio, dessas vitórias conseguidas nos últimos anos. Entretanto, o governo cubano fala hoje em «aperfeiçoamento empresarial». De que se trata?

Precisamente de uma via para o desenvolvimento. Quis-se criar o *fétiche* de que só as empresas capitalistas são rentáveis. E nós temos vindo a demonstrar internamente que as empresas socialistas são rentáveis. O objectivo central do «aperfeiçoamento» é precisamente o de que a empresa socialista, que existe por toda a parte em Cuba, a empresa estatal, venha a ser rentável.

Como fazê-lo? Estabelecendo novos métodos de direcção, novos parâmetros, novas condições no trabalho da empresa. Sem concessões.

Não estamos a copiar a empresa capitalista. E isto nada tem a ver com a presença de capital estrangeiro em Cuba. São dois fenómenos totalmente separados. Estamos a falar do aperfeiçoamento das nossas próprias empresas - faz-se uma renovação da sua racionalidade, das suas condições e, a partir do momento em que um grupo de factores seja favorável, declara-se a empresa «em aperfeiçoamento»; e tal não se declara se a empresa não cumprir todos os parâmetros económicos requeridos.

Este é um processo longo, mas só num período de transição é que algumas empresas que não sejam eficientes podem subsistir. No futuro de uma economia socialista desenvolvida, todas as empresas devem ser rentáveis e eficientes.

Mas não vamos abandonar o homem. O que não significa que não haja que produzir aquilo de que a população necessita.

A propósito da preocupação com o homem: como comenta a posição da União Europeia sobre o «respeito dos direitos humanos» em Cuba?

O que penso é que o nosso povo não pode entender que algum governo no mundo, seja da União Europeia ou outro, possa questionar sobre a situação dos direitos humanos no nosso país,

quando o nosso povo conseguiu, em todos estes anos de Revolução, concretizar precisamente a maior defesa dos direitos humanos conhecida em qualquer lugar.

Falar de falta de direitos humanos em Cuba é uma atitude patrocinada pelo país que está mais longe dos direitos humanos no mundo, que são os Estados Unidos, patrocinada por um governo que não tem moral, pela sua actuação negativa na matéria. Isto é totalmente incompreensível para o povo cubano. E creio que aqueles que, de uma forma ou de outra, apoiam esta resolução sobre direitos humanos contra o povo cubano só podem esperar a sua repulsa. Só podem esperar repulsa da imensa massa da população cubana, que não pode entender que acusem o seu país de violação dos direitos humanos, quando nós garantimos em primeiro lugar o direito fundamental do homem - o direito à vida, o direito à habitação, à cultura, à saúde pública, a alimentar-se.

Para mais, em Cuba nós podemos garantir - e quem quiser pode verificá-lo - que não se violam os direitos humanos nem com desaparecidos (Cuba é um dos poucos países da região onde nunca houve um desaparecido - ou então digam-nos o primeiro); nem com torturados, que nos indiquem o primeiro que possa demonstrar, que não seja «fabricado» como esse senhor que saiu da pri-

Para quando o regresso de Elián

No momento em que o nosso entrevistado se encontrava entre nós, cresciam as expectativas sobre o regresso de Elián a casa, acompanhado do pai. Nos Estados Unidos, o tribunal de Atlanta acabava de declarar que não aceitava mais recursos no sentido de protelar o desfecho da situação. Mas o regresso não se afigura um caminho de facilidades. Por isso perguntámos a Luis Felipe Vasquez sobre quais são actualmente as perspectivas.

«Legalmente, moralmente, eticamente não há nenhuma razão para que esse menino não volte a casa com o pai e vá ter com a família e os amigos de sempre.

Lamentavelmente temos visto como o complicado sistema norte-americano tem agido em favor de interesses que são os da mafia cubana contra-revolucionária que habita em alguns lugares dos EUA, particularmente em Miami e que consegue, com diversos subterfúgios, dilatar este processo.

«Não há outra solução senão a do regresso da criança a Cuba. Nem legal, nem moral nem eticamente é possível que assim não seja.

Cada dia, cada hora, cada minuto que passa é um dia, uma hora, um minuto de vergonha para o povo norte-americano que tem sido solidário com o regresso do menino.»

são «inválido» e quando chegou da Europa deixou a cadeira de rodas e caminhou pelo seu próprio pé...); que nos indiquem onde está o primeiro morto por razões políticas; o primeiro agredido numa manifestação do povo; o primeiro estudante que tenha sido agredido no país.

O nosso é um país aberto. Qualquer um pode visitar Cuba. No ano passado tivemos 1700 mil turistas. Se esse milhão e setecentos mil turistas estavam cegos... Mas se puderam passear nas ruas e falar com quem quiseram e não ratificam essa opinião, é porque essa opinião é fabricada nos Estados Unidos, apoiada pelos governos submissos aos EUA e o nosso povo rejeita totalmente essa acusação.

O que não podemos é pensar que a verdade possa ser ocultada por um grupo de governos e por uma comissão de direitos humanos face a milhões de pessoas do mundo inteiro que visitam Cuba. Todos os que tenham dúvidas, que venham a Cuba. Uma Comissão de Direitos Humanos visitou Cuba, a nosso convite. Visitaram o que quiseram. Qual foi o resultado? Toda a gente o sabe - foi um resultado positivo para Cuba.

O único violador dos direitos humanos em Cuba chama-se Governo dos Estados Unidos, ao manter o bloqueio, ao criar dificuldades ao povo, aos doentes, aos idosos, às crianças.

Discriminações no Luxemburgo

Alguns clubes sediados no Luxemburgo, com direcção e jogadores maioritariamente portugueses, têm sido impedidos de se inscrever na Federação Luxemburguesa de Futebol. Esta faz exigências que não constam nos estatutos da federação e apresenta pretextos de última hora para impedir as inscrições.

A este propósito, a eurodeputada comunista Ilda Figueiredo apresentou recentemente uma pergunta à Comissão Europeia, questionando se o comportamento da federação não constitui uma discriminação ilegítima entre clubes que se regem pela mesma legislação.

Airbus privatizada

A Airbus, empresa europeia de construção aeronáutica, será privatizada em Janeiro do próximo ano e passará a chamar-se Airbus Integrated Company (AIC). A notícia foi dada na sexta-feira pelos parceiros que compõem o consórcio, o grupo alemão DASA, o francês Aerospacial Matra (que controlam cada um 37,6 por cento da empresa), o britânico BAE Sistemas (21,4 por cento) e o espanhol CASA (4,2 por cento).

Na mesma conferência de imprensa, foi anunciada a construção do «Super Jumbo» A3XX, considerado como o maior projecto de sempre da aviação comercial. A produção do novo avião deverá iniciar-se no último trimestre deste ano e o primeiro voo está previsto para o fim de 2005.

72 milhões para a Cultura

O Programa Operacional da Cultura (POC), apresentado na semana passada em Lisboa, prevê um orçamento de 72 milhões de contos para Portugal para o período de 2000-2006. A principal componente do programa é a intervenção infra-estrutural, abrangendo as obras de recuperação do património histórico, dos museus e dos recintos culturais. No global, o património vai receber 30,3 milhões de contos, os museus 24,2, os recintos culturais 10,5, as tecnologias de informação três milhões, os festivais 2,8 e a assistência técnica 1,3. A região Centro leva a maior fatia do orçamento (23,6 milhões de contos), seguindo-se o Norte (26,6 milhões de contos) e a área de Lisboa e Vale do Tejo (12,8 milhões de contos).



Juntar os mercados do arroz e dos cereais é um erro, diz a CNA, alertando para o perigo de ruína do sector

CNA rejeita proposta da Comissão Europeia e pede justiça social para as regiões deprimidas

Arroz português ameaçado

A Comissão Europeia quer novas regras para o mercado do arroz, com o argumento de aumentar a concorrência. A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) considera que a proposta «é má».

A Comissão Europeia apresentou recentemente uma proposta para a reforma da Organização Comum de Mercado (OCM) do Arroz, que pretende aumentar a competitividade do mercado e que acaba com o regime de intervenção.

A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) já reagiu, classificando a proposta como «má» e apela ao Governo português para não a aceitar.

A comissão propõe a baixa dos preços de produção em mais de 10 por cento, uma medida que, segundo a CNA, implicará uma perda média de rendimento de 360 contos por hectare no nosso país.

Os agricultores adiantam que o aumento proposto para a «Ajuda Directa ao Rendimento» (subsídio para compensar as baixas do preço de produção) não vai compen-

sar esta descida. À partida, há um prejuízo líquido de 25 mil escudos por hectare.

A situação torna-se ainda mais grave com o facto de a quota de produção portuguesa ter sido imposta a partir de «produtividades históricas» demasiado baixas.

Perante um horizonte de ruína para os orizicultores portugueses, a CNA defende que deve ser concedido a Portugal a possibilidade de aumentar a sua quota de produção pelo menos até aos níveis médios de produtividade da UE e tendo em conta as perspectivas da subida do consumo interno nacional.

Integração nos cereais

A proposta da Comissão Europeia prevê uma redução

da produção em cerca de 150 mil toneladas de arroz *paddy*, ou seja, mais de 50 por cento da quantidade média admitida para a intervenção durante os últimos três anos. O argumento apresentado é melhorar o equilíbrio do mercado.

Ao contrário do que a UE defende, a CNA considera que a integração da OCM do Arroz na OCM das Arvenses não deve ser automática, porque há aspectos distintos entre esta cultura e a dos cereais.

Para a UE esta união apresenta a vantagem de os agricultores escolherem «livremente entre o arroz e as outras culturas arvenses, o que lhes permitiria responder melhor aos sinais do mercado no que diz respeito à procura».

Mas a confederação desmente, referindo os casos das bacias de produção sem alternativas de cultura, os altos custos de produção, as variedades culturais e os

hábitos alimentares. E lembra que esta decisão tem como base as imposições da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Sistema de intervenção

A Comissão Europeia prevê a supressão do sistema de intervenção, com o objectivo de «fomentar um sector de arroz competitivo», contemplando a possibilidade de os agricultores recorrerem ao armazenamento privado para superar eventuais perturbações do mercado.

A CNA adianta que estas medidas já provaram não servir os interesses e as necessidades dos agricultores e acrescenta que «a valorização e a promoção das variedades europeias de arroz devem beneficiar de apoios específicos e de protecção aduaneira perante as importações de variedades de arroz provenientes de países terceiros».

A confederação dos agricultores propõe, por seu lado, o aumento do valor base da «Ajuda Directa ao Rendimento» a partir das mais altas «produtividades históricas» e de maiores valores unitários.

De acordo com esta proposta da CNA, a comunidade deveria instituir a modulação (redução por escalões) e o plafonamento (fixação de tetos ou limites máximos) por agricultor, de forma a «redistribuir os dinheiros públicos destinados ao sector com mais justiça social, privilegiando as pequenas e médias explorações e as regiões deprimidas».

Nota negativa para Presidência portuguesa

Ilda Figueiredo fez um balanço negativo do trabalho desenvolvido na área social pela Presidência portuguesa, durante um encontro da Comissão do Emprego e Assuntos Sociais do Parlamento Europeu com o secretário de Estado José Vieira da Silva.

Lembrando os 16 milhões de desempregados e os mais de 65 milhões de pobres que existem na União Europeia, a eurodeputada exigiu que sejam alteradas as políticas monetárias do Banco Central Europeu, do Pacto de Estabilidade e dos critérios de convergência nominal e apontou como prioridade o pleno emprego de qualidade.

Aviação em greve

Cerca de 80 por cento do pessoal da aviação civil francesa (controladores aéreos, engenheiros e administrativos) fizeram greve na segunda-feira, em protesto contra o projecto da Comissão Europeia de liberalizar o controlo do tráfego aéreo, conhecido como o «céu único europeu». A greve afectou 90 por cento dos voos previstos para França.

Novo acordo com países ACP

A União Europeia e os países da África, Carátbas e Pacífico (ACP) assinaram o novo acordo de parceria na sexta-feira, em Cotonu. Este documento - que vem substituir a Convenção de Lomé IV - tem como objectivos fundamentais a erradicação da pobreza, o apoio ao desenvolvimento e o reforço da cooperação económica e comercial. A dotação financeira para os ACP nos próximos cinco anos será de 13,5 milhões de Euros (2,706 milhões de contos), provenientes do Fundo Europeu de Desenvolvimento.

Repensar a pesca na Gronelândia

A propósito da situação em que se encontra a frota portuguesa de pesca longínqua, a eurodeputada comunista Ilda Figueiredo apresentou uma pergunta à Comissão Europeia sobre o processo de renegociação do Acordo de Pescas entre a UE e a Gronelândia (que termina no fim do ano), questionando sobre as intenções de garantir para Portugal uma quota que permita assegurar a sobrevivência do sector português. Dos 52 navios-fábrica que constituíam a frota em 1990, só restam 14, uma situação que se deve sobretudo à falta de quotas. Ao mesmo tempo, a Alemanha, detentora de 80 por cento das quotas, usa apenas 12 por cento, o que dá direito à Gronelândia de voltar a vender a quota não utilizada a países não comunitários.

Novas regras para pequenas e médias empresas

O Conselho Europeu da Feira aprovou uma carta para as pequenas e médias empresas, com o objectivo de «valorizar a competitividade» e fomentar o «crescimento da economia».

Segundo Maria João Rodrigues, conselheira-especial da presidência portuguesa, fundar uma empresa na União Europeia vai ser mais fácil. A ex-ministra chegou mesmo a comparar o novo sistema com o dos Estados Unidos, país onde a criação de uma companhia demora no máximo dois dias.

O Banco Europeu de Investimento já assegurou que disponibilizará mil milhões de euros em capital de risco para apoio à formação profissional e adopção de novas tecnologias. A nova carta propõe a simplificação dos mecanismos burocráticos e das

regras nacionais e comunitárias (visando essencialmente o aumento da concorrência), a reformulação dos contratos públicos, a adaptação dos sistemas fiscais dos Estados-membros e a adopção de novas tecnologias e o incentivo do comércio electrónico, das telecomunicações e dos sistemas de pagamento transfronteiras.

A preparação de um quadro geral para as políticas de empresa - outra das propostas da carta - baseia-se no programa de trabalho da Comissão para a Política de Empresas, nas propostas para *benchmarking* das políticas empresariais e no Programa Plurianual para Empresas e Empreendedorismos, cujos primeiros pontos devem ser concretizados durante este ano.

Portugal discriminado

Ajudas em queda

A agricultura portuguesa é discriminada pela União Europeia. Prova disso é que os agricultores portugueses recebem nove vezes menos ajudas dos que os irlandeses e três vezes menos do que os gregos.

O agricultor português é o que recebe menos ajudas na União Europeia, uma média de 1600 euros por ano. De acordo com dados recentemente publicados pela Comissão Europeia e pelo Parlamento Europeu, um agricultor irlandês recebe nove vezes mais ajudas do que um português e um grego três vezes mais, apesar de todos serem considerados como «Países de Coesão».

As ajudas comunitárias vão sobretudo para os países com elevadas produções continentais, como a França, a Alemanha, a Espanha, a Itália e o Reino Unido, apesar de nem sempre haver uma correspondência directa ao nível de emprego e do número de explorações agrícolas. Por exemplo, um agricultor dinamarquês recebe oito vezes mais ajudas do que um português e um francês seis vezes mais.

Na óptica de ajudas por

exploração agrícola, as explorações portuguesas são as que recebem menos subsídios. As ajudas comunitárias são distribuídas tendo em conta o valor da produção, pelo que mais uma vez saem beneficiadas as produções continentais (sobretudo os produtores de culturas de cereais e de carne de bovino), que têm organizações comuns



Os subsídios vão sobretudo para os países como a França, a Alemanha e o Reino Unido

de mercado com sistemas de intervenção, apoios às exportações e ajudas directas ao rendimento.

De sublinhar a tendência de concentração na distribuição dos subsídios, com os países periféricos a receber menos ajudas e os do centro a receber mais.

Ajudas reduzidas

Em média, Portugal viu reduzido o seu volume de ajudas em mais de 50 milhões de euros entre o período de 1994/96 e 1996/98, ou seja,

menos cinco por cento. Durante este último período, Portugal foi o país que menos ajudas agrícolas recebeu da União Europeia, com excepção do Luxemburgo, Suécia e Finlândia.

Consequência directa desta situação é o desaparecimento de cerca de 30 por cento das explorações agrícolas em Portugal entre 1990 e 1998, ou seja, mais de 180 mil explorações. No mesmo período, o sector agrícola perdeu cerca de 20 por cento dos postos de trabalho, o que significa que mais de 150 mil pessoas abandonaram a agricultura.

Também entre 1990 e 1998, desapareceram no espaço da União Europeia 20 por cento das explorações (mais de 1,6 milhões) e cerca de 22 por cento dos postos de trabalho (mais de 2 milhões). O valor de produção aumentou em cerca de 2,2 mil milhões de euros.

Que futuro para a agricultura familiar?

A Comissão de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Parlamento Europeu reuniu-se na semana passada com o comissário Günter Verheugen, responsável pelas questões do alargamento da União Europeia, para discutir a situação da adesão dos vários países candidatos.

Durante o encontro, a eurodeputada Ilda Figueiredo sublinhou que há diversos níveis de desenvolvimento da agricultura e recordou as consequências da adesão no sector agrícola em Portugal, onde, entre 1990 e 1998, desapareceram 180 mil explorações agrícolas e 150 mil postos de trabalho (ver notícia nesta página).

Ilda Figueiredo questionou Günter Verheugen sobre a revisão da Política Agrícola Comum (PAC) e as perspectivas financeiras da União, de forma a ter em conta a necessidade de apoiar o desenvolvimento rural e a agricultura familiar de países como Portugal, tal como dos países da adesão.

O comissário limitou-se a responder que o assunto não era da sua competência, mas sim do comissário Fischler, responsável pela agricultura e pescas.

Plano contra a pobreza em preparação

A eurodeputada comunista Ilda Figueiredo aproveitou a sua deslocação à Madeira no âmbito das Jornadas da CDU sobre «Pobreza e Exclusão Social» - que se realizaram na segunda-feira -, para recolher dados para a elaboração do plano a apresentar pela Comissão Europeia com vista ao combate à pobreza e à construção de uma Europa inclusiva.

Este plano beneficiará as regiões ultraperiféricas (onde se incluem os arquipélagos da Madeira e dos Açores) com programas específicos e fundos suplementares e tem como objectivo minorar a pobreza e a exclusão social.

Outra medida prevista é a constituição de

um observatório europeu que defina directrizes comuns na luta contra a pobreza. Em complemento, serão fundados observatórios nacionais que implementem nos diferentes países as políticas adoptadas nesta área, com a participação dos parceiros sociais.

Durante a visita, Ilda Figueiredo, acompanhada pelos deputados da CDU na Assembleia Regional, reuniu-se com o Secretário Regional dos Recursos Humanos e com técnicos das Direcções Regionais do Emprego, Formação Profissional e Segurança Social. Nos encontros foi discutida a situação da pobreza em Portugal, onde cerca de 25 por cento da população é considerada pobre.

Lá se foi a presidência...

• Pedro Carvalho

A Presidência portuguesa da União Europeia (UE) termina no final desta semana, mas do ponto de vista político «terminou» no dia 9 de Junho, com a cimeira franco-alemã. Foi nesta cimeira que o eixo franco-alemão acordou posicionamentos sobre a reforma institucional, a política de defesa e, mesmo, sobre as questões do alargamento. A Cimeira da Feira foi uma antecâmara para decisões que estão a ser preparadas pelos «grandes países», sobre os auspícios da Presidência francesa.

Qual o balanço desta presidência? Em que contribuiu para a defesa dos interesses dos portugueses e, em particular, dos trabalhadores? Que fez pelas nossas debilitadas agricultura e pescas? O que avançou para a resolução dos problemas sociais e do emprego na UE? Que «voz» deu às particularidades dos «países do sul» e dos países de menor dimensão da UE? Na resposta a estas questões, só podemos fazer um balanço negativo desta presidência. Um velho hábito dos governos PS ou PSD é serem os

Veja-se o «feito» da Cimeira de Lisboa, que o Governo, com «a mão» da comunicação social, «vendeu» como «Cimeira do Emprego». As conclusões desta cimeira, reafirmadas na Feira, são, no essencial, idênticas às da grande conferência do «patronato europeu» realizada em Bruxelas, nos dias 9 a 10 de Junho. Por detrás da «capa» das novas tecnologias e da internet, acelera-se a liberalização dos sectores dos transportes, telecomunicações, electricidade e gás, com consequências directas sobre o emprego, a sua qualidade e o serviço público. Confirmam-se as teses de flexibilização laboral, com o aumento da precariedade. Reforça-se a política monetária do Banco Central Europeu, com reflexos directos no aumento das taxas de juro e na moderação salarial. Facto que afecta milhares de famílias endividadadas em Portugal. Para não falar dos trabalhadores da função pública que vêem os seus salários crescer abaixo da inflação. Os mesmos que Seixas da Costa afirma «que devem ser valorizados». Vê-se!

Outro «feito», que esteve em risco de não acontecer, de grande importância para a



«defensores» dos interesses dos «grandes» comportando-se como «bons alunos». Já na Presidência portuguesa de 1992, do então Primeiro-Ministro Cavaco Silva, concluiu-se a reforma da Política Agrícola Comum (PAC), com consequências gravosas para a agricultura portuguesa. Na altura «a grande vitória nacional». Viu-se! Iniciou-se a crítica a quem critica a presidência - são uns «velhos do Restelo». Os acólitos e «opinadores» de serviço tecem elogios ao desempenho europeu de Guterres, na gestão dos «dossiers». Elogiam o dito «acordo histórico da harmonização fiscal».

A «presidência não pode ser vista para sacar, mas deve ter em conta interesses mais amplos», dizem. «Muitos dos dossiers são iniciativas da Comissão», afirmam. Mas, as presidências anteriores não trouxeram para cima da mesa os seus interesses? Uma presidência não pode influenciar a Comissão na sua iniciativa? Outras presidências não o fizeram já?

Os «interesses amplos»...dos outros!

Contudo, o que está em questão é o conteúdo da agenda europeia que, nas suas orientações mais negativas, a Presidência portuguesa ajudou não só a preparar, mas a acelerar, com contornos gravosos para os trabalhadores e para os povos, em nome dos tais «interesses mais amplos»: os interesses do capital europeu - as grandes empresas transnacionais.

cooperação, foi a Cimeira UE/África. Contudo, os resultados ficaram longe do necessário. Outro «dossier», do qual Jaime Gama foi um «bom gestor» foi o da política de defesa europeia, com o avanço nos seus organismos de gestão.

Quem defendeu os interesses dos portugueses?

Estes foram alguns dos «dossiers europeus» que a presidência portuguesa se orgulha «de ter preparado para o futuro» rosa, da preferência actual do capitalismo. Os que interessavam aos portugueses ficaram «na gaveta». Vejamos alguns exemplos. Que fez a presidência no caso da redução da quota de tomate e nas penalizações pela ultrapassagem da quota do leite? E na reforma do sector das frutas e legumes? E no embargo à carne de bovino portuguesa? E no aumento da quota no acordo de pescas UE/Gronelândia? E para desbloquear o acordo de pescas com Marrocos, com a frota portuguesa parada? E, já agora, sr. Primeiro-Ministro, qual foi o «prémio» da Presidência portuguesa? Quem defendeu os interesses dos portugueses? Os próprios, que encheram as ruas de Lisboa, Porto e Évora em manifestações de milhares e milhares de pessoas. Da Presidência portuguesa ficam as lutas sindicais por melhores empregos e salários e as lutas dos agricultores por uma nova PAC. E, assim, lá se foi a Presidência portuguesa, talvez a última, se «os grandes» acabarem com a rotatividade...

Prisões em Vieques

Efectivos da Marinha norte-americana prenderam 37 porto-riquenhos que domingo procuraram impedir o recomeço das manobras militares na ilha de Vieques. Os exercícios com fogo real tinham sido suspensos em 19 de Abril de 1999, na sequência de uma série de protestos de activistas locais contra os acidentes registados desde que os EUA usam a ilha como campo de treino. O mais grave desses acidentes resultou na morte de um guarda. Os detidos, entre os quais se encontram nove mulheres, foram levados para a base naval de Roosevelt Roads, na cidade Ceiba, localizada na parte oriental de Porto Rico. Segundo Robert Nelson, porta-voz da Marinha, se os activistas «não colaborarem» serão enviados para um tribunal federal em San Juan, onde podem ser acusados de entrada ilegal em zona restrita, delito passível de uma pena máxima de seis anos de prisão ou a multas. Na semana passada, autoridades federais prenderam mais de 100 activistas que invadiram a zona de tiro reservada aos treinos militares norte-americanos.

Violência no Brasil

A violência é a segunda causa de morte no Brasil, logo a seguir às doenças cardiovasculares, revela um estudo do Ministério da Saúde recentemente divulgado. Em 1997, ano em que se realizou a pesquisa, foram mais de 119 mil as mortes por assassinatos, acidentes de trânsito, suicídios e afogamentos. A percentagem de pessoas vítimas de morte violenta subiu de oito para 13 por cento entre 1987 e 1997. O risco de se ser assassinado no Brasil é três vezes maior do que o registado nos EUA. A cidade brasileira com maior número de assassinatos é Pernambuco, seguida de Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Protestos na Coreia

Milhares de sul-coreanos assinalaram domingo o 50.º aniversário do início da Guerra da Coreia com uma marcha de protesto pelas ruas do centro de Seul exigindo o fim da presença militar norte-americana no país, estimada em cerca de 37 mil efectivos. A marcha, que culminou várias semanas de protestos contra uma ocupação que dura há meio século, mobilizou sobretudo estudantes, que exigiram igualmente o encerramento do centro de treino do Exército norte-americano em Maehyang-ri, um povoado costeiro, a sudeste de Seul. Os manifestantes acusaram Washington de ter convertido a Coreia do Sul numa colónia.

Observadores da União Europeia dizem que as eleições não podem ser consideradas «livres e justas»

Zimbabwe na hora da mudança

A ZANU elege apenas 61 deputados mas garante maioria absoluta com o sistema de nomeação de 30 deputados pelo presidente Robert Mugabe.

A União Nacional Africana do Zimbabwe (ZANU-PF), do presidente Robert Mugabe, obteve 61 lugares nas legislativas do passado fim-de-semana, contra 58 do Movimento para a Mudança Democrática (MCD), segundo os resultados oficiais definitivos divulgados anteontem. O Directório Eleitoral informou ainda que outro partido da oposição, a ZANU-DONGA, conseguiu um lugar no novo parlamento.

A ZANU conserva assim a maioria absoluta, uma vez que o parlamento é constituído por 120 deputados eleitos pelo sistema maioritário numa única volta, e mais 30 nomeados directamente pelo presidente Mugabe. Os observadores da União Europeia afirmaram que estas eleições não podem ser consideradas «livres e justas» devido ao ambiente de violência e intimidação que desde Fevereiro último provocou 32 mortos e centenas de feridos.

Morgan Tsvangirai, de 48 anos, dirigente do MCD e um dos seus co-fundadores em Setembro de 1999, considerou que o seu partido «alcançou um resultado excepcionalmente bom», sublinhando o facto de ter obtido «50 por

cento dos votos».

Vinte anos depois da independência, a oposição, que anteriormente detinha apenas três lugares na assembleia, passa agora a ter um papel decisivo na sociedade zimbabweana.

«Vamos desempenhar o nosso papel no país», disse Tsvangirai.

O MCD tinha agendada para ontem uma reunião destinada a analisar a situação, de cujo resultado dependia a decisão de impugnar ou

não as eleições nos casos de fraude mais escandalosos. As maiores irregularidades foram detectadas nas zonas rurais (boletins de voto em que aparecia apenas a foto do candidato governamental, o que num país com elevada taxa de analfabetismo é particularmente limitativo; listas de eleitores com elevado número de mortos e ausentes; problemas com a inscrição dos novos eleitores, etc.).

Futuro incerto

A calma tensa que reinava em Harare aquando do anúncio do resultado das eleições pode degenerar a qualquer momento em novas explosões de violência. No domín-



As gerações nascidas depois da independência exigem mudanças que a ZANU não soube levar a cabo

go, ainda antes do encerramento das urnas, já o número dois da ZANU, John Nkono, anunciava que o seu partido formaria governo, fossem quais fossem os resultados. Uma declaração nada democrática, mas que se baseia no facto de a Constituição do país outorgar ao presidente o direito de formar governo, sem ter em conta os resultados eleitorais nem a maioria parlamentar.

Mugabe, cujo mandato é válido até 2002, pode decidir a composição do novo executivo, mas não pode evitar que este seja forçado a enfrentar os graves problemas que afectam o país, a começar pela complexa

questão da distribuição da terra.

No Zimbabwe, cerca de 4500 brancos continuam a deter a posse de 70 por cento das terras mais férteis, enquanto milhões de negros exploram terras comunais, muitas vezes em regiões de seca. Em duas décadas de poder, a ZANU nada fez para alterar esta situação, e apenas este ano, quando se tornou notória a sua crescente perda de popularidade, começou a falar da necessidade de uma reforma agrária, o que ninguém contesta. Sucede que o caminho escolhido só podia levar à violência, e foi isso mesmo que aconteceu.

As ocupações de terra, sem qualquer plano ou enquadramento legal, semearam a morte e a destruição, sem benefício para ninguém. A maioria das vítimas é negra; os ocupantes, entregues a si próprios, muitos deles sem conhecimentos agrícolas, interromperam as produções e destruíram equipamentos e infra-estruturas indispensáveis.

Entretanto, o país está mergulhado numa crise económica profunda, com uma inflação na casa dos 60 por cento, o desemprego a afectar metade da população activa, escassez de divisas, combustíveis e produtos essenciais.

Armas do IRA estão seguras

O finlandês Martti Ahtisaari e o sul-africano Cyril Ramaphosa, responsáveis pela inspecção dos arsenais do Exército Republicano Irlandês (IRA), apresentaram segunda-feira em Londres um relatório altamente positivo da sua primeira vistoria às armas e explosivos armazenados.

«As armas estão seguras e não podem ser utilizadas» sem que se saiba, refere o relatório, que de acordo com o previamente estabelecido não refere a localização dos depósitos. Confirmando a seriedade do IRA, o documento sublinha que foi inspeccionada «uma quantidade importante de armas, incluindo explosivos», e que todas as questões dos inspectores «foram atendidas satisfatoriamente». Com base nesta realidade, o relatório - apresentado aos governos de Londres e Dublin e ao presidente da Comissão Internacional para o Desarmamento, o general canadiano John de Chastelain - afirma taxativamente que «o processo que levou à primeira inspecção e a forma como se efectuou leva a crer que este é um esforço sério por parte do IRA para fazer avançar o processo de paz».

Para além de outras inspecções periódicas para comprovar que o material bélico não foi removido nem utilizado, o processo de desarmamento prevê que o IRA negocie com de Chastelain as modalidades e os prazos para a inutilização das armas, o que deverá estar concluído até Junho de 2001.

O IRA, por sua vez, anunciou ter retomado os contactos com a Comissão Internacional de Desarmamento, interrompidas em Fevereiro último como protesto contra a suspensão por parte de Londres do governo semi-autónomo da Irlanda do Norte. A 6 de Maio, após o IRA ter assumido o compromisso de autorizar a inspecção de alguns arsenais, o governo e o parlamento do Ulster retomaram funções e o processo de paz foi reatado.

Moçambique PCP saúda Frelimo

Moçambique comemorou no passado domingo, 25 de Junho, o 25.º aniversário da proclamação da sua independência.

Lembrando a data, o Comité Central do PCP enviou ao Comité Central do Partido Frelimo as fraternais saudações dos comunistas portugueses.

A mensagem, que evoca «o heroísmo e a determinação» que permitiu aos moçambicanos a «construção de uma Pátria livre e independente», lembra a luta dos dois partidos «contra o colonialismo e o fascismo», em que «radicam os laços de profundo respeito, amizade e solidariedade que unem o PCP e a Frelimo», e que os comunistas portugueses desejam «estreitar sempre mais».

Referindo-se às «duríssimas provas» e «grandes sacrifícios» a que se sujeitou o povo moçambicano nestes 25 anos para construir o seu próprio destino, a saudação sublinha que isso demonstra como «o novo Moçambique independente, com a Frelimo, é capaz de seguir em frente no caminho da paz e do progresso social, sempre solidário com a luta libertadora de outros povos, de que é uma bela expressão a sua activa solidariedade para com a Frelimo e a luta heróica do povo irmão de Timor Leste.»

Nesta ocasião, o PCP reafirmou ainda o seu «profundo interesse em desenvolver as tradicionais relações de amizade, cooperação e solidariedade» com a Frelimo.

Congresso do PAICV

Também Cabo Verde comemorou o 25.º aniversário da independência, efeméride assinalada pelo Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV) com a realização do seu IX Congresso, de 23 a 25 de Junho. O PCP esteve representado na iniciativa por Jaime Serra, portador de uma mensagem em que se saúda os êxitos do PAICV nas últimas eleições autárquicas e se exprime os votos de êxito nas próximas eleições legislativas, na convicção de que uma «vitória do PAICV permitirá iniciar uma nova fase em Cabo Verde, em que os interesses dos trabalhadores e do povo cabo-verdiano serão tidos em conta no quotidiano da governação do país».

Na sua mensagem, o PCP salienta os graves problemas do mundo contemporâneo que exigem o contributo próprio e conjugado no plano internacional das forças progressistas para «um novo rumo de progresso, paz e cooperação». Como refere a mensagem, «o PCP e o PAICV, embora com projectos diferentes, têm um património comum de luta pela paz, a independência nacional, a liberdade e o progresso social, que se insere na luta mais geral dos povos e dos trabalhadores de todo o mundo». Estribado nesse património, o PCP reafirma a vontade de fortalecer as relações entre os dois partidos, certo da sua importância para o «aprofundamento das relações de amizade e cooperação entre os dois países e povos.»

Eleições no Japão Vitória com sabor a derrota

A coligação liderada pelo Partido Liberal Democrata mantém a maioria absoluta no Japão, mas foi derrotada nos centros urbanos pelo Partido Democrata.

Os resultados oficiais das eleições legislativas de domingo no Japão deram ao Partido Liberal Democrata (PLD) e aos seus dois parceiros de coligação - o Novo Komeito (um partido ligado à seita budista Soka Gokkai, que afirma contar com oito milhões de filiados) e o Novo Conservador - 271 dos 480 lugares na Câmara dos Representantes. Apesar de manterem a maioria absoluta e de terem garantido o controlo das comissões parlamentares, as quebras registadas pelos três partidos são significativas: o PLD elegeu 233 deputados (menos 38 do que em 1996), os budistas ficaram com 31 (menos 11) e o Novo Conservador ficou com sete (menos 11).

Do lado da oposição o grande vitorioso foi o Partido Democrata (PD), que passou de 95 para 127 deputados. Quanto ao Partido Liberal (PL), passou de 18 para 22 lugares, enquanto os sociais-democratas (PSD) subiram de 14 para 19 deputados. Os grandes penalizados nestas eleições foram os comunistas - curiosamente os únicos que não têm sido abalados por escândalos -, que



Os japoneses estão descontentes com o Partido Liberal Democrata, que há meio século domina a vida política do país

perderam seis deputados, ficando com 20 lugares. Um facto a que não é estranha a elevada abstenção registada, a verdadeira vencedora destas eleições. A afluência às urnas ficou-se nos 62,5 por cento, a segunda mais baixa da história do país (há quatro anos ficou-se pelos 59,6 por cento). Satisfeito ficou sem dúvida o primeiro-ministro, Yoshiro Mori, que chegou a dizer que os índices deveriam ficar a dormir...

reveladora desta realidade. O PLD já formou governo com os dissidentes do próprio partido e com a oposição socialista, e não hesitou em aliar-se no ano passado com a seita budista Soka Gokkai, apesar da Constituição do país proibir o Estado confessional. Quanto ao principal partido da oposição, o Partido Democrata, formado há cinco anos, não passa de uma amálgama de dissidentes liberais e socialistas; e o menos que se pode dizer dos socialistas é

Alternâncias

O crescente divórcio entre o eleitorado e a maioria dos partidos políticos assenta no facto de, à excepção dos comunistas, todos apresentarem praticamente o mesmo tipo de «receitas» para o país, propondo alternâncias em vez de alternativas. A história política dos últimos sete anos, em que registaram as mais diversas coligações, é bem

A afluência às urnas foi de 62,5 %, a segunda mais baixa de sempre

que se encontram em crise de identidade.

Num país cujo ritmo de envelhecimento é o mais rápido do mundo (em 2050, cerca de 32,3 por cento dos japoneses terá mais de 65 anos, quando agora essa proporção se situa nos 17,2 por cento), e cuja dívida pública representa já 130 por cento do produto interno bruto, os comunistas são os únicos que, reconhecidamente, se preocupam com os problemas da população, alertando, entre outras coisas, para a necessidade de garantir um sistema de reformas para o futuro e de tomar medidas para travar o crescimento do desemprego (actualmente a rondar já os cinco por cento, valor pouco significativo em termos ocidentais mas verda-

Sinal de alerta

«Uma autêntica derrota», foi como o primeiro-ministro nipónico Yoshiro Mori qualificou os resultados do PLD nas eleições legislativas em Tóquio e na região vizinha de Saitama.

O partido, que apesar dos sucessivos escândalos com casos de corrupção tem dominado a vida política japonesa, foi derrotado nas 25 circunscrições do distrito de Tóquio, conseguindo apenas oito, contra 13 para o Partido Democrático, principal força da oposição. O descalabro foi tão grande que o próprio ministro do Comércio e da Indústria, Takashi Fukaya, foi derrotado no bairro residencial que o vinha elegendo desde 1972. No caso dos lugares decididos através do sistema proporcional torna-se ainda mais evidente a derrota do PLD na capital: a coligação governamental obteve apenas 19,5 por cento dos votos contra 29 por cento do Partido Democrático.

A perda de votos registada igualmente noutros grandes centros urbanos, de Osaka a Nagoya, levaram Mori a reconhecer a necessidade de o PLD fazer uma reflexão sobre «a escolha dos seus candidatos e a maneira de penetrar mais na vida comunitária».

As comunidades rurais salvaram o PLD, permitindo-lhe continuar no poder, mas o sinal de alerta é demasiado forte para poder ser ignorado.

deiramente traumático numa sociedade onde o fenómeno era praticamente desconhecido até há pouco tempo).

O primeiro-ministro, Yoshiro Mori, que no próximo dia 4 de Julho apresentará ao Parlamento uma moção de confiança, não tem resposta para os problemas dos japoneses, mas está descansado quanto ao seu futuro político imediato: a coligação que lidera já lhe reiteirou o seu apoio e está disposta a reconduzi-lo no cargo.

A fábrica de «hooligans»

● Manoel de Lencastre

Os chamados «hooligans» voltaram a fazer a sua aparição, como se esperava, nas ruas e praças das cidades holandesas e belgas onde a selecção inglesa de futebol disputou jogos a contar para o Campeonato da Europa (Euro 2000). Nada de surpreendente. O «Home Office» (Ministério do Interior e da Justiça) e a Metropolitan Police tinham garantido que haviam depurado os contingentes de adeptos em viagem para a Holanda e a Bélgica dos indivíduos mais conhecidos como nazis, «troublemakers» (desordeiros) e provocadores. O secretário de Estado, Jack-Straw, propusera que só a outros com registo criminal fossem confiscados os respectivos passaportes. Mas os tribunais logo esclareceram que não tinham poderes para tal.

Os «hooligans», entretanto, repetiram a sua habitual, inevitável canção de «luta e desordem» e voltaram, segundo os habituais comentadores de praia que povoam os jornais desportivos e outros, a «sujar» o nome da Inglaterra. As populações de Bélgica e da Holanda, tal como a audiência mundial de muitas centenas de milhões de pessoas, viram os «hooligans» em acção e terão pensado, ingenuamente, quem são, afinal, estes fulanos, o que os motiva? Nós fazemos a mesma pergunta - mas temos conhecimentos para responder.

A fábrica dos «hooligans» produz em série. Jamais pára. Não tem feriados ou fins-de-semana. Não encerra para férias. Existe e respira as 24 horas diárias. Vive no âmago do sistema social existente na Grã-Bretanha. Os «hooligans» fabricam-se nas escolas primárias onde o acesso dos propagandistas neonazis é fácil. Propagam-se, depois, ao ensino secundário onde o trabalho dos professores é feito depender de gravosas condições orçamentais e outras que o capitalismo exige. No ensino secundário (belas escolas com 10 professores para 900 alunos) já gritam que a Inglaterra ven-

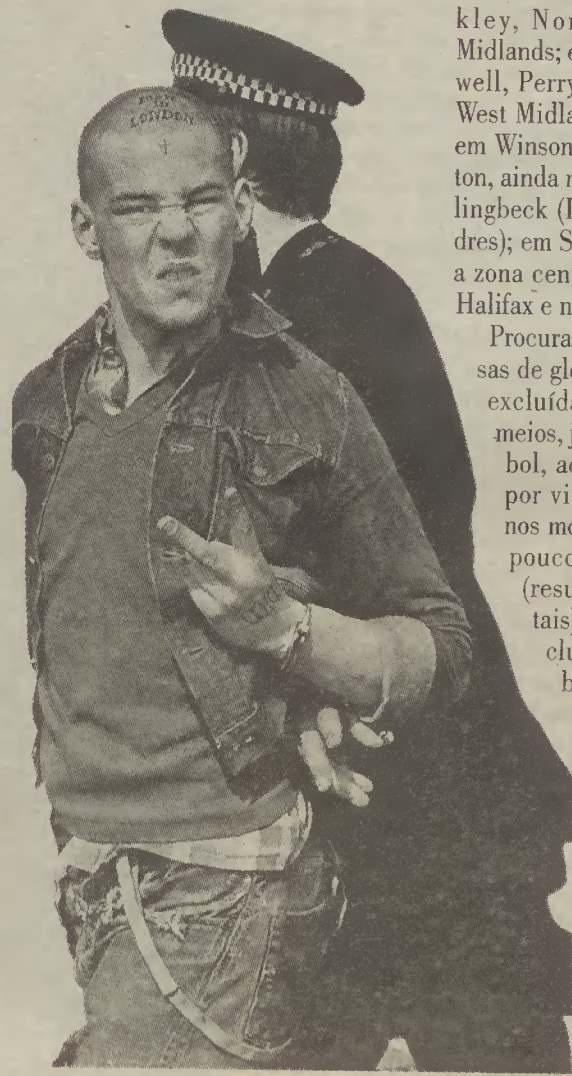
ceu a 2.ª Guerra Mundial. Mete-se-lhes no espírito o passado imperial britânico, a sua grandeza, a superioridade dos ingleses sobre todos os outros povos do mundo, o desprezo pela Irlanda, o culto da violência, a religião. Ao abandonar a escola, o «hooligan» futuro é já um pequeno rebelde que não se encontra e não quer compreender o mundo em que se insere.

Zonas de exclusão e pobreza

A sua ignorância é chocante. Só sabe que a Inglaterra foi, é e será a maior, a maior nação em tudo. Experimenta, aventura-se nas ideias do fascismo. Vive no âmago de famílias desorganizadas, pobres, excluídas. Rejeita as melhores causas. Pretende que todos os problemas do seu país serão resolvidos pelo uso da força, da violência. O alcoolismo escraviza-o desde os 11 anos de idade. Na cabeça, a música dos «top of the pops», produtos de uma indústria que «vale», para o mercado, muitos biliões de libras. Aborda o escuro universo do crime, trava conhecimento com a polícia, os tribunais e o sistema prisional. Chegado a este ponto, o «hooligan» está fabricado.

Naturalmente, não é na Inglaterra turística, cosmopolita, diplomática e literária que o fabrico existe. É nos «ghettos» das grandes cidades, nas «innercities», nas zonas industriais rejeitadas pelo capitalismo e abandonadas, nas vastas bolsas de pobreza e de exclusão a que o país fecha os olhos e já não tem meios para deitar a mão. Onde se situam tais lugares? Ei-los: o centro de Birmingham; Millgarth, no West Yorkshire; a zona norte de Manchester e todo o nordeste do Lincolnshire; Odsal, também no West Yorkshire; em Kingston-upon-Hall; no sul de Manchester; em Middlesbrough; no centro de Bradford; na área de Wavertree e Riverside (Liverpool); em Oxford; em Bourneville, Bartley, Green Longbridge, Selly Oak, Frankley, Northfield, tudo nas West Midlands; em Soho, Handworth, Sandwell, Perry Bar, Aston, também nas West Midlands; no centro de Bristol; em Winson Green, Ladywood, Ouninton, ainda nas West Midlands; em Killingbeck (Leeds); em Lambeth (Londres); em Sheffield Attercliff; em toda a zona central do Leicestershire; em Halifax e noutros lugares.

Procurando focos de luta, promessas de glória, estas massas de gente excluída, ignorante, de precários meios, junta-se aos clubes de futebol, adopta as suas cores, sofre por vitórias, chora e revolta-se nos momentos de derrota. Com o pouco dinheiro de que dispõe (resultante de subsídios estatais) compra as camisolas dos clubes, adopta os seus símbolos e, com paixão suprema, começa a ver na selecção de Inglaterra uma espécie de ideal por cujos triunfos será necessário combater - em todas as praças e ruas das cidades estrangeiras para que se compreenda que a Inglaterra é, na sua reduzida óptica, a maior.



• Morais
e Castro

Alter na tivas

Não, não vou escrever sobre
nenhumas estreias tauromáquicas,
embora seja aficionado desde
que me conheço, por influência de meus pais,
por sua vez grandes aficionados também
devido a seus pais (minha avó paterna
ribatejana, meu avô materno alentejano).

Por grande influência também de meus pais, que só tenho que agradecer, comecei aos 13 anos a ler Eça de Queiroz (comecei pela «Relíquia» não pela «Cidade e as Serras» como era costume) e Ramalho Ortigão.

Foram, como já tenho referido, grandes remédios para o meu fígado atormentado durante o fascismo pela tacanhez de espírito oficial e dos sustentáculos do regime, para lá das comunicações e das artes sujeitas à censura.

Este ano, como é sabido, comemora-se um centenário de Eça de Queiroz, e tive ocasião de ouvir recentemente o Presidente da República, numa inauguração de uma exposição, ao que me recorde, aconselhar a sua leitura aos jovens, salientando a actualidade que encontrariam na sua obra. Tive a honra de gravar há poucos meses, para a RTP como actor, pela primeira vez, uma personagem queirosiana em «O Conde de Abranhos» adaptado e produzido por Moita Flores (pensa-se que será transmitido a partir de Outubro).

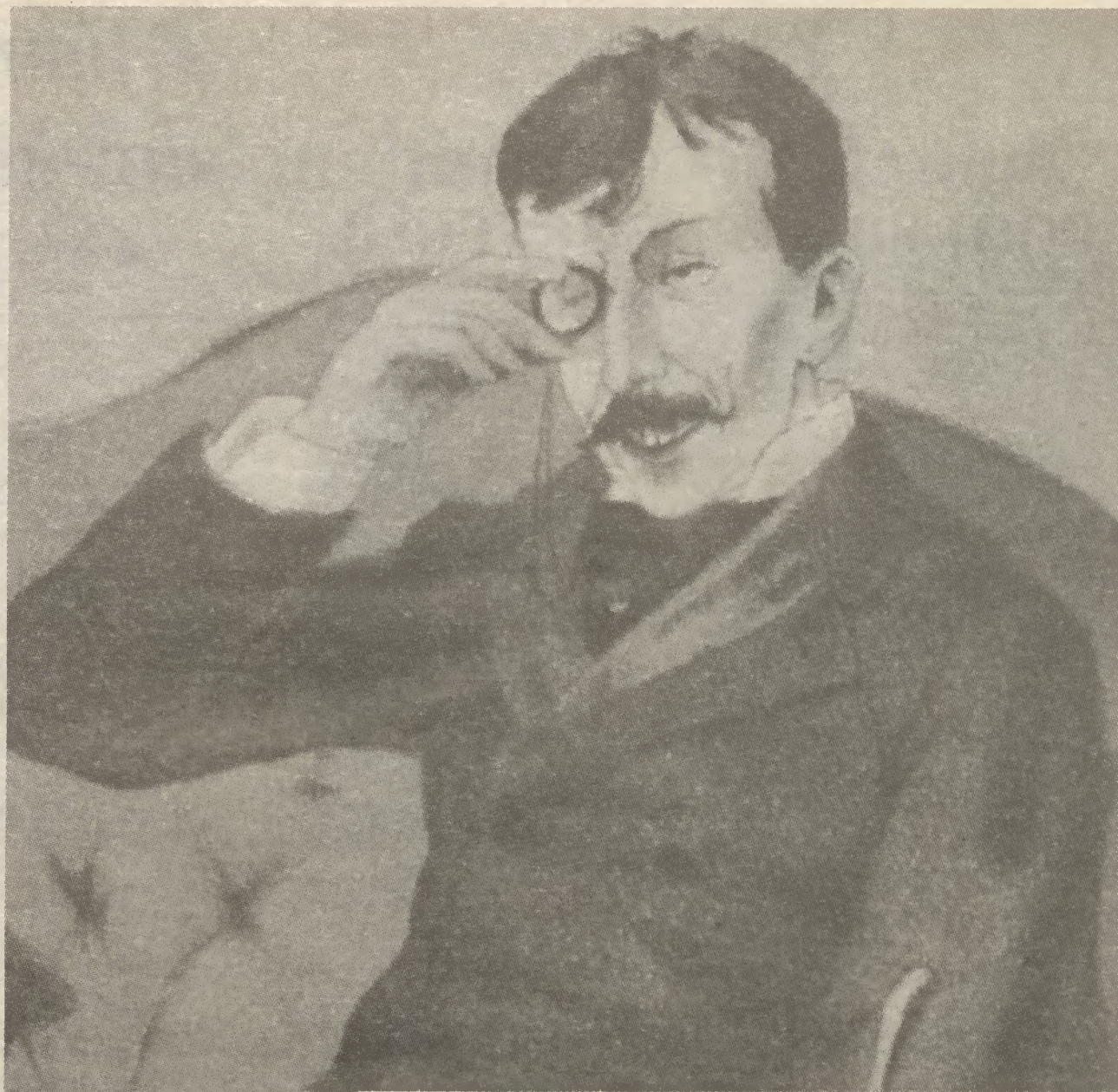
Sempre adorei, li e reli «O Conde de Abranhos» e considero-o de enorme ironia crítica e actualidade.

Senão vejamos estes trechos:

«O ministério Cardoso Torres estava portanto gasto. Calculava-se que ele pudesse talvez sobreviver durante grande parte da próxima sessão, mas, para o fim de Abril, devia desaparecer subitamente como tinham desaparecido os Bexigosos e a corveta Saragoça!

O Partido Nacional retomaria então o poder, e Alípio Abranhos que, agora, era Governo, Influência, Força, Lei, passaria a ser o deputado loquaz de uma oposição estéril, pois que ninguém acreditava que os Reformadores – a que pertencia Cardoso Torres – tendo subido ao poder por um acaso, vissem esse acaso repetir-se. Os Reformadores eram pois, na frase clássica, «um partido sem futuro». O próximo ministério Nacional havia de colar-se às cadeiras do poder durante anos.

E poderia, durante anos, Alípio Abranhos ver as suas faculdades, o seu génio, gasta-



rem-se na retórica hostil e rancorosa da oposição?»

«Estas considerações pesou-as bem Alípio Abranhos, nessas horas da tarde em que passeava solitário na alameda de loureiros; e quando em princípios de Novembro voltou para Lisboa, tinha decidido, no segredo da sua alma, passar-se com as suas armas de eloquência e a sua bagagem de saber para o campo inimigo. Ia fazer-se oposição!»

«Muitas vezes este grande acto político foi chamado uma “indecente traição”. Nada mais absurdo. Pergunto eu: que é trair? É abandonar os ideais que se serviram, e passar, sem razão, para o serviço de ideais opostos que até aí se combatiam! Isto é normalmente, materialmente, uma traição.

Mas havia entre os Reformadores e os Nacionais ideais opostos? Abandonava Alípio Abranhos ideias queridas, para ir, por interesses grosseiros, defender ideias detestadas? Não.

As ideias que servia entre os Reformadores, ia servi-las entre os Nacionais.

Em Religião, que eram os Reformadores? Católicos, Apostólicos, Romanos. E os Nacionais? Idem.

Em Política, o que era os Reformadores? Conservadores constitucionais. E os Nacionais? Idem.

Não tinham ambos o mesmo amor pela dinastia? – O mesmo.

Não eram ambos sustentáculos dedicados da propriedade? – Dedicadíssimos.

Não desejavam ambos a estrita aplicação da Constituição, só da Constituição, de toda a Constituição? – Desejavam-na ambos, ardentemente.

Não eram ambos centralizadores? Eram.

Não estavam ambos firmes na manutenção de um exército permanente? Firmíssimos, ambos.

Não tinham ambos um nobre rancor aos princípios revolucionários? Um rancor nobilíssimo.

E em questões de Instrução, de Imprensa, de Política, não tinham ambos as mesmas ótimas ideias? Absolutamente as mesmas.

Não eram ambos patriotas? Fanaticamente!

Então? – Pode-se dizer que Alípio Abranhos, indo dos Reformadores para os Nacionais, traía as suas ideias? Não! Certamente não!»

Alternâncias

E agora vejamos o que diz Álvaro Cunhal nestes trechos do seu extraordinário livro «A Verdade e a Mentira na Revolução de

Abril» (A contra-revolução confessa-se).

«Confundindo estabilidade com permanência no poder durante muitos anos, tanto os governos do PSD como os do PS enalteciam sistematicamente, como êxito da sua política, a estabilidade alcançada. Se à permanência prolongada se pode chamar estabilidade, a estabilidade dos governos serviu-lhes para realizar uma política fortemente desestabilizadora.»

«Desestabilização económica provocada pela reconstituição e restauração dos grupos económicos monopolistas, o encerramento de muitas grandes empresas em sectores estratégicos, a liquidação de milhares de pequenas e médias unidades, a destruição da reforma agrária e a destruição do aparelho produtivo.

Desestabilização social, com as vagas de desemprego, a liquidação de centenas de milhares de postos de trabalho, a liquidação de direitos fundamentais dos trabalhadores, a crise da agricultura e problemas vivos dos agricultores, o sacrifício das pescas nacionais e problemas vivos dos pescadores, a ruína de milhares de pequenos comerciantes e industriais.

Desestabilização cultural pela contradição entre um positivo aumento crescente da escolaridade e da frequência de cursos médios e superiores e a falta de saídas profissionais correspondentes; por um surto imenso de actividades literárias e artísticas com carácter profissional, em contraste com a condenação ao obscurantismo de milhões de portugueses, e com a multiplicação (em contraste com fulgurantes avanços das ciências) de seitas religiosas com adesão de massas fanatizadas e com o renascimento e larga difusão e propaganda de superstições e credências medievais.»

«O PS e o PSD, um e outro com o CDS-PP à ilharga, em alternância no poder, apregoaram a estabilidade, quando Governo, e a desestabilização, quando oposição.»

«PS e PPD-PSD, mantendo a rivalidade do exercício do poder para a execução de uma mesma política, entenderam-se na tentativa de bipolarização.»

«O objectivo comum ao PS e ao PSD persiste porém e procurarão entender-se para o alcançar: um sistema eleitoral que, não respeitando o princípio da proporcionalidade, lhes permita monopolizar o poder, admitindo entre si uma alternância ao Governo, mas vedando a possibilidade, como resultado das eleições, de uma verdadeira alternativa à política de qualquer deles.»

Pois é, eles são todos Abranhos.

● Rui Paz

Alemanha mobiliza-se pela nacionalização dos bancos

A 27 de Abril, o chefe do «Deutsche Bank», Rolf E. Breuer, num artigo provocatório publicado no semanário «die Zeit», defendia que «os mercados financeiros são as instâncias mais eficazes de controlo da acção do Estado». Cinco dias depois, e enquanto no 1º de Maio folclórico encenado em Roma o Papa procurava distribuir pílulas aos trabalhadores, milhares de manifestantes aplaudiam em Zurique a nacionalização dos bancos.

Convidada a intervir na cidade que serviu de cenário ao recente escândalo de corrupção político-financeira da democracia-cristã e do Governo de Helmut Kohl, Sarah Wagenknecht, do PDS, defendeu a nacionalização dos bancos como uma condição indispensável para pôr cobro ao crime organizado e restituir aos povos o direito de decidirem democraticamente sobre os destinos da economia.

De facto, o chefe do «Deutsche Bank», Breuer, confessara no artigo já citado que «ao contrário dos eleitores cujo voto se exprime apenas de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos», são «as decisões autónomas de milhares de investidores sobre os mercados financeiros» que controlam as políticas governamentais e que «os mercados abertos exercem pressão sobre a escolha dos objectivos e instrumentos da política económica». Breuer, que ainda não há muito tempo, embriagado pela perspectiva da constituição do maior banco do mundo, afirmara querer ser o «Führer» da globalização capitalista, prosseguiu constatando que o patronato beneficia dos «poderes exercidos pelo Estado» (staatlichen Leistungen), como sejam «os bens públicos materiais da infraestrutura», ou ainda «os bens não materiais como a paz social», mas que «o dever de solidariedade tal como se encontra inscrito nas leis do sistema social alemão» está ultrapassado e que «é hoje muito difícil para o patronato contribuir para o financiamento das medidas sociais do Estado». Depois de esclarecer que «os mercados financeiros e os media» têm sido «os guardas da política», Breuer expressa o desejo de que «neste sentido não seria mau se a política no século XXI continuasse a reboque dos mercados financeiros».

Capital incompatível com democracia

É neste contexto de arrogância do capital que se têm desenvolvido em Frankfurt as acções da «Aliança contra o poder dos Bancos», como a conferência realizada a 17 de Junho na Universidade Johann-Wolfgang-von-Goethe, onde o professor Eberhard Czichon sintetizou assim a incompatibilidade entre capitalismo e democracia: «a história do último século forneceu-nos elementos irrefutáveis de que não podem existir reais estruturas democráticas na nossa

Gabinete de Kohl destruiu milhares de documentos

O investigador especial Burkhard Hirsch apresentou ontem, oficialmente, as conclusões das suas investigações à comissão parlamentar encarregada de investigar se a teia de financiamentos ilegais da União Cristã Democrática (CDU) influenciou a tomada de decisões do governo do chanceler Helmut Kohl.

O resultado destas diligências, cujo desfecho se desconhece, foi antecedido

pela confirmação do que há muito se suspeitava: antes de passar o poder aos sociais-democratas, em 1998, o gabinete de Kohl destruiu documentos internos sobre pelo menos duas controversas operações, a privatização da refinaria de Leuna e a venda de blindados à Arábia Saudita no início dos anos noventa.

A informação foi divulgada no passado fim-de-semana por diversos órgãos de comunicação social alemães. Segundo o

civilização compatíveis com a propriedade privada dos meios de produção e com o sistema de lucro que lhe está subjacente. Qualquer atitude anticapitalista é automaticamente uma luta por direitos democráticos reais do ser humano. Quando os grandes bancos alemães como o «Deutsche Bank» ou o «Dresdner Bank» dispõem de quantidades de dinheiro várias vezes superiores ao orçamento de Estado da Alemanha (só o Deutsche Bank possui o triplo), e quando aquela incomensurável quantidade de capital escapa a qualquer controlo parlamentar, fica bem claro até que ponto estamos perante estruturas antidemocráticas impostas pela livre movimentação de capitais. Isto designa-se pura e simplesmente por capitalismo monopolista». E Czichon concluiu expressando o seu acordo com a constatação feita pela ex-membro fundadora e porta-voz dos Verdes, Jutta Ditfurth, de que «a natureza criminosa do capitalismo não reside unicamente nas suas manifestações de corrupção e degenerescência, mas na própria existência do sistema». No dia seguinte, Gregor Gysi líder do grupo parlamentar do PDS no Bundestag, pergun-

tava no comércio realizado frente à Ópera de Frankfurt: «porque é que podemos votar os deputados para o Bundestag mas não nos deixam votar a direcção do Deutsche Bank?»

O Estado instrumento do capital

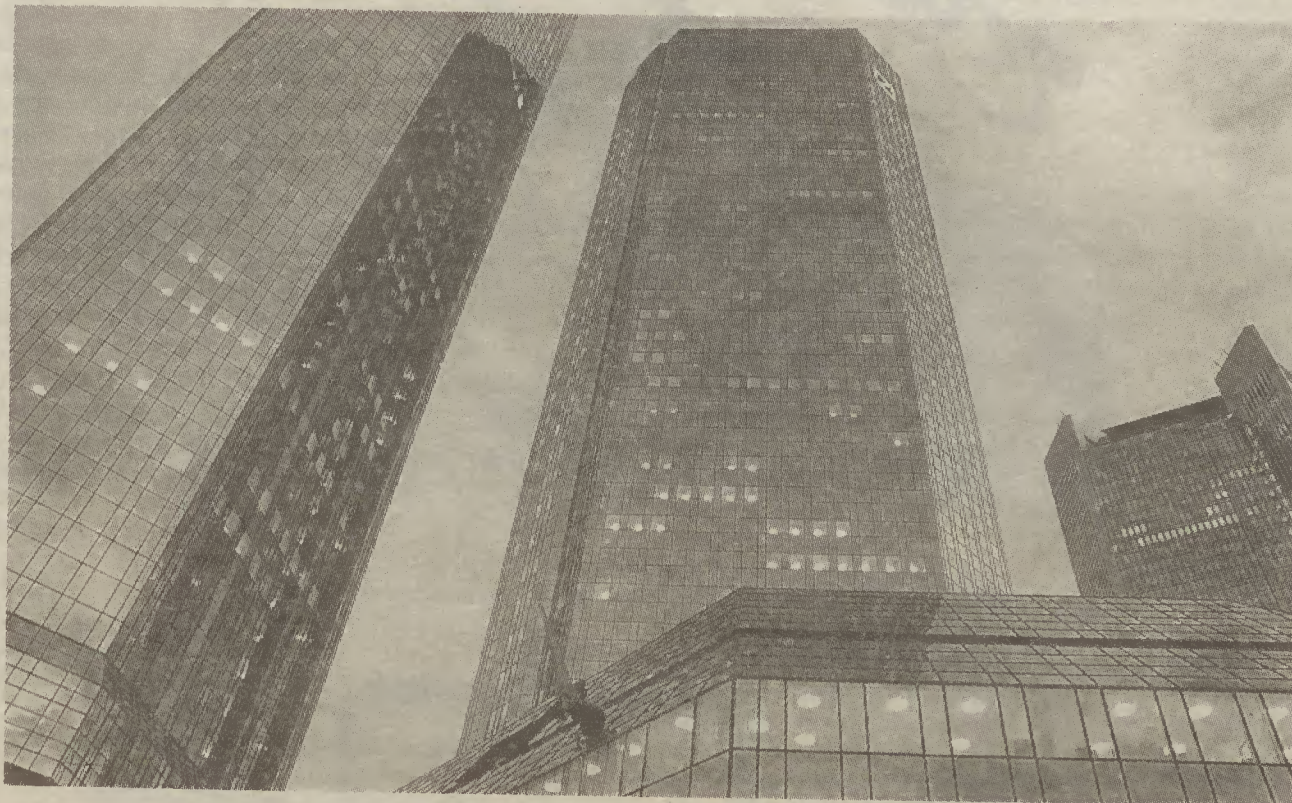
Mas também o cientista Conrad Schuhler, do «Instituto de Sociologia e Economia Ecológica» (ISW) de Munique, havia demonstrado uma semana antes no Fórum «Capitalismo no século XXI» que, ao contrário do que determinadas forças pretendem, o Estado não é independente nem impotente perante o poder dos mercados, mas antes pelo contrário constitui um instrumento de domínio dos interesses do capital sobre a vontade dos povos. E Schuhler prossegue constatando que «os grandes grupos económicos procuram a ligação directa entre os conselhos de administração e os centros de decisão política». O capital financeiro «tem os seus especialistas no Parlamento e possui agências para proteger os seus interesses». A agência alemã «Hunzinger», que possui 6000

contactos com personalidades da política, da economia e dos órgãos de informação, está preparada para despoletar qualquer campanha desejada pelos grandes grupos económicos, como por exemplo a que levou ao afastamento de Lafontaine do Ministério das Finanças. Do conselho fiscal da «Hunzinger» fazem parte dois antigos presidentes do Tribunal Constitucional, um ex-vice-chefe da NATO, assim como Helmut Thoma, antigo patrão da RTL e hoje conselheiro governamental do governo social-democrata da Renânia do Norte-Vestefália. O Ministro de Estado Hans Martin Burz transitou directamente da direcção daquela agência para o Governo Federal de Gerhard Schröder.

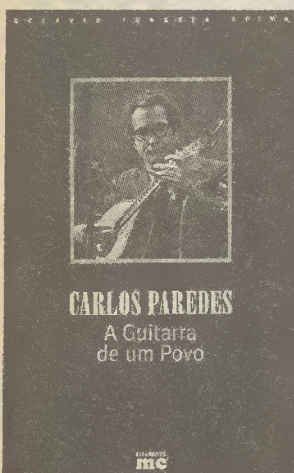
Uma história criminosa

Outra importante iniciativa da acção «contra o poder do dinheiro» foi a realização da exposição «Os Bancos Alemães - quadros de uma história criminosa», organizada por Czichon, do DKP, e Diether Dehm, vice-presidente do PDS, a qual documenta de uma forma bem visível e objectiva, como salienta Lothar Bisky num excelente artigo publicado no «Neues Deutschland», o papel do «Deutsche Bank» como «núcleo mais agressivo do capital financeiro, responsável por guerras, negócios de armamento, trabalho escravo, catástrofes do meio ambiente, mudanças dramáticas de clima, centenas de milhar de falências de pequenas e médias empresas, roubo e fraude fiscal e especulação

de divisas. Bisky esclarece que a estratégia do PDS na luta contra o poder dos grandes bancos visa a sua socialização. Em 1980, o imposto sobre os lucros perfazia na Alemanha 23,6% de todas as receitas fiscais. Com o governo de Helmut Kohl e da democracia-cristã, aquela percentagem baixou para 10%. E depois da reforma fiscal do governo social-democrata de Schröder ficou reduzida a 8,3%. Diether Dehm sugere a criação de tribunais de opinião pública, como os que se têm realizado contra os crimes de guerra da NATO, para julgar a responsabilidade dos bancos na ruína financeira das autarquias e do sector público.



Livros



Carlos Paredes A Guitarra de um Povo

«A música de Carlos Paredes não existe.» Com esta pelo menos enigmática frase começa o livro, editado recentemente pela **Mundo da Canção**, da autoria de **Octávio Fonseca Silva**. Trata-se não apenas de uma biografia de Carlos Paredes, inserida na série que a editora pretende levar a cabo sobre «artistas relevantes da música popular portuguesa» e que, a nosso ver, começa com um nome dos mais relevantes. É mais do que isso - quase um ensaio sobre a música deste autor, enquadrada historicamente. Não esquecendo uma detalhada viagem pela obra, pelas «derivações» desta em outras áreas da arte e da vida.

Mas não deixemos o leitor suspenso do enigma da frase acima transcrita. Escreve o autor:

«Existe um homem semeado no chão do seu país. E dele nasceu. E nele ficou plantado. Num emaranhado eterno de raízes.

«Tanto quanto tem um coração, tanto quanto tem um cérebro, tem uma guitarra. Um órgão - tão só como os outros órgãos.

«A sua música só é a sua música na medida em que o seu sangue é o seu sangue. Um mero fluido orgânico que lhe brota naturalmente das mãos como o amor pela terra e pelo povo lhe brota da alma.»



A Congosta

Mais um romance a somar à já extensa lista de obras deste autor. E que traz o subtítulo **Vúvas de Vivos II**, repescando o título do seu primeiro livro que vai em 4.^a edição. Mas não se trata, conforme esclarece o autor, de uma continuação, quanto muito uma revisita, dizemos nós, ao mesmo espaço em outro tempo. «Do mesmo», adianta **Joaquim Lagoeiro**, «apenas o lugar da acção, também as gentes, embora de outra geração, mas com problemas semelhantes». **Joaquim Lagoeiro** já havia «acrescentado» a **Vúvas de Vivos** um segundo romance, **Madre Antiga**; depois um terceiro, **Milagre de São Bartolomeu**, com que se encerrava uma trilogia. O caminho foi «reaberto» pelo escritor, com **A Congosta**. É talvez os leitores lhe venham a exigir jornada mais longa, suspensos de uma prosa densa e ágil.

Crónicas da Idade Média

• Ruben de Carvalho

Futebol

A bibliografia em torno do futebol não cessa de aumentar, não apenas na razão directa da crescente popularidade do fenómeno, como também da diversidade de ópticas pelas quais é encarado. Seguramente que um dos trabalhos mais interessantes é o conjunto de ensaios reunido no livro **A Busca da Excitação**, de Norbert Elias e Eric Dunning¹, excelente levantamento de análises anteriores (além de Weber e Durkheim, também e nomeadamente os trabalhos de Huizinga, Stone, Rigauer e outros²), mas sobretudo uma visão especialmente atenta das implicações sociais contemporâneas do fenómeno desportivo³.

Em todo o mundo

Um dos aspectos seguramente mais interessantes do futebol é a sua capacidade de expansão, a forma como em pouco mais de um século se estendeu a praticamente todo

Um certo discurso moralista sobre o que esta transformação significaria de degenerescência imposta *de fora*, fruto de funcionamentos sociais e económicos, contrapondo uma *pureza* do amadorismo ao *negócio* do profissionalismo e do espectáculo, sofre um rude golpe quando se verifica que aquela transformação - especialmente no futebol - é claramente endógena, nasce dentro dele, em aspectos tão essenciais como o da evolução das fixações das regras.

Na própria génese da modalidade está um aspecto de valorização da perícia em detrimento da pujança física, tornando o jogo visualmente mais agradável (razão que no século passado levou à sua autonomização face ao rúgubi), as sucessivas transformações têm em geral idêntico objectivo, como é exemplo flagrante a questão do «fora de jogo»: a norma em vigor no início do século que impunha a presença de **três** jogadores adversários entre a baliza e um avançado revelou-se extremamente paralisante, impeditiva da mobilidade e rapidez do jogo, par-

dade da bola, que deixa de se associar ao corpo como sucede no rúgubi, visibilidade ainda assegurada pela proibição de contactos do tipo placagem;

- O conjunto de regras que limita o contacto físico entre os jogadores origina um espectacular **movimento constante** das equipas no campo estabelecendo múltiplas dinâmicas: equipa contra equipa, no interior de cada equipa, na interacção entre os diversos jogadores um a um ou em unidades várias (defesas e médios, laterais e centrais, pontas de lança e médios de ataque, etc). Nestas circunstâncias, o jogo raramente pára (note-se por exemplo o contraste com as sucessivas paragens do rúgubi - mellés, etc - ou, mais ainda, do baseball);

- A dimensão do campo permite não apenas uma assistência numerosa, mas essencialmente uma percepção por parte do espectador da **evolução** de cada jogada. O percurso da bola define, nos seus sucessivos cruzamentos, passagens e cortes, uma **sucessão de evoluções** geradora de emoção.

O mais curioso desta análise é, por outro lado, considerá-la em simultâneo com o fenómeno televisivo.

O impacto social do futebol está inquestionavelmente ligado à televisão, tendo-se tornado num dos conteúdos essenciais da programação televisiva. E o segredo, uma vez mais, é que proporciona um **série de elementos únicos enquanto espectáculo para a televisão**, com destaque para a **dimensão do campo-paleo** e o **movimento-tempo televisivo**.

Mais do que qualquer outro desporto, a dimensão do campo de futebol potencia em as possibilidades técnicas da captação televisiva: simultaneamente, o plano geral que permite aperceber a movimentação, o plano próximo de pormenor, os diferentes ângulos (impossíveis, claro, para o espectador no estádio) e ainda a repetição em câmara lenta.

Por outro lado, a ausência de tempos mortos no futebol enquadra-se perfeitamente no **tempo televisivo**. A filmagem de uma partida de rúgubi ou baseball acaba inevitavelmente a ser monótona pelas constantes paragens, suportáveis na visão directa no campo, mas de exasperante demora num *media* que mede o tempo em segundos. Note-se que outro jogo de elevada movimentação, o basket, renasceu claramente à custa da TV, mas requerendo aspectos de encenação (que a NBA compreendeu) que compensem a escassa dimensão do campo e, por conseguinte, um menor tempo de fruição do desenvolvimento de jogadas.

E, dado tudo isto, vamos lá então ver o Portugal-França...



o globo, ultrapassando especificidades culturais e tradições nacionais, línguas e estádios de desenvolvimento.

Naturalmente que ao longo do século XX se assistiu a uma generalização da prática desportiva em geral e numerosos jogos criaram adeptos um pouco por todo o mundo, mas nenhum conseguiu a dimensão do futebol em todos os aspectos: adeptos, estruturas, públicos, dimensão económica, impacto social.

Dunning e Elias sublinham a lenta transformação do fenómeno desportivo em geral e do futebol em particular de **jogo para espectáculo**. O debate em torno desta evolução tem-se expressado de forma variada, das quais uma das mais significativas é a paralela dicotomia entre **amador** e **profissional**, correspondendo afinal ao deslocamento da motivação para a prática desportiva entre o prazer de quem a executa (o **amador** que participa num **jogo** para seu próprio prazer) ou de quem assiste (o **profissional** que assegura um **espectáculo** para o prazer de quem a ele assiste)⁴.

ticularmente da emocionante deslocação em contra-ataque.

Espectáculo e TV

Dunning (aliás como Yonnet) afirmam que a particular sedução do futebol comparativamente com outras modalidades não reside tanto nas suas componentes directamente desportivas, mas exactamente no conjunto de factores que proporciona enquanto espectáculo, com destaque para três:

- Na separação do rúgubi, o futebol cortou com a dupla utilização de pés e mãos, para tornar aquela exclusiva. Este facto criou um conjunto de elementos visuais e psicológicos de evidente impacto. Por um lado (e a hegemónica importância do drible nos primórdios futebolísticos demonstra-o), o uso exclusivo dos pés e da cabeça cria uma situação de exibição quase circense, com recurso a partes do corpo não vocacionadas, ao contrário das mãos, para exercícios de perícia; por outro, potencia a visibili-

(1) ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Col. Memória e Sociedade. Difel. Lisboa, 1992 (1985).

(2) HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Alianza Editorial. Madrid, 1984 (1954); STONE, G.P. *American Sports: Play and Dis-Play* in DUNNING, Eric (ed.). *The Sociology of Sport: a Selection of Readings*. Londres, 1971; RIGAUER, Bero. *Sport and Work*. Columbia University Press a. Nova York, 1981 (1969). O último autor é geralmente considerado como a referência essencial de uma visão assumidamente marxista do fenómeno desportivo.

(3) Eric Dunning está igualmente incluído no livro *O Futebol no Banco dos Réus* (Celta. Lisboa 1994 (1990)) especialmente dedicado aos problemas da violência e do hooliganismo.

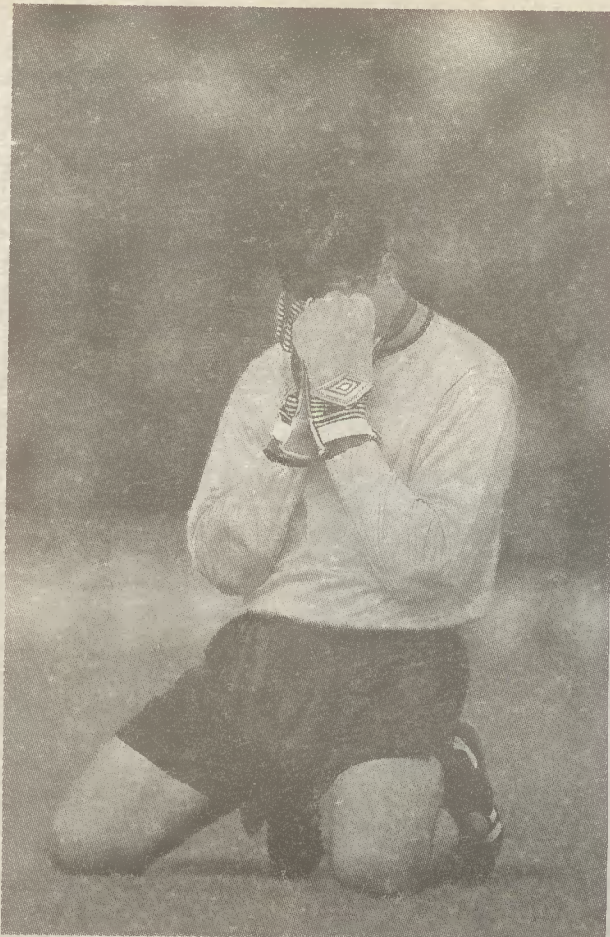
(4) Particularmente interessante relativamente a esta questão é também YONNET, Paul. *Systèmes des Sports*. NRF. Gallimard. Paris, 1998.

Desporto

• José Pascoal

Quando esta crónica chegou à Redacção do «Avante!», Portugal ainda não tinha jogado com a França. Quando chegar às mãos dos leitores, já se saberá, porém, se a selecção portuguesa chegou, finalmente, à final de uma tão importante competição, como o é o Campeonato da Europa. Se o conseguiu, trata-se de um feito inédito na história do futebol nacional. Uma proeza que enche de contentamento os amantes da modalidade e, por que não?, que orgulha um povo, embora não alinhemos, naturalmente, na patética onda de patriotismo que tem percorrido os mais diversos sectores da sociedade portuguesa.

À parte isso, para já, a avaliar pelo que se tem visto, este Europeu veio revelar ao Mundo o poder do futebol-técnica sobre o futebol-força. Holanda, França, Itália e Portugal são, neste domínio, os expoentes máximos. Não fosse a presença da selecção holandesa neste grupo e dir-se-ia que, pelo menos no futebol, o Sul se sobrepõe ao Norte, que a capacidade de improvisação supera a força da organização. Uma coisa é certa. O futebol destas quatro seleções - e aqui não nos importamos de incluir a Holanda - espelha também um modo de estar na vida, mais criativo e, sobretudo, mais alegre. Jogado com a precisão de quem trabalha com profissionalismo, mas também bailado ao ritmo de quem tem nas veias sangue afri-



E o doping, meus senhores?

cano, latino-americano, magrebino ou até asiático. É o futebol de povos que nunca cultivaram pureza de raças, que fazem dele uma festa. Sem fronteiras, como é desejo da entidade máxima do futebol europeu, a UEFA. Nesse sentido, devem os seus responsáveis, ainda que o não afirmem publicamente, estar satisfeitos com a eliminação das seleções que atrás de si arrastam o que há de mais indesejável, o hooliganismo. Estamos a pensar, sobretudo, nas seleções de Inglaterra, Alemanha e até Turquia. Mas não quer isto dizer que não possam ainda ocorrer desagradáveis espectáculos de violência gratuita nos jogos que falta ainda disputar. A Holanda tem conhecidos exércitos de vândalos e há-os também em Itália. Não é de prever que as ruas de Bruxelas, Amesterdão ou Roterdão venham a ser palco de batalhas campais, como se fossem arenas dos tempos dos Jogos do Circo, em Roma, com espectadores transfigurados em gladiadores, sob o olhar de voyeur das câmaras de televisões. Os receios aqui invocados, há duas semanas, confirmaram-se. Infelizmente. E preocupantes são também as notícias que denunciavam jornalistas como instigadores dessa mesma violência. Era o que dizia a AFP, comentando os descatos ocorridos em Charleroi (Bélgica), antes do jogo entre a Inglaterra e a Alemanha. Manchetes ao preço da violência é algo tanto ou mais perverso que imagens de horror e de fome em diversos pontos do globo à hora do almoço ou do jantar.

Já se sabe que o Mundo não é coisa asseada, de rosa pintado, sem conflitos nem dramas, nem limpo é o desporto. Por trás de cada grande competição - o Europeu inclu-

ído - são muitos e de diversa ordem os interesses em jogo. O valor de mercado dos atletas, os níveis de audiência da rádio e da televisão, as tiragens dos jornais, os investimentos dos patrocinadores, o prestígio de uma federação e, para muitos, até o nome de um país. Tudo isto são factores que incidem sobre o rendimento dos atletas que, por iniciativa própria ou interferência de terceiros, acabam quantas vezes por não resistir à tentação do *doping*. A carreira é curta, dizem uns, e há que rentabilizá-la, enquanto outros nada dizem e fazem deles cobaias. Em nome do êxito a qualquer preço, como se a sociedade não tolerasse o fracasso. Como se o desaire não fosse também coisa humana.

O Mundial de França, em 1998, terminou sem que tivesse sido registado qualquer caso positivo das análises anti-*doping* efectuados. E, segundo a FIFA, não houve jogo sem controlo. Nesse mesmo ano, porém, ainda o Tour não tinha saído para a estrada, e já o maior escândalo da história do *doping* ganhava direito a primeira página e abertura de noticiários na rádio e na televisão, acabando por alimentar os órgãos de informação ao longo de quase um mês de casos e mais casos. O resultado foi a realização de uma conferência mundial sobre *doping*, em Lausana, em Fevereiro do ano seguinte, também com a participação do poder político, designadamente da União Europeia, dos EUA e Canadá, e a criação da Agência Mundial de Antidopagem (AMA). O Europeu de futebol está a chegar ao fim e de *doping* nem se ouve falar. Será que vai terminar, como o Mundial, sem casos positivos, e que o Tour, que começa um dia antes da final, voltará a ser manchado pela trapaça clínica?

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Palavras

Sonhos

Vãos, os sonhos? Se existem
não são vão.
Ou não são sonhos.

Irreais deixam as sombras
feitas de
flores e outro material incandescente.

Ílhavo

Cada família
cada nome
ou parede
ou carril
escorre mar.

Há no silêncio
ondas agitadas.

As lágrimas
aqui
são mais salgadas.

Adivinha

Olhem que esta coroa
é só a reinar
a minha pessoa
é bem popular.

Já me sucedeu
outra qualidade:
com o til, sou eu
sem til, sou cidade.

De trás para a frente
mudem-me o bailado
tudo de repente
fica iluminado!

Noite minha irmã
com mil sóis à trela.
Não sou a manhã

mas ri(m)o com ela.

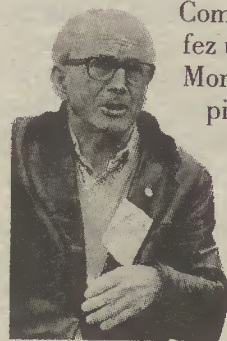
Francisco Miguel

Com o miolo do pão, fez
fez um jogo de xadrez.
Mordeu um dedo
pintou dezasseis peças

[em segredo.

Do tabuleiro, no chão,
encarregou-se a

[imaginação.



Palavra

Gesto que a lapa lavra
florindo em coração
flor indo em cor, acção
obrigado, palavra!

Tudo o que eu quis disseste
e até me adivinhaste
esperança, se disse Este,
vida, se escrevi haste.

Face que sempre sinto
nas vidraças sem ti
aroma que pressinto
em ti foi que senti.

Medo, se a melodia
na alta torre nasceu,
levando-me ele, o dia
contigo renasceu

dia que o mapa lavra
à tua luz, palavra.

Cartoon

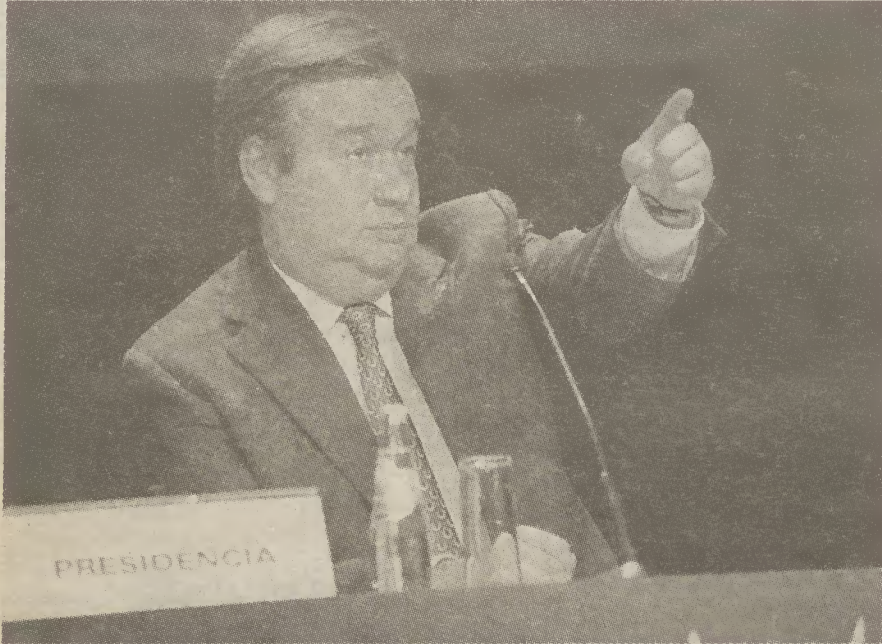
• Monginho



Internet

• Artur Pinheiro

A feira do PS



Termina amanhã a Presidência portuguesa da União Europeia. Durante este período o Governo através dos habituais discursos de circunstância e de muitas declarações à comunicação social esforçou-se em apresentar trabalho. Mas que trabalho foi este? Será que o rumo político da Europa virou à esquerda? Será que o Governo do PS deixou aos portugueses e a todos os europeus um «admirável mundo novo»? O que é que ganharam os trabalhadores? Será que se pôs fim à construção da Europa Federal Militarizada?

Não foi isto que aconteceu. O mais grave é que quer na política interna quer na política da União Europeia os últimos meses em termos de governação foram um «desastre» em termos de progresso e justiça social.

Internamente - lembrando o PSD - sucederam-se as decisões autoritárias que prejudicaram muitas centenas de milhares de portugueses e não melhoraram a situação dos trabalhadores.

Foi este o caso do aumento dos combustíveis. O Governo do PS atrasou até à última hora o aumento por razões eleitorais e depois, só o fez, após concluir as negociações salariais na função pública (anulando à partida o direito destes trabalhadores obterem ganhos reais este ano).

E, mais recentemente, ao diminuir a taxa de bonificação dos empréstimos à habitação, além de disparar a mensalidade dos mesmos, retirou poder de compra e criou ainda mais dificuldades financeiras a milhares de portugueses.

Em vez de reduzir as benesses fiscais aos grupos financeiros o PS adoptou esta medida, cuja incidência recai sobre as famílias e sobre muitos trabalhadores. Além do contributo que milhares de trabalhadores portugueses têm que fazer através das suas responsabili-

dades tributárias, obrigou-os em muitos casos a pagar por duas vezes a factura dos combustíveis.

Primeiro, através do aumento dos preços dos combustíveis e da inflação e, depois, através da diminuição da bonificação dos empréstimos à habitação, com o único objectivo de aliviar e anular a derrapagem orçamental, controlar o défice e a inflação.

Esta situação não era inevitável, e aqui se vê, mais uma vez, a política posta em prática pelo PS. Uma política de classe, anti-social, que ignora os problemas e os direitos dos trabalhadores onde os apoios ao grande capital são sistemáticos.

Net para aqui, Net para ali...

Para esconder o fracasso em termos de progressos em matéria de direitos sociais e de criação de emprego com direitos, a nível nacional ou conjuntamente com os parceiros comunitários, o PS falou e falou da Internet. Foi Net para aqui, foi Net para ali. Muitos ministros e em particular o Primeiro-Ministro apresentaram bonitos «híbridos verbais» para esconder os ventos neoliberais e os custos das reformas que tentam impor.

Em relação à Internet e em abono da promoção da sociedade de informação democrática de livre acesso e não discricionária, que constituísse mais um meio de circulação da informação e do conhecimento, o Primeiro-Ministro e o Governo falam muito, falam muito mas uma coisa é certa: ou praticam muito pouco do que falam ou certamente não percebem do que estão a falar.

Se utilizarmos o «motor de pesquisa» de um dos portais mais utilizados em Portugal, rapidamente concluímos que muitos sites dos Ministérios, ou de organismos sobre tutela, estão desactualizados e pecam por falta de informação útil.

Há de tudo: sites em que as informações contidas se resumem à estrutura orgânica e a números de telefone e moradas, outros onde a informação mais recente que obtemos é de 1996 e de 1998 (CCR Centro) e há o de um Ministério que já não existe (MEPAT) mas que teimosamente continua em «remodelação».

É esta a Sociedade de Informação que o PS quer ou ainda é a «herança virtual» do PSD?

Desde Janeiro assistimos, sim, a uma autêntica «feira virtual», na qual o PS e o Governo se portaram como «negociantes» ao serviço do capital, dos mercados e da vontade das economias mais fortes e aos trabalhadores europeus tentam impor mais flexibilidade e desregulação.

Quer em Lisboa, em Março, quer no Porto, na manifestação realizada na passada semana, enquanto decorria a Cimeira da Feira, os trabalhadores portugueses, e de muitos outros países da UE, justamente reafirmaram que querem mais e melhor emprego e não querem «gato por lebre».

Acima do comportamento dos mercados, da vontade do capital e do ritmo «nominal» da economia, devem prevalecer os interesses dos povos, uma Europa social e os interesses e direitos de quem trabalha.

Perante esta herança, é necessário continuar a exigir outro rumo para a Europa e a luta vai continuar!

Pontos Cardeais

Segredos

A segunda parte do chamado «terceiro segredo de Fátima» foi, finalmente, divulgada pelo Vaticano. O cerimonial não podia ser mais sumptuoso: transmissão em directo pela televisão, conferência de imprensa com centenas de jornalistas de todo o mundo, entrega do documento traduzido em seis línguas. Apesar do aparato, o «segredo» não passava de 20 linhas falando confusamente de bispos e anjos atravessando campos tétricos de cadáveres e com um ainda mais nebuloso «bispo vestido de branco» a arrastar-se, moribundo, até ser mortalmente cravado de balas e setas, instrumentos de morte algo desfasados na história bélica. O texto, atribuído à vidente Lúcia 27 anos depois das «aparições» (ou seja em 1944, em plena II Guerra Mundial), é, afinal, tão escasso e impreciso que o cardeal Ratzinger se viu na contingência de produzir uma vasta elucubração para adaptar o «segredo» à vontade do actual papa, que nele insiste em se ver retratado. E a incongruência entre o escrito e o oficialmente interpretado pelo Vaticano é tão flagrante, que todos os comentadores, dentro ou fora da Igreja Católica, se remeteram a uma prudente circunscrição da «leitura» à determinação pessoal do próprio papa, responsabilizando-o directamente pelas conclusões tiradas do escrito de Lúcia.

Pelos vistos, a «revelação» de João Paulo II tornou o «segredo» ainda mais nebuloso...

Estranhezas

O que não constitui segredo para ninguém é a razão por que, a cada vitória de Portugal no Campeonato Europeu de Futebol actualmente a disputar-se na Bélgica e Holanda, aparecem à frente das câmaras umas «personali-

dades» que têm tanto a ver com o futebol como a bota com a perdigota. Referimo-nos a insígnies «comentadores desportivos» como Marcelo Rebelo de Sousa, Durão Barroso, José Lello ou Fernando Gomes que, à boleia da nossa brilhante selecção, procuram parasitar um pouco da glória nacional que a sua fulgurante actuação está a derramar sobre todos os portugueses. Chega a ser penoso ouvir o chorrilho de banalidades que esta gente profere para as câmaras, na presunção de que estão a dizer coisas importantíssimas. Barroso chegou ao ridículo de afirmar ter contribuído para uma das vitórias com a sua «concentração» no jogo!

A única estranheza está na solicitude das televisões nacionais - com relevo para a pública - em impingir ao país tão conflagrador oportunismo.

Estranheza? Afinal de contas, talvez não...

A crente

Segundo a articulista Constança Cunha e Sá, «renovar o Partido Comunista é o mesmo que renovar uma seita que viu desabar diante de si tudo aquilo em que acreditava», pelo que «um crente assim, ou sobrevive estoicamente durante algum tempo ou, pura e simplesmente, desaparece».

A querida Constança parece integrar a famosa «seita» de esperançosos que, há décadas e regularmente, fazem o funeral ao PCP nos jornais. É pena que, desta vez, as exéquias tenham sido escritas e não ditas, porque ouvi-las da própria Constança na sua deliciosa entoação de «tia» de Cascais seria um regalo.

Mas não desista, Constança! Faça jus ao nome e continue a enterrar o PCP sempre que puder! É que - como muito bem assinala - «uma crente assim, ou sobrevive estoicamente ou, pura e simplesmente, desaparece»!

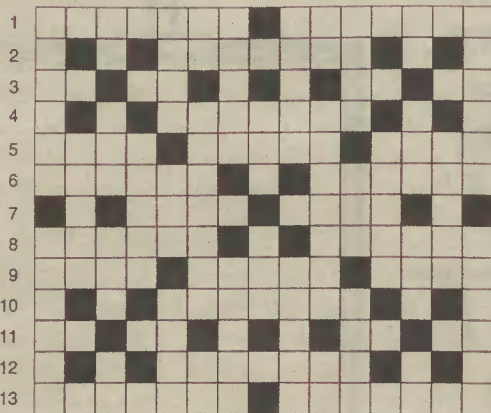
Saúde e que o segredo de Fátima a guarde...

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Sensação constante de fome; dissuadir. 2 - Cicatriz abdominal, saliente ou reentrante, no ponto em que o cordão umbilical se prendia ao indivíduo durante a sua vida fetal (pl.). 3 - Drama lírico japonês, que combina a música, a dança e a poesia; partícula afirmativa do dialecto provençal; Ouro (s. q.); antemerdiano (abrev.). 4 - Substância corante, de origem vegetal, que se obtém de líquenes, como a urzela, e da qual derivam a orceína (pl.). 5 - Discursai; letra grega (pl.); magnete natural. 6 - Livram de perigo; emparelha. 7 - Relativo à boca; combino. 8 - Acertar; tocador de flauta. 9 - Costura; vadiar; condutor de palanquim, na Índia. 10 - Seguram. 11 - A carta mais alta do baralho; Actínio (s. q.); antiga nota dó; existes. 12 - Pancadas com o taco. 13 - Terna; descorada.

VERTICAIS: 1 - Espécie de junco com que se tapam as medas de sal para as resguardar da chuva (pl.); aplanar. 2 - Vestígio que alguém, algum animal ou alguma coisa deixou no solo ou no ar. 3 - Pêlo de certos animais; ilha do arquipélago de Cabo Verde; igualdade (pref.); principal rio italiano. 4 - Nome de mulher. 5 - Secreção das mucosas; altar de sacrifícios; cada uma das partes em que se divide uma peça teatral. 6 - Suf. nom. de origem latina, que tem sentido dominativo; colocaram em versos rimados; Arsénio (s. q.). 7 - Marcador de bilhar; o m.q. ipecuanha. 8 - Pau-ferro; larva que se cria nas feridas dos animais. 9 - Uma das mais brilhantes estrelas do céu (Beta da constelação Centauro); seca. 10 - Poeira; albergara em asilo; Amerício (s.q.). 11 - Membros de ave; mofou; cada uma das nove divindades, que segundo a mitologia romana, presidem as letras, ciências e artes liberais. 12 - Sacrifica matando. 13 - Titânio (s.q.); ave corredora; nome de letra; igreja episcopal ou patriarcal. 14 - Assinala. 15 - Medita (fig.); recruta.

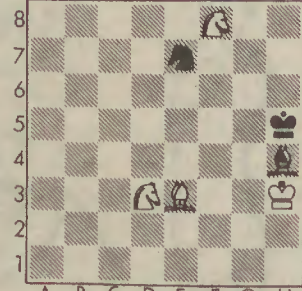
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



SOLUÇÃO:
HORIZONTAIS: 1 - fome; 2 - cicatriz; 3 - drama; 4 - urzela; 5 - discursai; 6 - livram; 7 - relativo; 8 - acertar; 9 - costura; 10 - seguram; 11 - actínio; 12 - pancadas; 13 - terna; 14 - assinala; 15 - medita.
VERTICAIS: 1 - junco; 2 - vestígio; 3 - pêlo; 4 - mulher; 5 - secreção; 6 - suf.; 7 - marcador; 8 - pau-ferro; 9 - estrela; 10 - poeira; 11 - membros; 12 - sacrifica; 13 - titânio; 14 - assinala; 15 - medita.

Xadrez

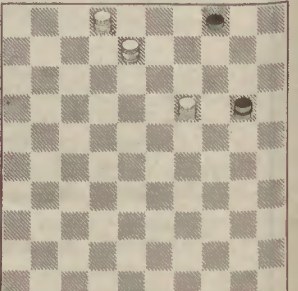
DCCLIX - 29 DE JUNHO DE 2000
 PROPOSIÇÃO N.º 2000X25
 Por: Henri Rinck
 «Blaster Nachrichten», 1927
 Pr.: [3]; C67 - Rh4 - Rh5
 Br.: [4]; Cs. d3, f8 - B63 - Rh3



SOLUÇÃO DO N.º 2000X25 [H.R.]
 1. Cf4+, Rg5. 2. Cg2+, Rh5; 3. Ch4, Cg6; 4. C66, Ch4; 5. Cf4+, Rg5; 6. Cc2+, Rh5; 7. Cg3+ e g.
 1. ..., Rh6; 2. C46+, Rh5; 3. Cg7 #
 A. de M. M.

Damas

DCCLIX - 29 DE JUNHO DE 2000
 PROPOSIÇÃO N.º 2000D25
 Por: N.N. Pankratov
 Rússia - 1899
 Pr.: [2]; 4-(20)
 Br.: [3]; (2)-(8)-(19)



SOLUÇÃO DO N.º 2000D25 [N.N.P.]
 1. 8-3, (20-15); 2. 3-20 +
 1. ..., (20-...47); 2. 19-10 e 3. 2-24 +
 A. de M. M.

Lisboa

Centro de Trabalho Vitória - Dia 1 de Julho às 10h
Encontro Nacional do PCP
sobra a Agricultura e o Mundo Rural

7ª Assembleia

da Organização Concelhia do Barreiro
Sábado, 1, nos Penicheiros, a partir das 10h
Com a participação de
Carlos Carvalhas
que intervirá na sessão pública de encerramento,
cerca das 16h

Assembleia

da Organização Concelhia de Viseu
Sábado, 1, na Esc. Sec. Emídio Navarro, a partir
das 14h30
com a participação de **Francisco Lopes**

4ª Assembleia

do Sector Intelectual do Porto
Sábado, 1, no CT da Boavista, a partir das 15h

Vila Pouca de Aguiar

Domingo, 2, das 10h30 às 17h, na Cidadela
**AGRICULTURA DE MONTANHIA E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Encontro-debate promovido pela DORT do PCP.
Entre outros convidados, participam
**Ilda Figueiredo, Agostinho Lopes
e Carlos Carvalhas**

Alcácer do Sal
Encontro Concelhio da
CDU em Torrão, na
Sociedade 1.º de Janeiro
Torreense, com a
participação de **João
Saraiva**: sábado, 1, às
14h30.

Cascais

Debate: «Que
perspectivas para a
revisão do PDM-
Cascais»: no Hotel
Cidadela, em Cascais, sexta-
-feira, dia 30, às 21h
Plenário de militantes da
Freguesia de S.
Domingos de Rana sobre
as conclusões da última
reunião do CC, com a
participação de **Carlos
Chaparro**: no CT de Tires,
dia 2 a partir das 14h30,
antecedido de almoço-
-convívio no mesmo local,
às 13h.

Lisboa

Plenário de militantes das
freguesias de Alvalade,
Campo Grande, S. João
de Brito, S. João de
Deus e S. Sebastião da
Pedreira: sábado, 1, às

15h, no CT Vitória.
Plenário de militantes da
célula da CML sobre as
conclusões da última
reunião do CC, com a
participação de **Francisco
Lopes**: quinta-feira, dia 6,
às 19h no CT Vitória.

Moita

Assembleia de Organização
da Célula dos Trabalhadores
da Câmara Municipal da
Moita, com a participação de
Jerónimo de Sousa:
sábado, dia 1, às 14h30, no
Refeitório da ex-Socorquex.

Oeiras

Plenário de Reformados
da freguesia de Porto
Salvo: dia 8 às 16h no CT
de Porto Salvo.

Sintra

Plenário de militantes das
freguesias de S. Pedro,
Santa Maria e S.
Martinho: Terça-feira, 4,
21h30, no CT de Sintra
Plenário dos eleitos da
CDU nas autarquias do
concelho de Sintra: sexta-
-feira, 7, às 21h30, no Centro
de Trabalho do Cacém.

Mercado-festa nas Caldas da Rainha

Parque de Merendas da Mata do Hospital
Domingo, 2 de Julho
Venda de produtos agrícolas
Quermesse, almoço regional, animação musical
com Vítor Mata
Participação de **Francisco Lopes**

Excursões**8 e 9 de Julho**

• **De Sta. Iria de Azóia**
A Organização de Santa Iria de
Azóia promove uma excursão de
autocarro com saída de Sta. Iria às
6h de dia 8 e regresso de Braga na
tarde de 9, com chegada a Sta. Iria
prevista para as 20h30. O preço de
11 000\$00 inclui transporte,
dormida, pequeno almoço e entrada
na Festa. Informações e inscrições:
tel. 219590010.

• **De Odivelas**

A Organização do concelho promove
uma excursão de autocarro
com saída de Odivelas no dia 8 e regresso a 9.
Informações e inscrições: no CT de Odivelas - Tel.
219314153 ou
Margarida Aboim ou Anabela Pinto (Tels. 919632320 /
919329557)

• **De Grândola**

A Comissão Concelhia de Grândola promove uma
excursão de autocarro
com saída de Grândola às 6h de dia 8 e regresso de
Braga dia 9 ao fim da tarde. O preço é de 5500\$00,
incluindo a entrada na Festa
Informações e inscrições: tel. 269442399

• **Do Seixal**

A Comissão de Freguesia
de Amora organiza

**a Braga**

uma excursão de autocarro
à Festa da Alegria, com partida
da freguesia, nos dias 8-9 de Julho
Informações e inscrições:
tel. 212212222, cam. Sebastião
Pinheiro

• **De Almada**

Dias 8 e 9 de Julho, com saída de
Almada no dia 8, sábado, às 6h30 e
regresso após o comício de domingo.
Transporte, entrada da Festa,
dormida e pequeno-almoço incluídos.
Informações e inscrições: CT de
Almada (cam. Adriano),
tel. 21 2752121.

A Comissão de Freguesia de Feijó

organiza uma outra excursão, com partida a 8 e regresso a
9. Informações pelos tels. 212590820 - 212106486.

• **Da Ajuda/Lisboa**

A Comissão de Freguesia da Ajuda promove uma
excursão de autocarro com saída de Lisboa às 7h do dia
8 e regresso de Braga dia 9 ao fim da tarde. O preço é de
8600\$00 e inclui, além da viagem, dormida e pequeno-
almoço em hotel
Informações e inscrições: tels 213636552 - 213645566
- 213638512 - 213307000

• **De Cascais**

Dias 8 e 9 de Julho, com saída de Tires no dia 8 às 7h.
Almoço em Braga e dormida em Guimarães. O preço de
7500\$00 viagem e dormida. Informações e inscrições:
tels. 214442253, 214561122, 214866991 (Tires,
Paredes e Cascais, respectivamente)

Domingo, dia 2 de Julho
PASSEIO CONVÍVIO DE MULHERES CDU
do PORTO para Campia/Vouzela
(Caramulo)
com um convidado especial: **Carlos Carvalhas**
Piquenique - Jogos Tradicionais

**Viana do Castelo**

Debate sobre
toxicod dependência
no Centro de Trabalho do PCP de
Viana do Castelo
- sábado, 1, às 22h -
com a participação
de Isabel Nogueira,
do Grupo de Trabalho da
Toxicod dependência da JCP

FESTADO Avante! 2000
1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Aveiro

3º Festival Audácia de Conquistar
3º eliminatória
com as bandas Da Guida (Sta. Maria de Lamas)
e Cruor (S. João da Madeira)
para apuramento de uma actuação
na Festa do Avante!
Sexta-feira, 30, às 23h, no Centro de Trabalho do PCP
de Santa Maria da Feira

Porto

II Concurso de Bandas
para apuramento da banda que actuará no palco
«Novos Valores» da Festa do Avante!
Entrega de maquetas até 15. Julho na Av. Boavista,
931 - 4100 Porto

Moita

Concurso para apuramento
da banda do concelho da Moita
que actuará no palco «Novos Valores»
da Festa do Avante!
Inscrições (até 1 de Julho) e regulamento
nos Centros de Trabalho do PCP do concelho

FESTADO Avante! 2000
já estamos
a construí-la

Saiba tudo sobre a Festa
Leia o «Avante!»
5ª feira nas Bancas

www.pcp.pt

123
SETEMBRO
ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Há trabalho
para todos
todos
os fins-de-semana
Participa!
(nos dias 1, 2 e 3 de Setembro
a Festa retribui!)

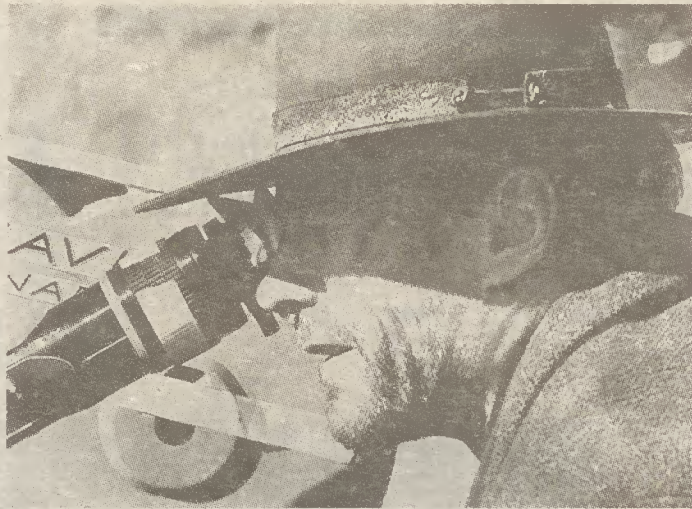
D I G A
NÃO
CO-INCINERAÇÃO
na Serra da Arrábida
LARGO DA MISERICORDIA • SETUBAL
DIA 30 • SEXTA-FEIRA • 18H00
CONCENTRAÇÃO
participe • proteste
Partido Comunista Português PCP

Almoço-convívio
em Belém (Lisboa)
promovido pela Comissão de
Freguesia de Sta. Maria de
Belém
na Soc. Musical Instrução
Libertada (Sólido) - Calçada
do Galvão
com a participação de
José Casanova
Domingo, 2, às 12h30
(Inscrições: Graça Amador
- 914026207 e Ant.
Almeida - 914523413)

ATVer

J.L.G. por J.L.G.
(Sexta, 23.30, RTP 2)

Aproveitamos, porque é tão raro, para escolhermos nesta semana de Verão - será por isso? - o cinema europeu com que a RTP faz o favor de nos brindar. E, já agora, continuamos com Jean-Luc Godard, nesta espécie de documentário de 55 minutos em que o realizador «fala» de si próprio, numa espécie de «Godard par lui-même». Este umbiguismo não será único na história do cinema, como o não é no âmbito da literatura. Mas só Godard poderia citar-se com



Eastwood, de ambos os lados da câmara

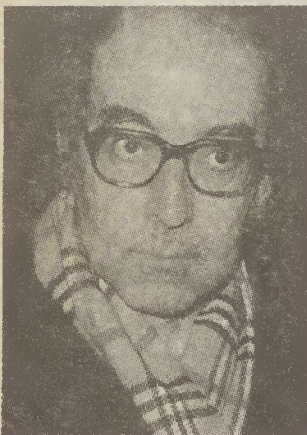
Alemanha acrescentam ao Reino Unido nesta produção «tripartida», a não ser talvez a sua inclinação para a violência, o drama e o fantástico. A realização, que remonta a 1995, é do britânico Philip Ridley e a promoção televisiva fala de «um filme insólito e belo, ao

mesmo tempo fascinante e perturbador». A verificar, portanto.

Quando os Anjos Caem e Cadeiro a Petróleo
(Domingo, 19.50, RTP 2)

São duas curtas-metragens da autoria de Roman Polanski, realizadas em 1959, na Polónia, antes, portanto, do salto que o cineasta deu para os Estados Unidos, onde realizou as suas primeiras obras de reconhecimento mundial. De qualquer modo já aqui se vislumbram temas e visões que,

tal como em a *Faca na Água*, ainda produzido no seu país natal, vão assombrar as películas do realizador.



Jean-Luc Godard, um olhar sobre si mesmo



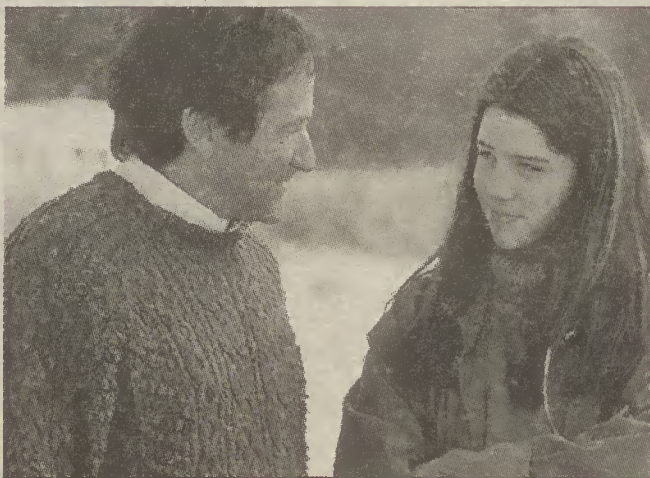
Annie Girardot

esta desenvoltura, mesmo quando as citações são repescadas de Diderot, Giraudoux ou Aragon...

Lista Negra

(Sexta, 00.55, RTP 1)

Um pouco menos «intelectual», este filme de Alain Bonot. Ainda nos ficamos por França, reconhecendo aos franceses a realização de bons policiais, embora em alguns se note por demais a marca da cópia dos «amigos americanos», no que de menos bom apresentam. Ainda assim, é de ver este filme realizado em 1984, que conta a história de três jovens «seduzidos» pela aventura do crime que participam num assalto a um banco. E, pelo menos, apreciarmos o trabalho da excelente atriz que é Annie Girardot, no papel de mãe de uma das criancinhas...



Humor e não só, em Gente como Nós

Gente como Nós

(Sábado, 16.50, RTP 1)

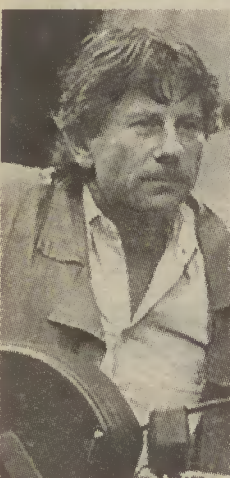
Se o «selo de origem» refere os Estados Unidos, também é verdade que o Reino Unido deixa a sua marca neste filme realizado por Bill Forsyth e protagonizado pelo espantoso Robin Williams. Dizem que o filme, constituído por cinco sketches, por cinco histórias independentes, é uma comédia. Não será tanto assim, embora a interpretação de Robin Williams, sempre no fio da navalha entre o riso e o enternecimento, o possa

indiciar. No fim de contas, o fio condutor destas histórias, a começarem na Idade do Bronze e a culminarem nos tempos actuais, é uma parábola sobre a aventura humana.

A Paixão de Darkly Noon

(Domingo, 01.55, RTP 1)

Não sabemos o que a Bélgica e a



Roman Polanski

Barreira de Fogo

(Segunda, 22.20, RTP 1)

Vá lá então um filme produzido exclusivamente do outro lado do Atlântico. Realizado e interpretado por Clint Eastwood e já anunciando, em 1977, o estilo e o jeito deste actor-realizador que, antes mesmo da criação da personagem de Dirty Harry, já mostrava a sua propensão para as histórias passadas nas trevas do sub-mundo americano. A história, que a TV já passou, é muito bem escrita e a realização segura, como convém a um filme de acção.

Cabo e Satélite

Crime organizado

Se pensa que já sabe muito de política e crime organizado, que tal terminar o mês apesar de faltarem alguns dias (hoje, quinta-feira, às 22.00), assistindo ao documentário sobre *Arte e Crime Organizado*? É no canal *Odisséia* e vai ver como se faz dinheiro com o roubo de preciosidades artísticas do mesmo modo que alguns ganham com o tráfico de armas. É menos mortífero mas não deixa de ser criminoso... Mas também pode ver, à mesma hora, no canal *Hollywood*, um bem conseguido filme que vai para além das aventuras. Com Sigourney Weaver e Mel Gibson. Passa-se na Indonésia e chama-se *O Ano de Todos os Perigos*.

Quinta, 29

RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil
16.45 Euro 2000: Meia-final
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.10 Concurso: Só Números
21.40 Euro 2000
22.30 Prémios Bordoal
00.05 24 Horas
00.30 1ª. Página
01.10 «Zipang» (Longa-metragem)
02.50 «Os Oito Saltos do Dragão» (Hong-Kong/1976, com Jackie Chan. Artes Marciais)

RTP 2

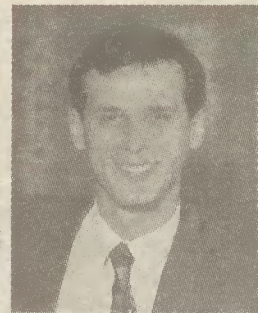
07.00 Euronews
08.00 Espaço Infantil
12.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 TV Nostalgia
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Brigada Submarina
21.00 Tempo da Ciência
22.00 Jornal 2
22.55 Acontece
23.15 «O Controle do Universo» e «Os Signos entre Nós» (última parte do ensaio «Histórias do Cinema», de Jean-Luc Godard)
00.30 Filme português (não designado)

SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malhação
15.00 Ponto de Encontro
16.00 Programa a definir
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Terra Nostra / Labirinto
22.30 Esta Semana
23.45 Sai Debaixo
00.25 «Primeira Página» (de Ron Howard, EUA/1994, com Michael Keaton, Glenn Close, Robert Duvall, Marisa Tomei. Comédia Dramática)
02.25 Diário do Europeu
02.45 Último Jornal
03.30 Vipper
05.10 Noites Longas - «Cinema Vêrité» - Pioneiros e Revolucionários»

TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
18.30 A Grande Aventureira
19.30 Directo XXI
20.30 Olhó Video
21.45 Entre Marido e Mulher
22.30 Especial TVI
23.30 «A Última Vida» (de Worth Keeter. Ficção Científica)
01.30 Diário do Euro
01.50 «Amityville: A nova Geração» (de John Murlowski, EUA/1996. Terror)



Sexta, 30

RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.30 Espaço Infantil-Juvenil
17.00 Roseira Brava
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.10 Concurso: Só Números
21.40 Euro 2000
22.25 João Nicolau Breyner
00.10 24 Horas
00.35 1ª. Página
00.55 «Lista Negra» (de Alain Bonnot, França/1984, com Annie Girardot, François Mathouret, Paul Crauchet. Policial)

RTP 2

07.00 Euronews
07.30 Infantil / Juvenil
12.00 Euronews
15.00 Assembleia da República: Debate sobre o Estado da Nação
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Brigada Submarina
21.00 Jornal d' África
21.30 Dinheiro Vivo
22.00 Jornal 2
22.45 Aqui Europa
23.10 Acontece
23.30 «J.L.G. por J.L.G.» (documentário autobiográfico de Jean-Luc Godard, França/1994)
01.20 Andamentos
01.50 Departamento de Homicídios

SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malhação
15.00 Você Decide
16.00 Programa a definir
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Terra Nostra / Labirinto
22.30 Sai de Baixo
23.20 Diário do Europeu
02.00 Último Jornal
02.35 «Alien Nation - Corpo e Alma» (de Kenneth Johnson, EUA/1995, com Pamela Gordon, Terri Treas. Ficção Científica)

TVI

09.00 Animação
12.10 O Direito de Nascer
13.30 TVI Jornal
14.30 Louca Paixão
15.45 Batatoon
19.00 Olhó Video
19.30 Directo XXI
20.00 Marés Vivas
21.00 As Pupilas do Senhor Doutor
21.40 Reis da Música Nacional
00.10 «A Escolha de Uma Vida» (de Anne Wheeler, Canadá/1993, com Melanie Mayron, Janet Dubois. Drama)
02.30 Ai que Vida!

José Rodrigues dos Santos, agora na Direcção da RTP

Sábado, 1

RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
12.00 Fórmula 1 - GP de França (treinos)
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 Jet 7
16.05 Destinos de Sofia
16.50 «Gente como Nós» (cinco «sketches» de Bill Forsyth, EUA-G.Br./1994, com Robin Williams, Kelly Hunter, John Torturro. Fantasia dramática)
18.50 Aqui Europa
20.00 Telejornal
21.15 Santa Casa
23.00 Euro 2000
23.50 Loja do Cidadão
00.50 Máquinas
01.35 24 Horas
01.55 «O Enigma da Múmia» (de Russel Mulcahy, EUA/1998. Terror)

RTP 2

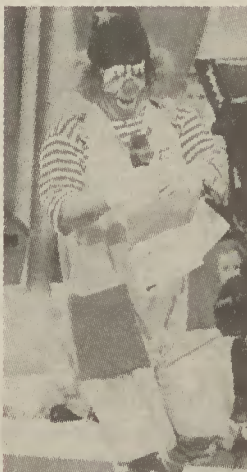
07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
19.10 A Outra Face da Lua
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001
23.15 Brit Com
00.45 A Vida É Assim
01.40 «Lua Tentadora» (de Chen Kaige, China-Hong Kong/1996, com Leslie Cheung, Gong Li, Kevin Lin. Drama)

SIC

07.30 Zip Zap
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.50 Big Show Sic
18.00 Vila Madalena
19.00 Esplendor
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 Negócio Fechado
23.30 O Sexo e a Cidade
00.20 «Rambo 3» (de Peter MacDonald, EUA/1988, com Sylvester Stallone, Richard Crenna. Acção)
02.20 Diário do Europeu
02.50 Último Jornal

TVI

09.00 Animação
10.30 O Sótão do Pedro
11.00 Top Rock
12.00 Caras Lindas



«Batoon», para os miúdos, é um dos sucessos de audiências da TVI...

13.30 Contra-Ataque
14.15 Quarta a Fundo
14.30 «A Quinta dos Balões» (de William Dear, EUA/1997, com Rip Torn, Roberts Blossom. Fantástico)
16.30 «Guerreiros da Virtude» (de Ronny Yu, EUA/1998. Acção)
18.30 Olhó Video
19.30 Directo XXI
20.00 «Safety Patrol» (com Leslie Nielsen, Bug Hall. Comédia)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 Lux
23.50 «The Soul Collector» (com Melissa Gilbert. Drama)
01.50 «O Corvo» (de Alex Proyas, EUA/1994, com Brandon Lee. Fantástico)



O «Gold», o canal das repetições-das-repetições da SIC, vem atrasado mas não tarda...



E, finalmente, esta semana vamos ter um campeão!

Domingo, 2

▼ RTP1

- 07.00 Infantil / Juvenil
- 11.30 3º Calhau a Contar do Sol
- 12.00 Jornal da Tarde
- 13.00 Fórmula 1 - GP de França
- 15.00 Made in Portugal
- 16.30 Animais em Grande Plano
- 17.30 Espectáculo de encerramento do Euro 2000
- 18.45 Euro 2000 - Final
- 21.00 Telejornal
- 22.15 Agora É que São Ela
- 23.30 Euro 2000
- 00.20 Prazeres
- 01.35 24 Horas
- 01.55 «A Paixão de Darkly Noon» (de Philip Rydley, G.Br.-Bélgicaq-Alem./1995, com Brendan Fraser, Ashley Judd. *Drama*)

▼ RTP2

- 07.00 Euronews
- 09.00 Programa Religioso
- 10.30 Missa
- 11.30 Arquivos do Entendimento
- 12.30 O Século das Descobertas
- 13.30 Quem Sai aos Seus
- 14.00 Ricos e Famosos
- 15.00 Desporto 2
- 19.50 Onde Curta: («Quando os Anjos Caem» e «Candeieiro a Petróleo», curtas-metragens de Roman Polanski, Polónia/1959)
- 20.30 Artes e Letras: «Franco Zeffirelli»
- 21.30 Horizontes da Memória
- 22.00 Jornal 2
- 22.45 Travessa do Cotovelo
- 23.45 Faenas
- 23.45 Teatro: «Guerras de Alecrim e Manjerona», de António José da Silva, o Judeu (encenação de João Mota para o Teatro da Comuna, realização de Ferrão Katzenstein))

▼ SIC

- 07.30 Zip Zap
- 12.00 BBC Vida Selvagem
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 «Annie, Uma Aventura Real» (de Van Toyton, G.Br./1995, com Joan Collins, Ashley Johnson, George Heam. *Comédia Dramática*)
- 16.00 Walker, O Ranger do Texas
- 17.00 «Uma Noite com o Presidente» (de Rob reiner, EUA/1995, com Michael Douglas, Annette Bening, Martin Sheen, Michael J. Fox. *Comédia Dramática*)
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.10 Malucos do Riso
- 22.15 Herman SIC
- 00.20 «O Quinto Elemento» (de Luc Besson, EUA/1997, com Bruce Willis, Milla Jovovich, Gary Oldman. *Dram. Aventura*)
- 02.20 Diário do Europeu
- 02.50 Último Jornal

▼ TVI

- 09.00 Animação
- 11.00 Espaço Religioso
- 11.10 Missa
- 13.00 Portugal Português
- 13.45 Caras Lindas
- 15.00 «Momento da Verdade - I» (de John C. Avildsen, EUA/1993, com Ralph Macchio, Elisabeth Shue. *Artes Marciais*)
- 17.00 Cocktail Nacional
- 19.00 Directo XXI
- 20.00 «Shadow Warriors II» (de John Cassar, EUA. *Thriller*)
- 22.00 Jardins Proibidos
- 23.10 «Presença na Rede» (com Andrew Lawrence, Ed Marinaro, Gigi Rice. *Thriller*)
- 01.10 «A Vingança da Natureza» (de Dori Weissis, EUA, com Richard Crenna. *Drama*)

Segunda, 3

▼ RTP1

- 07.00 Hora Viva
- 10.00 Praça da Alegria / Culinária
- 12.20 Concurso: Só Números
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 A Mentira
- 15.30 Espaço Infantil-Juvenil
- 17.00 Roseira Brava
- 19.00 Regiões
- 20.00 Telejornal
- 21.10 Concurso: Só Números
- 21.40 A Senhora Ministra
- 22.20 «Barreira da Fogo» (de Clint Eastwood, EUA/1977, com Clint Eastwood, Sondra Locke. *Thriller*)
- 00.30 24 Horas
- 00.55 1ª. Página
- 01.15 «Apex» (de Phillip J. Roth, EUA/1994, com Richard Keats, Mitchell Cox. *Ficção Científica*)

▼ RTP2

- 07.00 Euronews
- 07.30 Espaço infantil/Juvenil
- 15.00 Ciclismo: Volta a França
- 16.30 Informação Gestual
- 17.30 TV Nostalgia
- 18.30 Informação Religiosa
- 19.00 Universidade Aberta
- 19.40 Segredos dos Oceanos
- 21.00 Rotações
- 21.30 Bombordo
- 22.00 Jornal 2
- 22.55 Acontece
- 23.15 «Aldebaran» (Longa-metragem)
- 01.05 O Cupido

▼ SIC

- 08.00 Buérré
- 10.00 SIC 10 Horas
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 Malhação
- 15.00 Você Decide
- 16.00 Médico de Família
- 17.00 Rex, o Cão Polícia
- 18.00 Vila Madalena
- 19.00 Esplendor
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Terra Nostra
- 22.10 Roda dos Milhões
- 00.30 Sai de Baixo
- 01.10 Diário do Europeu
- 01.30 Último Jornal
- 02.05 «Esquadrão Lunar» (de Boaz Davidzon, EUA/1994, com Michael Parré. *Ação*)

▼ TVI

- 09.00 Animação
- 12.10 O Direito de Nascer
- 13.30 TVI Jornal
- 14.30 Louca Paixão
- 15.45 Batatoon
- 18.30 A Grande Aventureira
- 19.30 Directo XXI
- 20.00 Marés Vivas
- 21.15 Crianças S.O.S.
- 22.15 «Bora lá, Marina!»
- 22.50 «Nervos de Aço» (de Avi Nesser, EUA/1999. *Thriller*)
- 00.55 «Na Mente da Vítima» (de Robert Iscove, EUA/1997, com Nicollette Sheridan, Stacy Keach. *Drama*)
- 04.50 Ai que Vida!



«A Senhora Ministra» de Ana Bola, à segunda à noite na RTP1

Terça, 4

▼ RTP1

- 07.00 Hora Viva
- 10.00 Praça da Alegria / Culinária
- 12.20 Concurso: Só Números
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 A Mentira
- 15.30 Espaço Infantil-Juvenil
- 17.00 Roseira Brava
- 19.00 Regiões
- 20.00 Telejornal
- 21.10 Concurso: Só Números
- 21.55 Mãos à Obra
- 22.30 Maria Elisa
- 24.00 24 Horas
- 00.30 1ª. Página
- 00.50 Os Hughleys
- 01.40 «Os Gladiadores do Séc. 23» (de David Peoples, Austrália/1989, com Rutger Hauer, Joan Chen. *Ficção Científica*)

▼ RTP2

- 07.00 Euronews
- 08.00 Infantil / Juvenil
- 12.00 Euronews
- 16.30 Informação Gestual
- 17.30 TV Nostalgia
- 18.30 Informação Religiosa
- 19.10 Mito Eternos
- 20.00 Brigada Submarina
- 21.00 O Lugar da História «Aquilino Ribeiro»
- 22.00 Jornal 2
- 22.55 Acontece
- 23.15 «O Cavaleiro de Ferro» (de Alessandro Blasetti, Itália/1938, com Gino Cervi, Elisa Cegani. *Drama Histórico*)

▼ SIC

- 08.00 Buérré
- 10.00 SIC 10 Horas
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 Malhação
- 15.00 Você Decide
- 16.00 Médico de Família
- 17.00 Rex, o Cão Polícia
- 18.00 Vila Madalena
- 19.00 Esplendor
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Médico de Família
- 22.15 Terra Nostra
- 23.45 Sai de Baixo
- 00.30 «Duas Irmãs» (de Jerry Zacks, EUA/1996, com Meryl Streep, Leonardo DiCaprio, Diane Keaton, Robert De Niro. *Drama*)
- 02.30 Último Jornal
- 02.55 Toda a Verdade

▼ TVI

- 09.00 Animação
- 12.10 O Direito de Nascer
- 13.30 TVI Jornal
- 14.30 Louca Paixão
- 15.45 Batatoon
- 18.30 A Grande Aventureira
- 19.30 Directo XXI
- 20.00 Marés Vivas
- 21.00 Os Animais Também São Gente
- 22.00 «Força Aérea I» (de Wolfgang Petersen, EUA/1997)
- 00.05 «Trama Indecente» (de Yuri Zeltser, EUA/1994. *Thriller*)
- 03.40 Ai que Vida!

Quarta, 5

▼ RTP1

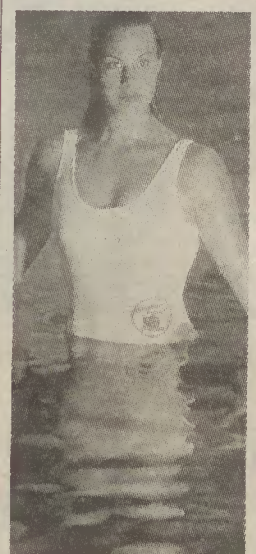
- 07.00 Hora Viva
- 10.00 Praça da Alegria / Culinária
- 12.20 Concurso: Só Números
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 A Mentira
- 15.30 Espaço Infantil-Juvenil
- 17.00 Roseira Brava
- 19.00 Regiões
- 20.00 Telejornal
- 21.25 Concurso: Só Números
- 21.55 As Lições do Tonecas
- 22.30 «Verdade ou Consequência» (Longa-metragem)
- 00.15 24 Horas
- 00.40 1ª. Página
- 01.10 «Killer, O Profissional» (de Mark Malone, EUA/1994, com Anthony LaPaglia, Mimi Rogers, Peter Boyle. *Thriller*)

▼ RTP2

- 07.00 Euronews
- 08.00 Espaço Infantil/Juvenil
- 12.00 Euronews
- 15.00 Ciclismo - Volta a França
- 16.30 Informação Gestual
- 17.30 TV Nostalgia
- 18.30 Informação Religiosa
- 19.10 Quanto Mais Velho Melhor
- 20.00 Brigada Submarina
- 21.00 Sinais do Tempo ou Zoom
- 22.00 Jornal 2
- 22.55 Acontece
- 23.15 Independência de Cabo Verde
- 00.15 «Fabiola» (de Alessandro Blasetti, Itália-França/1949, com Michèle Morgan, Henri Vidal, Michel Simon. *Drama Histórico*)

▼ SIC

- 08.00 Buérré
- 10.00 SIC 10 Horas
- 13.00 Primeiro Jornal



... «Marés Vivas» é outro, obrigatório no Verão

- 14.00 Malhação
- 15.00 Você Decide
- 16.00 Médico de Família
- 17.00 Rex
- 18.00 Vila Madalena
- 19.00 Esplendor
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Terra Nostra
- 22.10 Capitão Roly
- 23.20 Sai de Baixo
- 00.10 «Horizonte Longínquo» (Longa-metragem)
- 03.00 Último Jornal

▼ TVI

- 09.00 Animação
- 12.10 O Direito de Nascer
- 13.30 TVI Jornal
- 14.30 Louca Paixão
- 15.45 Batatoon
- 19.00 Olho Vivo
- 19.30 Directo XXI
- 20.00 Marés Vivas
- 21.00 Ri-te, Ri-te
- 22.00 Mulheres ao Poder
- 23.30 «Noites Violentas» (de P. Buitenhuis, EUA/1994. *Thriller*)
- 01.30 Diário do Euro 2000
- 01.50 Ai que Vida

Nota:
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto

• Correia da Fonseca

O escravo que veio do Leste

No dia seguinte, a comunicação social de todo o mundo teria de anunciar a descoberta do projecto do genoma humano, proeza desde logo comparada com a chegada do homem à Lua cujas consequências, aliás, me parece terem ficado bem aquém do que se esperava. Mas foi no domingo que ao acompanhar com escassas expectativas o Jornal da Noite da SIC deparei com uma peça que achei notável e que me tocou mais que essa decerto importantíssima estória do genoma, introduziu a um mundo que já não será o meu e não apenas por aquilo que um nosso precioso camarada costuma designar por «lei da vida». No ecrã, entrevistado pelo jornalista, estava um homem que viera do Leste, de uma das repúblicas que integraram a União Soviética. Teria perto de quarenta anos, era arquiteto e estava a trabalhar como pedreiro algures no nosso país. A reportagem explicou-nos que há muitos como ele, vindos do Leste europeu, foragidos das pragas do desemprego, da desprotecção social, das penúrias que cedo desembocam na fome. Foi também a reportagem que me ensinou que homens como aquele imigrante ilegal vindo do Leste há milhares, é que mais de metade deles tem formação universitária. Quer isto dizer, já se vê, que viveram a mocidade num tempo em que o acesso à formação superior da generalidade da massa estudantil era fácil e que não esperavam, obviamente, virem a ser lançados no desemprego e na fome porque não era isso que então se usava nos territórios onde viviam. Foi, porém, o que lhes aconteceu ao longo da década de 90. Vieram então os traficantes de carne humana, afigura-se-me que em coerência perfeita com a liberdade de iniciativa privada que entretanto foi conquistada por lá, e propuseram-lhes solução óptima para os seus casos: migração para Portugal, onde os aguardava emprego fácil, ordenado farto, reencontro com a perdida protecção social, tudo bem. Bastava-lhes iludirem algumas remanescentes leis repressivas que limitam os movimentos de mão-de-obra e transitarem como ilegais e clandestinos. Também era preciso despenderem dinheiro grosso, mas para isso bastava-lhes vender o que tinham (pois, pelos vistos, ainda

tinham alguma coisa para vender) e entregarem esse produto nas mãos dos generosos patrocinadores da aventura.

Pragmatismo integral

Vieram. Os mais de 50% com cursos superiores e os outros. Alguns deles estão por aí, de pedreiro ou tarefa parecida, com magros salários pagos quando Deus quer (e, neste caso, Deus é o patrão que muitas vezes nem chega a querer), sem direitos nenhuns de presente negro e horizonte fechado. Nem todos na construção civil; também em diversas áreas do sector dos serviços, esses decertos com licenciaturas não em arquitectura ou engenharia mas outras matérias. Porque não sabem línguas ocidentais, tal como os da «Europa» com aspas não sabem russo nem outras línguas eslavas, estão ainda mais indefesos. Muitos deles acabam detidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e expulsos, como manda a lei: é que os patrões, pragmáticos e subitamente legalistas, percebem que é muito mais sábio denunciá-los que pagar-lhes os meses e meses de salários em atraso, o que seria um dispendioso acto de gestão afinal evitável. Eu sei que haverá quem ache pessimamente que eu escreva agora que toda esta constelação de dramas humanos, crimes, desumanidades, infâmias, resulta directamente da liquidação da União Soviética às mãos libertadoras do capitalismo ocidental. Eu calculo até que haverá camaradas que nestas linhas vão farejar, e muito bem, indícios pecaminosos de nostalgia pela derrotada URSS. E o caso é que têm razão: é verdade que me habita alguma saudade por aspectos, muitos, do que foi a União Soviética, e suspeito de que a maldade está tão entranhada em mim que não me arrependo disso, como decerto devia, embora não me sinta nada solidário com tudo o que por lá se fez tal como não me sinto solidário com a execução de Lavoisier e Chénier alguns anos atrás e noutra lugar. Porém, note-se: o que atrás narrei não foi inventado por mim, a reportagem não era minha, a SIC é de outros senhores, eu não sou o dr. Emídio Rangel. Todos os factos que reproduzi foram-me contados no passado domingo: É claro que no dia seguinte veio aquela notícia da descoberta do genoma humano por um consórcio com grande participação privada, e é possível admitir que, daqui a uns tempos, esse conhecimento vai permitir melhorar a espécie humana de modo a que estes e outros horrores deixem de acontecer. Mas irá ser assim? Não sei. Penso que nenhum de nós estará cá para ver. De qualquer modo, é outra questão.



A talhe de foice

• Henrique Custódio

O bispo

O bispo timorense D. Ximenes Belo encetou uma surpreendente cruzada: decidiu combater os preservativos, considerando a luta contra o seu uso uma prioridade actual em Timor Lorosae. Para que ficasse bem clara a sua posição, D. Ximenes escreveu uma carta a todas as organizações médicas internacionais e ao próprio Departamento de Saúde da ONU a explicar que a Igreja Católica «desaprova e discorda completamente» do uso de «métodos artificiais de planeamento familiar», mesmo em casos «terapêuticos extremos», declarando «totalmente inaceitáveis» todos os métodos «não naturais» que impossibilitem uma gravidez. Tudo em nome da «defesa dos direitos humanos», de que o actual Vaticano se assume proprietário.

Para justificar a arrogância de tais ditames, o bispo legitimou-os com o facto de «90 por cento dos timorenses serem católicos».

As posições do bispo causaram estranheza e até indignação entre numerosos responsáveis internacionais, nomeadamente por serem afirmadas numa altura em que começam a surgir os primeiros casos documentados de SIDA em Timor-Leste e em que se comprovam elevados índices de doenças venéreas, a par de uma grande taxa de natalidade e da proliferação de doenças e morte entre as mulheres por consequência de partos sucessivos e desacompanhados.

Domingas Alves - responsável pela organização feminina Fokupers e presidente do recente Congresso Nacional da Mulher - foi incisiva, na apreciação do caso: «Como pessoa católica respeito a carta mas, quanto aos direitos humanos, acho que depende de cada um. Todos têm direito a planear a sua vida. As mulheres não devem ser oprimidas, não devem ser feitas só para procriar». Nos casos de doença, Domingas Alves não hesita em afirmar que a proibição do planeamento familiar é «eliminar as mulheres».

Dói ver um homem como D. Ximenes Belo despenhar-se assim. É que o bispo de Dili não é um homem vulgar, como o provou abundantemente pela coragem, determinação e capacidade de liderança que pôs ao serviço do seu povo na resistência à barbárie do regime indonésio.

Por isso mais invulgar se torna vê-lo assumir - ainda por cima como prioridade para Timor-Leste - a grotesca cruzada há anos conduzida pelo actual papa contra o planeamento familiar.

O mesmo papa, aliás - e só para nos atermos a um exemplo directamente relacionado com os timorenses -, que abençoou a Indonésia de Suharto numa deslocação pontifical, escusando-se ao mesmo tempo a visitar Timor-Leste (quando nada o impedia) no preciso momento em que as chacinas dizimavam os tais «90 por cento de católicos timorenses». Nessa altura, os direitos humanos dos timorenses nascidos e a morrer às mãos do regime então adulado pelo papa foram menos importantes, para João Paulo II, que os «direitos humanos» de hipotéticos seres a conceber...

Invulgar, ainda, ver D. Ximenes a assumir o totalitarismo, recorrente na história da Igreja Católica, de se considerar proprietária dos homens através do divino, tangendo-os em nome da fé num rebanho a que o Vaticano organiza a vida e dá ordens a seu bel prazer. Invulgar, para não dizer triste.

PCP apresenta projecto de lei Serviço de Estrangeiros tem poder a mais

O PCP prepara-se para apresentar um projecto de lei que visa alterar o regime de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros em território nacional, propondo-se limitar os excessivos poderes discricionários que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras hoje detém.

Como país de emigração e de imigração, Portugal deveria ter uma orientação política de acolhimento e integração dos imigrantes marcada pelo respeito pelos seus direitos cívicos, sociais e culturais, diz o PCP no preâmbulo do seu projecto de lei.

Porém, o actual Governo prossegue nesta matéria uma política de cariz autoritário e, apesar das boas palavras, acentua iniciativas e actos marcadamente repressivos e discriminatórios dos imigrantes, ao mesmo tempo que deixa praticamente incólumes os grandes interesses económicos e empresariais que se alimentam das redes de imigração ilegal e do trabalho clandestino.

Disto é exemplo, segundo o PCP, o Decreto-Lei 244/98, de 8 Agosto, que regulamenta a entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional que o PCP pretende alterar.

Entre outros aspectos negativos que enformam o actual Decreto-Lei, o PCP destaca a atribuição de poder

res de decisão discricionários e excessivos às autoridades administrativas, especialmente ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; a recusa de efeito suspensivo a todos os recursos apresentados relativamente a decisões de expulsão; a quase impossibilidade de entrada de imigrantes para trabalhar legalmente em Portugal; a possibilidade de anulação administrativa de autorizações de residência permanentes, através do sistema estabelecido de renovação dos respectivos títulos.

Combater exploração

Também a aplicação da pena acessória de expulsão a estrangeiros, após o cumprimento de penas de prisão e a proibição da entrada em Portugal de cidadãos que tenham o seu nome inscrito na lista nacional de pessoas não admissíveis ou na lista do Sistema Schengen são aspectos que merecem a firma crítica dos comunistas.

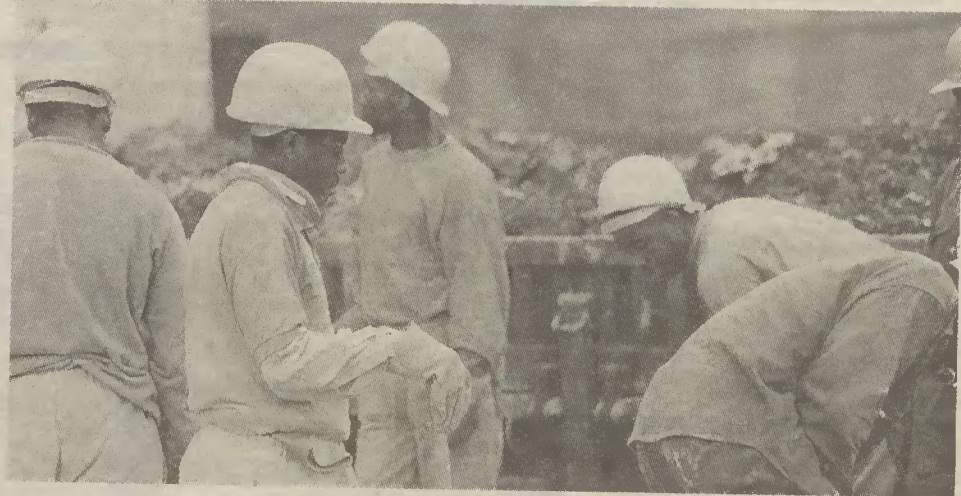
Com o presente projecto de lei de revisão global da «Lei de Estrangeiros», o PCP visa, pois, a limitação dos poderes discricionários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; a possibilidade da concessão de autorização de residência aos cidadãos

estrangeiros que tenham contratos de trabalho em Portugal; a adopção de um regime mais aberto e menos policia de obtenção de vistos de trabalho e o combate à exploração ilegal do trabalho de estrangeiros, através da definição de um regime sancionatório dissuasor.

Governo penaliza imigrantes e poupa grandes interesses económicos

Uma outra questão que o projecto pretende cobrir, diz respeito à extensão do direito ao reagrupamento familiar,

especialmente das crianças e menores em geral, a quem passaria a ser conferida uma especial protecção quando desacompanhados e a adopção de um sistema de renovação da autorização de residência.



Alcoolismo

Fazer regredir o problema

Na terça-feira, Carlos Carvalhas e uma delegação do PCP visitaram o Centro de Alcoologia de Coimbra e reuniram com a sua Direcção.

A preocupação do PCP foi aprofundar o estudo da situação nacional em matéria de alcoolismo e problemas associados e conhecer a experiência e dificuldades daquele Centro que intervém em toda a zona centro do país.

No fim da visita o Secretário-Geral do PCP afirmou-se favoravelmente impressionado com o serviço prestado à comunidade pelos profissionais daquele Centro, que se debatem com enormes carências, e mostrou-se preocupado com o agravamento acentuado dos problemas ligados ao álcool, de que o nosso país é o maior consumidor mundial.

Carvalhas lamentou que a

comissão interministerial de luta contra o alcoolismo a quem competia apresentar um plano de acção até Setembro de 1999 ainda não o tenha feito e, referindo o empenhamento do PCP em contribuir para fazer regredir este flagelo social, defendeu algumas medidas pontuais, como a necessidade dum linha telefónica nacional de ajuda e prevenção, a urgência de participação dos

medicamentos prescritos nestes casos - o que actualmente não acontece -, e a atribuição aos serviços de alcoologia dos meios necessários às suas responsabilidades.

Carlos Carvalhas mostrou-se favorável a medidas de bom senso que dificultem o acesso ao álcool, particularmente da juventude e contrário a «leis secas» que nada resolvem.



PCP recebe Farmacêuticos

Uma delegação do PCP composta por Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do PCP, e Edgar Correia, membro da Comissão Política, recebeu na passada terça-feira, na sede nacional do Partido, a Associação Portuguesa de Farmacêuticos Hospitalares.

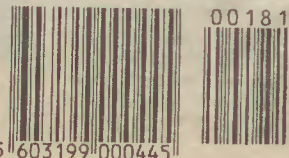
CD por Timor

O CD «Uma escola para Timor Loro Sae» teve ontem a sua sessão pública de lançamento. Uma edição de 5000 CD's de que o resultado da venda reverterá, na sua totalidade, para a campanha promovida pela Federação Nacional de Professores (FENPROF) «Uma Escola para Timor Loro Sae».

Esta campanha de solidariedade tem por objectivo apoiar o povo timorense na construção da nação Timor Loro Sae no plano da Educação, mais especificamente ao nível da construção de edifícios escolares e de equipa-

mentos necessários ao desenvolvimento do seu sistema educativo e à formação de recursos humanos.

À campanha juntaram-se a Câmara Municipal de Lisboa, a Federação Regional de Lisboa de Associações de Pais, a CIG (Confederação Intersindical Galega) e EBAHL (Equipamento dos Bairros Históricos de Lisboa).



00181